

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

DEYSEANE MARIA ARAÚJO LIMA

ProJovem Urbano da Escola Papa João XXIII do Bairro Vila União: Significados atribuídos pelos jovens na perspectiva da Psicologia Comunitária e da Psicologia Ambiental.

FORTALEZA

2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

DEYSEANE MARIA ARAÚJO LIMA

ProJovem Urbano da Escola Papa João XXIII do Bairro Vila União: Significados atribuídos pelos jovens na perspectiva da Psicologia Comunitária e da Psicologia ambiental.

Dissertação apresentada à banca examinadora da Universidade Federal do Ceará (UFC), como requisito para obtenção do título de mestre em Psicologia.
Orientadora: Prof. Dra Zulmira Áurea Cruz Bomfim

FORTALEZA

2010

DEYSEANE MARIA ARAÚJO LIMA

ProJovem Urbano da Escola Papa João XXIII do Bairro Vila União: Significados atribuídos pelos jovens na perspectiva da Psicologia Comunitária e da Psicologia ambiental.

Fortaleza, 28 de abril de 2010.

Data da Aprovação: 28/04/2010

Profa. Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim (Orientadora)

Profa. Dra. Kelma Socorro Lopes de Matos

Prof. Dr. César Wagner de Lima Góis

"Lecturis salutem"

Ficha Catalográfica elaborada por

Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593

tregina@ufc.br

Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

L697p

Lima, Deyseane Maria Araújo.

ProJovem Urbano da Escola Papa João XXIII do bairro Vila União [manuscrito] : significados atribuídos pelos jovens na perspectiva da psicologia comunitária e da psicologia ambiental / por Deyseane Maria Araújo Lima. – 2010.

146f. : il. ; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Dissertação(Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza(CE), 28/04/2010.

Orientação: Profª. Drª. Zulmira Áurea Cruz Bomfim.

Inclui bibliografia.

1- PSICOLOGIA COMUNITÁRIA – VILA UNIÃO(FORTALEZA,CE).
 2-PSICOLOGIA AMBIENTAL – VILA UNIÃO(FORTALEZA,CE).3-JOVENS DA CIDADE – VILA UNIÃO(FORTALEZA,CE) – ATITUDES.4-JOVENS POBRES – VILA UNIÃO(FORTALEZA,CE) – ATITUDES.5-PROJOVEM URBANO.
 I-Bomfim, Zulmira Áurea Cruz, orientador.II-Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.III-Título.

CDD(22ª ed.) 305.235098131091732

24/10

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter iluminado o meu caminho e os meus pensamentos.

À minha vó Nilza, mulher de garra, pela determinação, amor e pela força de vontade em vencer na vida.

À minha mãe Socorro, pela dedicação, confiança, amor e pelo apoio incondicional.

Ao Wesley, pelo amor, carinho, amizade e companheirismo em todos os momentos desta etapa

À Seu Chico, pelo afeto e a paciência nos momentos relevantes da minha vida.

À minha família, pela contribuição nesta conquista.

Às Psicoamigas (Camila, Larissa, Luiza e Paula), grandes amigas da graduação em psicologia da Unifor, pelo amor de irmãs, os momentos de distração e pela escuta sempre atenta e carinhosa.

À minha amiga Joana Nóbrega por compartilhar a vida.

À minha eterna professora e amiga Verônica Salgueiro, por ter sempre acreditado no meu potencial.

Às amigas arteterapeutas (Juniana, Elisângela e Mirelle), que estiveram sempre me incentivando nesta empreitada.

À Lourdes, Cristiane, Mariana, Gardênia, Bruna e Socorro, pelos momentos de descontração.

À Zulmira, pelas orientações e construções conjuntas ao longo do mestrado, auxiliando-me com experiência e sabedoria, vendo nesta dissertação um fruto também seu.

Aos amigos do percurso do mestrado (Ticiane, Rubens, Helenira, Alexandre, Carol Aires, Letícia, Luana, João Paulo, Luciana Félix, Shirley Dias...), pelos momentos de “práticas discursivas” e pelo convívio nesta nossa jornada.

Aos professores do mestrado em psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), principalmente a Zulmira Bomfim, a Jesus García Pascual, a Veriana Colaço, a Verônica Ximenes, Ricardo Mello, por me ajudarem no aprimoramento profissional.

Aos professores da graduação em psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), principalmente a Tereza Gláucia, a Verônica Salgueiro, a Gisneide Everdosa, a Cláudia Jardim e o Cavalcante Jr, que ofereceram a base para a minha carreira acadêmica.

Ao Núcleo Cearense de Pesquisas e Estudos sobre a Infância (NUCEPEC), pelos momentos de formação e afetividade, especialmente aos participantes do projeto Novas

Cores, à Ticiana Santiago, à Ângela Pinheiro e Andréa Cordeiro. Agradeço pelo fato de ser nucepequiana.

Ao Grupo Esperançar, por promover trocas amorosas de conhecimentos.

Ao Laboratório de Psicologia Ambiental (LOCUS), por ter despertado o interesse nos estudos da Psicologia Ambiental.

À Geísa Sombra por ter me ajudado no processo seletivo do mestrado.

Aos professores Kelma Socorro Lopes de Matos e Cézár Wagner de Lima Góis pelas contribuições a este trabalho.

Aos jovens que se dispuseram a participar desta pesquisa e propiciaram momentos de aprendizagem e trocas de conhecimentos.

Aos professores do ProJovem Urbano, que demonstraram paciência e compromisso em resolver as dificuldades existentes.

À Coordenação do ProJovem Urbano, pelo interesse na realização da pesquisa.

À Escola Papa João XIII, que disponibilizou o espaço para a realização dos grupos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ao apoio material no desenvolvimento do trabalho.

Enfim, para aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização deste trabalho e de mais uma etapa de vida.

Muito obrigada!

RESUMO

A investigação consistiu em uma análise do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem Urbano) da Escola Papa João XXIII do bairro Vila União. Então, este estudo, visa compreender o ProJovem Urbano desta localidade, a partir de metodologias participativas da psicologia comunitária e da psicologia ambiental. Em decorrência, investigamos o alcance do mapeamento psicossocial participativo e das trilhas urbanas na re-inserção comunitária de alunos do ProJovem Urbano; relacionamos e aprofundamos o mapeamento psicossocial participativo e as trilhas urbanas com as bases teóricas da psicologia comunitária e da psicologia ambiental; propomos estratégias de re-inserção comunitária dos jovens pautadas na psicologia social. As bases teóricas se fundamentaram na psicologia comunitária e na psicologia ambiental e suas interfaces com a psicologia social, com o foco nas metodologias participativas de facilitação. O estudo abordou as concepções de juventude e contextualizou a política pública do ProJovem Urbano da Escola Papa João XXIII. A amostra constou de 20 alunos participantes do Programa da comunidade do bairro Vila União com a idade entre 18 e 29 anos. Em relação aos procedimentos metodológicos, utilizamos a pesquisa qualitativa e o método dialógico vivencial. Realizamos o mapeamento psicossocial participativo, as trilhas urbanas e os círculos de cultura nos grupos de jovens. Para registro dos dados foi utilizado o diário de campo perpassado pela observação participante do pesquisador. Na análise dos dados abordamos a construção de sentidos. Os resultados da pesquisa dividiram-se em dois macro-temas: 1) ProJovem Urbano e 2) Metodologias Participativas de Facilitação na Psicologia Comunitária e Psicologia Ambiental. Estes geraram temas, sub-temas e unidades de sentido de acordo as verbalizações individuais e coletivas presentes nos círculos de cultura. Sobre o ProJovem Urbano, percebemos os aspectos positivos e negativos do Programa, promovendo assim uma percepção diferenciada dos jovens participantes do processo. Sobre as Metodologias Participativas, discutimos sobre o mapeamento psicossocial participativo e as trilhas urbanas, as suas etapas, as formas de problematização da realidade, a possibilidade de re-inserção dos jovens com a comunidade. A relação entre as trilhas urbanas e o mapeamento psicossocial participativo, promoveu o conhecimento das especificidades, distinções e as possibilidades de atuação com estas metodologias, pautadas na psicologia comunitária e na psicologia ambiental. Neste sentido, estas propiciaram uma reflexão sobre a re-inserção e ressocialização dos jovens na sua comunidade, pois consistiu em uma forma de diálogo e de problematização da realidade, por meio do conhecimento e da sensibilização em relação ao lugar, que no caso foi à comunidade. Concluiu-se, portanto, que os jovens participantes do ProJovem Urbano tendiam geralmente a se afastar da comunidade, não participando das atividades comunitárias e nem se sentiam pertencentes aquele meio social. Percebemos isto em relação ao ProJovem desta realidade, pois apesar de receberem uma bolsa e frequentarem as aulas, não se sentem pertencendo naquele meio e nem efetivamente participam de suas decisões e construções. Ressaltamos a importância da vinculação dos jovens na sua comunidade, a partir de promoção de atividades que permitam a sua socialização e integração neste contexto, assim como, a participação efetiva e contextualizada destes no ProJovem Urbano, constituindo assim uma política de/para/com as juventudes e a juventude.

Palavras chaves: Juventude, Metodologias Participativas, Afetividade, Comunidade

ABSTRACT

The investigation consisted in the analysis of Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem Urbano) from Papa João XXIII School in Vila União neighborhood. So, this research tries to comprehend ProJovem Urbano in this place, through participative methodologies of community psychology and environmental psychology. In consequence, we investigated the reach of the psychosocial participative mapping and the urban trails in communitary re-insertion of the ProJovem Urbano students; we made relations and pored over the psychosocial participative mapping and the urban trails with the theoretical bases of community psychology and environmental psychology; we proposed strategies of communitary re-insertion of the youngsters based on social psychology. The theoretical bases are community psychology, environmental psychology and their interfaces with social psychology, highlighting the facilitation participative methodologies. The research broached the youth conceptions and contextualized the public policy of ProJovem Urbano from Papa João XXIII School. The sample had 20 students, which were members of the program in Vila União community, with the ages between 18 and 29 years. The methodology used was the qualitative research and the dialogic life-based method. We performed the psychosocial participative mapping, the urban trails and the cultural circles in the youngsters' groups. To register the data, we used the field diary spanned by the participative observation of the researcher. To analyze the data, we utilized the sense building. The results of the research are divided into two macro-themes: 1) *ProJovem Urbano* and 2) Facilitation Participative Methodologies in Community Psychology and Environmental Psychology. They generated themes, sub-themes and the unities of sense according to the individual and collective speaks in the cultural circles. About *ProJovem Urbano*, it was a moment of analysis about positive and negative aspects of this program, providing a differentiated perception of the youngsters. About Facilitation Participative Methodologies, we could reflect about psychosocial mapping and urban trails, their stages, the ways of questioning the reality, the possibility of re-inserting the youngsters in the community. The relation between urban trails and participative psychosocial mapping made possible the knowledge about the specificities, differences and possibilities of acting with these methodologies, based in theoretical and practical way, community psychology and environmental psychology. Therefore, these psychologies provided a reflection about the re-insertion and re-socialization of the youngsters to the community, because they made possible the dialogue and the questioning of the reality by the knowledge and sensitivity to the place – the community, in this case. So, we concluded that the youngsters of *ProJovem Urbano* usually tend to stay far from the community, not participating to the community activities and not feeling like a member of that social environment. We also perceived this towards the program, because the youngsters receive a bursary and go to the classes, but they don't feel like a person who belongs to that environment and don't participate sure enough to the decisions and buildings. We highlight the importance of the youngsters connection to the community, the providing of activities that allow their socialization and the integration to this context. We also highlight the effective and contextualized participation of the youngsters in *ProJovem Urbano* to build a policy of/for/with the youths and the youth.

Keywords: Youth, Participative Methodologies, Affectivity, Community.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. O PROGRAMA NACIONAL DE INCLUSÃO DE JOVENS (PROJOVEM): CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS DE/PARA/COM AS JUVENTUDES.....	18
2.1. Juventude e juventudes: qual a nossa concepção?.....	18
2.2. Juventudes Sujeitos Construtores de sua História: ProJovem Integrado.....	21
2.2.1. Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem Urbano).....	23
3. MAPEAMENTO PSICOSSOCIAL PARTICIPATIVO E TRILHAS URBANAS: METODOLOGIAS DE FACILITAÇÃO NA PSICOLOGIA COMUNITÁRIA E NA PSICOLOGIA AMBIENTAL.....	27
3.1. A Psicologia Comunitária.....	28
3.1.1. Comunidade: Processo De Inserção Com A Comunidade.....	31
3.1.2. Mapeamento Psicossocial Participativo.....	34
3.2. Psicologia Ambiental.....	38
3.2.1. Trilhas Urbanas.....	41
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	47
4.1. Pesquisa Qualitativa.....	47
4.2. Método Diálogo Vivencial.....	47
4.3. Definição Do <i>Lócus</i> E Participantes Da Pesquisa.....	51
4.4. Procedimento: Construção De <i>Corpus</i> Da Pesquisa.....	52
4.5. Procedimento: Construção Dos Instrumentos Da Coleta De Dados.....	55
4.6. Instrumentos De Registro.....	56
4.7. Análise Dos “Dados”: Compreensão Do <i>Corpus</i> Da Pesquisa.....	56
5. PROGRAMA NACIONAL DE INCLUSÃO DE JOVENS (PROJOVEM URBANO).....	59
5.1. Concepções Do ProJovem Urbano Sob A Óptica Dos Seus Alunos.....	59
6. A COMUNIDADE SOB A ÓTICA DOS ALUNOS DO PROJOVEM.....	73

6.1. Percepções Dos Jovens Sobre A Comunidade A Partir Do Mapeamento Psicossocial Participativo.....	73
6.2. Percepções Dos Jovens Sobre A Comunidade A Partir Das Trilhas Urbanas.....	81
6.3. Reflexões Sobre O Mapeamento Psicossocial Participativo E As Trilhas Urbanas: Uma Possível Relação?.....	86
7. CONCLUSÃO.....	90
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICE A: DIÁRIO DE CAMPO.....	101
APÊNDICE B: ESTRUTURA DAS UNIDADES DE SENTIDO.....	116
ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.).....	145
ANEXO B: APROVAÇÃO NO CÔMITE DE ÉTICA.....	146

1. INTRODUÇÃO

A juventude é uma temática que me interessa bastante e pela qual tenho grande afinidade, o que possibilitou assim estudos, pesquisas e facilitações com jovens no Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisa sobre a Criança (NUCEPEC)¹. Possuo uma afinidade e interesse no trabalho com os jovens, pois além de ser um grupo ao qual me identifico, é essencial conhecermos como cada jovem sente, vivencia e pensa sobre a temática estudada nesta pesquisa. Trabalhar com os jovens é sempre desafiador, imprevisível e instigante.

Meu interesse pela psicologia comunitária é oriundo de questionamentos levantados acerca desta no decorrer de estágio em um bairro de Fortaleza, das reflexões geradas na disciplina de Psicologia Comunitária e de grupos de estudo realizados no Núcleo de Psicologia Comunitária (NUCOM)², durante a minha graduação.

Por sua vez, as inquietações surgidas a partir da psicologia ambiental são provenientes de disciplina realizada na graduação, e de minha participação em atividades no Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental (LOCUS)³.

A partir destas experiências, surgiram questionamentos sobre o trabalho do psicólogo comunitário e ambiental em sua inserção com a comunidade e na utilização de metodologias participativas com os jovens. Refleti sobre a importância destas metodologias no pensar, no sentir e no vivenciar dos jovens em relação a sua realidade, bem como a possibilidade de perceber as formas de inserção e re-inserção na comunidade em que vivem. Sobre os estudos nesta área,

na academia, depois de anos de total descaso à temática, o tema juventude volta a fazer parte das suas preocupações e interesses em teses de mestrado e doutorado. No entanto, as reflexões têm como objetivo precípua discutir os sistemas e instituições presentes nas vidas dos jovens, ou mesmo as estruturas sociais que evidenciam situações “problemáticas” para estes. Embora já existam iniciativas nesse sentido, poucos são os trabalhos que enfocam o modo como os próprios jovens vivem e elaboram essas situações (ADAD, 2006, p. 133).

A psicologia social latino-americana tem como visão de homem um ser histórico social, agente de mudanças em constante movimento, constituído e constituinte da cultura em que está inserido, com ênfase na transformação e no compromisso social. Visa à transformação de condições de opressão, exploração e exclusão social, tem como

¹ Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisa sobre a Criança (NUCEPEC) foi criado em 1993 a partir da constatação da necessidade de discussão e reflexão sobre a temática da infância e adolescência, contando com a participação da comunidade acadêmica e de outras instituições ligadas à temática.

² O Núcleo de Psicologia Comunitária (NUCOM) está cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará (UFC) desde 1992, realizando atividades de ensino, pesquisa e cooperação universitária na área da Psicologia Comunitária.

³ O Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental (LOCUS) é um núcleo de extensão que desde 2003 vem desenvolvendo pesquisa, ensino e extensão na área de Psicologia Ambiental, construindo redes de atuação interdisciplinar com as áreas de Psicologia, Educação, Geografia, Arquitetura e outras áreas.

compromisso os sujeitos contextualizados em sua realidade e a desnaturalização das problemáticas sociais. (LANE, 2004).

Nesta perspectiva, realizar uma atuação implica numa reflexão sobre o contexto em que os sujeitos estão inseridos, bem como auxilia na construção de uma ação transformadora da realidade histórico-social e ameniza situações de exclusão social, com as quais se encontram envolvidos.

Geralmente, a exclusão é concebida como o não consumir e não ter bens materiais, o que resulta em uma culpabilização das pessoas envolvidas neste processo. Nossa concepção de exclusão vai, além disto, pois se relaciona com a negação dos direitos sociais fundamentais e o seu não reconhecimento como sujeito, permeado pela injustiça, desigualdade e a exploração social. (FREIRE, 1983)

Para Sawaia (2004, p. 9) “[...] a exclusão é processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É processo sutil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela [...]”. Assim, a exclusão e a inclusão formam um par indissociável e dialético, em um processo de manutenção da ordem social. Nesse sentido, questionamos sobre a exclusão disfarçada de inclusão, que são duas faces da mesma moeda, pois estas interagem dialeticamente em um processo de manutenção da opressão, garantia da exploração social e de tornar natural o que é histórico.

A exclusão e a inclusão podem ser encaradas como processos psicossociais presentes na nossa sociedade, que devem ser problematizados e questionados pelos profissionais que atuam nesta área bem como pelos grupos oprimidos, a sociedade civil e o Estado.

Geralmente, os jovens formam um desses grupos excluídos socialmente, por causa da pobreza, pelo uso de drogas, pela gravidez precoce, a rebeldia, a violência doméstica, dentre outros fatores. Desta forma, são considerados marginalizados e vulneráveis socialmente, isto propicia o situações de isolamento, anomia e solidão. Assim, como também o afastamento da sua comunidade e de outros grupos sociais.

Assim, indagamo-nos, como esta situação pode gerar o distanciamento dos jovens em relação a sua comunidade? Como os jovens podem implicar-se na sua comunidade de forma potencializadora? Como é possível o processo de re-inserção com a comunidade?

Os jovens são ‘vítimas’, por que estão na idade de maior inquietação e demanda por experiências novas e diferentes. Quando não encontram na escola, na família, ou nos bairros respostas às suas inquietações, vão procurá-las nas ruas, espaço desestruturado e aventureiro, com possibilidade de ganho ou diversão, porém cheio de perigos. (MELLO, 2004, p. 135-136).

É interessante que os jovens possam participar de atividades na sua comunidade e reconhecer o seu potencial e suas dificuldades, promovendo ações transformadoras e a sua ressocialização e re-inserção através de políticas públicas destinadas para estes. A comunidade, para Góis (2008, p. 85) na psicologia comunitária é,

[...] uma instância da sociedade ou da vida de um povo ou nação que a reflete com uma dinâmica própria; é o lugar de moradia, de permanência estável e duradoura, de crescimento, de orientação e de proteção da individualidade ante a natureza e a sociedade; como a sociedade que a circunda e influencia, apresenta um processo sociopsicológico próprio, cheio de contradições, antagonismos e interesses comuns, que servem de construção e orientação das ações dos moradores em relação ao próprio lugar e à sua inserção no conjunto da sociedade. É o espaço social de intermediação da vida familiar com a vida da sociedade, no qual o indivíduo é confirmado como membro de uma determinada cultura e com uma determinada identidade de lugar. [...]

A comunidade é um espaço que propicia as interações sociais entre os moradores, a realização de atividades e a reivindicação dos seus direitos. Para os jovens, é um espaço fora do meio familiar de desenvolvimento pessoal e coletivo. A partir de atividades realizadas na comunidade, estes jovens podem conhecer o modo de vida local e estabelecem o vínculo com o lugar e com as pessoas.

Estes jovens devem ser sujeitos atuantes na construção de sua história e da sua comunidade. É interessante que conheçam e se apropriem da cultura local, da saúde, da educação e do lazer em sua comunidade. (ARAÚJO, 2008)

Neste sentido, um Programa Federal que trabalha com estratégias de inclusão de jovens no mercado de trabalho e de sua interação e re-inserção com a comunidade é o ProJovem Urbano. Estes jovens não concluíram o ensino fundamental e foram excluídos da rede de ensino regular, por diversos fatores, como, por exemplo, indisciplina, gravidez, uso de drogas, violência doméstica, exploração sexual, dentre outros fatores. Estes sujeitos são acolhidos no programa, que visa à qualificação profissional, à ação comunitária, à participação cidadã, o ensino e aprendizagem (SOUSA & CARVALHO *et. all.*, 2008).

A escolha do Programa para esta pesquisa relaciona-se com a oportunidade que estes jovens têm de se desenvolverem cognitivamente, profissionalmente e afetivamente enquanto cidadãos e construtores de sua história e da sua comunidade. Algumas vezes a escola afasta-se das questões sociais que envolvem aquele contexto, como a segurança pública, o saneamento, as condições de saúde, a habitação, a coleta seletiva de lixo, a segurança, a problemática ambiental, entre outras questões.

O ProJovem Urbano promove a ressocialização dos jovens excluídos e oprimidos na comunidade em que vivem, possibilitando melhores condições de vida a partir da

aquisição de conhecimentos teórico e práticos, formentando uma postura participativa em relação ao seu contexto. Conforme Silva (2008, p. 39), estes jovens deparam-se neste Programa como uma,

[...] educação voltada para a vida, que parta da ação concreta e significativa dos sujeitos no mundo, vinculada à cultura e ao trabalho; no desenvolvimento de novas sociabilidades, baseadas em princípios solidários, coletivos e de cooperação, por meio de organização autônoma e crítica dos jovens e sua articulação com os movimentos sociais; e numa formação que possibilite uma compreensão crítica e histórica da realidade, situando os jovens como sujeitos da transformação.

É uma forma de entender que o processo de escolarização inclui também a relação com a comunidade em que faz parte, com a cidade em que vive e a sociedade que influencia estes jovens. A comunidade seria este lugar em que os jovens interagem com os outros, convivem, estudam e desenvolvem-se. Assim, é possível a formação de vínculos afetivos e a sua ressocialização.

Campos & Brito *et. all.* (2008, p. 84) ressaltam a importância deste Programa, pois

É a primeira vez que um programa educacional do Ensino Básico inclui em seu currículo oficial a dimensão Ação Comunitária, com metodologia e garantia de espaço específico na sua proposta pedagógica, para se discutir participação, planejamento, execução e avaliação de um projeto que tem a finalidade de contribuir para que os jovens reflitam sobre a sua comunidade e proponham *atuações (grifo nosso)* que visam provocar mudanças na realidade local.

Esta ação refere-se à atuação dos jovens com a sua comunidade, de forma educativa, que não deve ser baseada em uma simples prestação de serviços à sua realidade, como se desta fosse alheio. Mas sim a implicação nas problemáticas da sua comunidade, a participação efetiva em suas atividades, o cuidado ambiental, o questionamento sobre as políticas públicas.

Isso pode ser complementando, quando Campos (2008, p. 88) afirma que no ProJovem Urbano, “a proposição de que a Ação Comunitária deve proporcionar vivências solidárias, cooperativas, cidadãs e de livre escolha dos jovens, ensejou diferentes entendimentos dos gestores e dos educadores”. Então, este Programa seria uma política que promove a re-inserção dos jovens na comunidade?

Este questionamento nos faz refletir sobre o Programa de inclusão na rede regular de ensino para os jovens. Podemos sintetizar essas reflexões sob a forma de indagações: O Programa é realmente eficaz? Promove a qualificação profissional? O que é necessário para este Programa possa se configurar em uma verdadeira forma de inclusão? Para isto é necessário compreender o ProJovem Urbano a partir do relato dos seus alunos, focalizando nas suas dificuldades e nos seus potenciais.

Além deste aspecto, ressaltamos a atuação do psicólogo comunitário e ambiental, como este profissional a partir dos seus conhecimentos e de sua prática pode promover e construir metodologias contextualizadas com as especificidades de sua atuação. Neste sentido, são relevantes as metodologias na psicologia comunitária e ambiental que podem propiciar a re-inserção e ressocialização dos jovens em relação a sua comunidade.

Neste âmbito, a psicologia ambiental apresenta ainda uma falta de desenvolvimento de metodologias específicas na área e um desconhecimento das metodologias existentes. (MOSER, 2005). Por ser uma área de conhecimento nova, a psicologia ambiental gera ainda questionamentos sobre a sua atuação e as possibilidades de interação pessoa-ambiente, em que estão presentes os aspectos afetivo, cognitivo, individual e coletivo.

Pinheiro & Günther (2008) ressaltam que é essencial promover o diálogo entre as metodologias de facilitação nas interações pessoa-ambiente. E enfatiza a necessidade de se construir novas metodologias e de aprofundar as existentes, pois isto possibilita o repensar à atuação de profissionais na área.

Estudar as metodologias de facilitação na psicologia ambiental é uma forma de analisá-las na prática, pois promovem a vivência dos espaços pelos sujeitos envolvidos, a construção da identidade, a vinculação afetiva entre ambiente e pessoa. Esta é uma maneira de aprofundarmos as metodologias no âmbito da interação pessoa-ambiente.

Nesta perspectiva, uma das metodologias em psicologia ambiental seriam as trilhas urbanas, que são visitas a lugares com ajuda de um instrutor que sensibiliza o grupo sobre os aspectos históricos, sócio-políticos e geográficos da região. Os conteúdos abordados podem ser relacionados à psicologia ambiental e à educação ambiental, como: a preservação do patrimônio histórico, a apropriação, a percepção dos espaços, entre outras temáticas.

As trilhas urbanas foram estudadas no Laboratório de Psicologia Ambiental (LOCUS), na pesquisa “A Cidade e a Escola” (FONSECA & BOMFIM, 2006b) com o foco na afetividade de jovens em relação ao seu bairro. O estudo também aponta no ensino da Psicologia Ambiental em disciplinas na Universidade Federal do Ceará (UFC), como uma forma didática de entrar em contato com o meio, de conhecer a problemática ambiental, de relacionar a teoria estudada com a prática, entre outras.

Em outro projeto do departamento de História da Universidade Federal do Ceará (UFC), denominado “Trilhas da Cidade: O Bairro do Benfica” foram realizadas trilhas com o objetivo de estudar a História e Memória do Bairro Benfica. Assim, é possível observar diversos monumentos, edificações e sujeitos que remetem a processos de construção da

Cidade de Fortaleza, fins do século XIX, proporcionando aos participantes novas relações de sociabilidade, pertencimento sobre o patrimônio histórico e cultural.

Na Educação Ambiental, para Menghini (2005) as trilhas interpretativas têm como objetivo a sensibilização com o meio, a educação e a possibilidade de reconhecer a fauna, a flora, a história, a geografia, o meio ambiente, entre outros.

Pinheiro & Günther (2008), no livro *Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente*, organiza uma coletânea de métodos que podem ser utilizadas na psicologia ambiental, como a autobiografia ambiental, a percepção, a representação ambiental, o mapeamento comportamental, os vestígios ambientais, entre outros.

Portanto, indagamos sobre como seria a realização das trilhas com os jovens, quais etapas são essenciais na realização destas trilhas e de que modo elas possibilitam o contato com a comunidade.

Por sua vez, as metodologias de facilitação na psicologia comunitária podem, “[...] dar ênfase à atuação do profissional no sentido da construção do conhecimento crítico e do cuidado ambiental, tendo como lócus da ação a comunidade em seu dia-a-dia e em seu potencial de vida comunitária”. (GÓIS, 2008, p. 143).

Estas metodologias possibilitem uma troca entre o saber popular e o científico, a autonomia da comunidade, a vivência do modo de vida comunitário, a compreensão das atividades comunitárias, o reconhecimento das problemáticas vivenciadas e dos potenciais a serem desenvolvidos. A transitividade da consciência dos moradores, não a sua alienação e dominação.

Na psicologia comunitária, uma destas metodologias é o mapeamento psicossocial participativo que se refere a visitas, caminhadas e conversas que o psicólogo realiza na comunidade de forma cooperativa e desveladora. Estas visitas proporcionam o reconhecimento da história da comunidade, das atividades comunitárias, dos significados, dos sentidos e dos sentimentos dos moradores em relação ao lugar em que vivem.

Sobre o mapeamento, é citado e utilizado por alguns autores na psicologia comunitária, como no caso de Rodrigues (2007), que afirma ser uma forma do psicólogo conhecer o modo de vida comunitário; como nos estudos desenvolvidos por Góis (2005), quando se remete ao processo de inserção na comunidade e no mapeamento sócio-psicológico e ambiental da comunidade/território (GÓIS, 2008); como nas reflexões de Montero (2006) sobre o processo de entrada do profissional na comunidade e sua familiaridade; e no mapeamento realizado em pesquisas e facilitações no Núcleo de Psicologia Comunitária (NUCOM), entre outros

Então, questionamos sobre, como é a realização do mapeamento na psicologia comunitária com jovens? Quais etapas são fundamentais neste processo? Como esta metodologia pode propiciar a re-inserção dos jovens na comunidade? Como esta metodologia pode trazer subsídios para a re-inserção dos alunos do ProJovem Urbano?

A partir da realização do mapeamento psicossocial participativo e das trilhas urbanas é possível perceber a forma como estas metodologias foram experienciadas pelos mesmos, além de promover uma reflexão sobre o ProJovem Urbano no contexto da pesquisa.

Assim, problematizamos como estas metodologias na psicologia social, favoreceram a re-inserção dos jovens moradores em sua comunidade? Esta pesquisa é uma possibilidade de buscar métodos que promovam uma maior inserção e implicação dos jovens na comunidade onde vivem.

Então, o objetivo geral deste estudo é compreender o significado do ProJovem Urbano da Escola Papa João XXIII do Bairro Vila União por seus alunos, a partir de metodologias participativas da psicologia comunitária e da psicologia ambiental.

Em decorrência, vamos: investigar o alcance do mapeamento psicossocial participativo e das trilhas urbanas na re-inserção comunitária de alunos do ProJovem Urbano; relacionar e aprofundar o mapeamento psicossocial participativo e as trilhas urbanas com as bases teóricas da psicologia comunitária e da psicologia ambiental; propor estratégias de re-inserção comunitária pautadas na psicologia social. Desta forma, estamos realizando um recorte da realidade, abordando apenas uma escola do ProJovem Urbano de Fortaleza, compreendendo a escola estudada pela construção dos sentidos construídos por seus alunos.

Nesta dissertação, na primeira parte refletiremos sobre a juventude e o ProJovem Urbano; na segunda parte, abordaremos as metodologias participativas na psicologia comunitária e na psicologia ambiental focalizando no Mapeamento Psicossocial Participativo e as Trilhas Urbanas. Estas partes contemplam as duas temáticas principais abordadas nesta pesquisa.

Deparamo-nos com os nossos procedimentos metodológicos, com ênfase na pesquisa qualitativa, no método dialógico vivencial. Nesta etapa, justificaremos a escolha do *locus* e participantes da pesquisa. Assim como construiremos o *Corpus* da pesquisa e abordaremos a análise de dados, que será pautada na construção de sentidos. Além de apresentarmos os dados e discutirmos fazendo uma relação entre a teoria e a prática. E, finalmente, retratamos as considerações finais do trabalho e as referências bibliográficas.

2. O PROGRAMA NACIONAL DE INCLUSÃO DE JOVENS (PROJOVEM URBANO): CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS DE/PARA/COM AS JUVENTUDES.

2.1 - Juventude e Juventudes: Qual a nossa concepção?

A construção da concepção de infância e adolescência, para Ariés (1981), ocorreu por causa das transformações na estrutura familiar, o surgimento da escola e a mudança no processo de escolarização.

Na idade média, a família tornou-se um lugar de afeto e convívio entre seus membros (ARIÉS, 1981), não havia anteriormente esta concepção de infância e adolescência, nem mesmo o sentimento de família, pois adultos e crianças compartilhavam das mesmas atividades tanto laborais como domésticas. Surge a necessidade da escola para transmitir uma nova moral, que visava um afastamento destas crianças da rua e de ambientes fora do convívio familiar.

Por meio destas transformações históricas, sociais, é possível “construir-se” a adolescência, designando-a como uma fase da vida, após a infância. Cada período histórico traz novas reflexões, significações e caracterizações sobre a concepção de infância e de adolescência. Desta forma, destacamos a adolescência como uma fase que,

[...] Ao longo das últimas décadas, foi apresentada como rebelde nos anos 1950, a ser encarada como perturbadora da ordem social entre os anos de 1960 e 1970, tendo por fim o adjetivo de apática entre os anos 1980 (ABRAMO, 1997). Nos anos 1990 parece que de um lado as juventudes – compreendemos que há diversas juventudes, pois os jovens não têm vidas e pensamentos homogêneos – aparece como desencantadas, apolíticas, sem perspectivas, e, por outro, ligadas, em especial na mídia, à violência. É como se em todas essas décadas fosse possível falar de uma só juventude, representando as demais, como frisamos (MATOS, 2006a, p. 34).

Desta forma, questionamo-nos sobre: Como podemos refletir sobre a juventude como natural, homogênea e universal se essa foi historicamente construída? Como podemos caracterizar a juventude? Como pensar a juventude como uma categoria, se é complexa e multifacetada? Construir uma definição da juventude não é fácil, principalmente porque os critérios que a constituem são sociais, históricos e culturais. E cada grupo trás especificidades e individualidades que lhes são próprias e caracterizam a constituição de juventudes. Assim, ressalta-se que ao,

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado,

muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta. [...] (DAYRELL, 2002, p. 3).

Juventude, no singular, expressa uma fase da vida, que vai acontecendo conforme a trajetória de cada jovem. É um processo, está sempre em construção, não deve ser considerado estático e nem fixo, pois é um período com muitas possibilidades e desafios. Juventudes, no plural, referem-se à complexidade das expressões dos jovens nos contextos sociais em que estão inseridos, a diversidade dos modos de ser jovem (REIS, 2006).

Nesta compreensão, ressaltamos as juventudes e a juventude, pois nos remete à dimensão biológica e emocional característica desta fase. Não é um processo uniforme, tem especificidades que marcam a vida de cada jovem, de acordo com o seu contexto, as relações sociais, as oportunidades, as necessidades e as potencialidades. Sem esquecer os aspectos do desenvolvimento específico desta fase.

Percebe-se que as juventudes apresentam significados e um percurso diferenciado de acordo com o meio sócio-econômico, contextos e circunstâncias na vida de cada jovem. Este termo encontra-se com o plural, o múltiplo assim como a unicidade dos jovens, bem como algumas características em comum que perpassam estas gerações. (UNESCO, 2004).

Alguns estudiosos concebem a juventude como uma fase de mudanças e transformações emocionais e biológicas, mas que não pode ser compreendida de maneira estática, fixa e estereotipada.

Embora, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) considere que o adolescente apresenta idade de 15 a 19 anos e jovem tem entre 20 a 24 anos. Matos (2003) nos alerta que não é somente a faixa etária que define a juventude, pois temos de acrescentar o seu posicionamento no mundo, a responsabilidade por suas ações e os fatores sócio-históricos e culturais.

Estes fatores permitem analisarmos as desigualdades sociais, a situação de classes que influencia na vida das juventudes, como, por exemplo, o jovem que tem de trabalhar para sustentar sua família e os irmãos e, por isso, não pode ir à escola. Assim, estes aspectos podem limitar ou facilitar o desenvolvimento destes.

Em termos de idade, não há limites fixos de fronteiras para início e fim da juventude. O recorte incide mais sobre os aspectos relativos a cortes cronológicos. Alguns autores delimitam-na entre 15 e 24 anos, mas outros concebem-na de modo mais amplo, com limite inicial de 10 a 14 anos, sobretudo em áreas rurais ou de extrema pobreza e nos estratos sociais médios e urbanizados, entendendo-se aos 29 anos. (BOMFIM, 2006a, p. 49)

Assim, percebemos que há tanto um “encurtamento” desta etapa, ou pode até não ocorrer, ou não ser observada, como, por exemplo, alguns jovens que têm que trabalhar muito cedo e assumem responsabilidades de adultos. Por outro lado, esta fase permanece por certo período de tempo na vida adulta, ou seja, pode ser prolongada e está presente em outras fases da vida. É possível exemplificar com o fato de alguns adultos que preferem a segurança do lar paterno, sem contas e outras responsabilidades.

O jovem assim como o adulto, de acordo com Reis (2006), pode estudar e trabalhar, ter vida sexual ativa, casar e constituir família. Estas características não são exclusivas do adulto, mas dependem da realidade em que o jovem está inserido.

Embora esta aproximação aconteça, temos de ressaltar que esta fase traz algumas particularidades e necessidades próprias dos jovens. Como, por exemplo, uma forma diferenciada de relacionar-se, socializar-se, vivenciar a afetividade/sexualidade, inserção no mercado de trabalho, construção da identidade, entre outros fatores.

Em relação ao trabalho, a juventude é um período de grandes aquisições e de algumas cobranças, já que esta é uma possibilidade para alguns jovens de consumir e de melhorar a qualidade de vida, como sugere Matos (2006b).

A mídia “gera” necessidades de consumo que não são fundamentais para a vida dos jovens, atrelando o consumo à felicidade, à conquista de amigos, de gerar impressões no sexo oposto e de ser respeitável no grupo. (MATOS, 2006b).

No trabalho também estão presentes o crescimento e a aprendizagem destes jovens, porém nesse processo laboral há injustiças, discriminação, desigualdades, conflitos e uma forma de poder usufruir dos bens de consumo.

Isto pode ser observado, pois alguns jovens de pouca renda têm de trabalhar muito cedo para sustentar seus pais e os irmãos e, geralmente, deixam a escola antes de completar ou chegar ao ensino médio, o que dificulta arranjar um bom emprego, podendo acarretar oportunidades de trabalho insalubres e situação de desemprego (UNESCO, 2004).

Diante disto, observa-se também que a juventude é constituída pela mídia como sendo agressiva, fonte de desordem, e também como o progresso e o futuro da nação. É considerada uma fase conturbada com muitas indefinições (MATOS & MENEZES *et all.*, 2006a).

A mídia distorce a concepção do que é ser jovem, trazendo somente o lado negativo, com ênfase nas problemáticas e na rebeldia. Criam modelos que devem ser seguidos por estes, como no caso do consumo, quando os jovens não consomem as grifes da moda, ou

produtos produzidos pela mídia, pode gerar a exclusão do grupo, ou mesmo sentimentos de inferioridade, dentre outros.

Ao consumir o jovem sente-se fazendo parte do grupo, pode ser notado e reconhecido por este, é uma possibilidade de aparecer diante dos outros, ou seja, reflete um nível de *status* social. Assim, pode-se inferir que,

Os jovens, independentemente do nível sócio econômico, ou da escola em que estudam impulsionados pelos meios de comunicação, buscam consumir para serem reconhecidos, e até mesmo para experimentarem a sensação de não-exclusão em uma sociedade em que exclui a grande maioria das pessoas o tempo todo. [...] (MATOS, 2006b, p. 21)

Estes argumentos concebem geralmente a juventude como uma fase de disfunções sociais, por um lado; como de uma responsabilidade em mudar o país, por outro. Portanto, neste estudo não visamos ao foco na juventude como alguém que está somente num momento de passagem e de transição a destino da fase adulta. Tentamos negar esta concepção transitória e patologizante da Juventude presente nos meios de comunicação, por exemplo. Assim, queremos uma visão ampliada do que é a juventude e como estas juventudes podem se constituir. Refletimos então sobre o que o jovem pensa, sente e vivencia em relação a si mesmo e sua realidade.

2.2 - Juventudes Sujeitos Construtores de sua História: ProJovem Integrado

O que o jovem pensa? Qual sua postura política? Como se insere e se implica na sua comunidade?

Atualmente, percebe-se a grande importância das políticas públicas voltados para a criança, o adolescente e a juventude no Brasil no âmbito municipal, federal e estadual. No jovem, o enfoque é na sua participação, na construção, fiscalização e promoção de políticas voltadas para as suas necessidades, suas dificuldades, o seu interesse, o seu potencial.

Sousa & Carvalho *et all.* (2008) afirmam que o Plano Nacional de Juventude foi construído pelas discussões provenientes da Conferência Nacional da Juventude, em 2004, que teve apoio do Governo Federal e foi organizado pela Comissão Especial de Políticas Públicas para a Juventude (CEJUVENT). Esta comissão foi criada em 2003 com o objetivo de acompanhar e estudar Políticas Públicas para a Juventude. Em 01 de fevereiro de 2005 o presidente da república decreta a criação do Plano Nacional da Juventude, do Conselho Nacional de Juventude e do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem).

Isso ocorreu através da luta da sociedade civil e de pessoas interessadas nas políticas públicas para a juventude vinculadas ao Estado. O Plano Nacional de Juventude traz alguns preceitos, como a erradicação do analfabetismo dos jovens; a garantia do Ensino Médio público e gratuito; a inclusão digital; a oportunidade para a Educação Profissional; o incentivo ao empreendedorismo dos jovens, aos programas do Primeiro Emprego, à criação de áreas de cultura, lazer e esporte; a prevenção de doenças; o surgimento de bolsas de estudo e outros financiamentos (SOUSA & CARVALHO *et all.*, 2008).

É necessário que as políticas públicas sejam realizadas de/para/com os jovens, para que estes não somente assistam passivamente este processo, mas que não ocorra com uma implicação restrita ao sistema eleitoral, mas que estes participem, decidam e reivindiquem a respeito aos seus interesses pessoais e coletivos.

Desta forma, “uma abordagem participatória juvenil contribui para estimular o interesse dos jovens e seu senso de responsabilidade bem como aproveitar as idéias inovadoras e abordagens criativas em projetos ou programas” (UNESCO, 2004, p. 156).

O Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem) é uma Política de/para/com as Juventudes, que foi criado em 01 de fevereiro de 2005, é promovido pela Política Nacional de Juventude e está “sob o comando de um comitê gestor que, além da Secretaria Geral da Presidência da República, conta com a participação do Ministério da Educação (MEC), do ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE).” (SOUSA & CARVALHO *et all.*, 2008, p. 19).

Isto demonstra uma preocupação com o rompimento das desigualdades sociais e a exclusão social, a presença de qualificação profissional, a re-inserção com a comunidade e a participação cidadã para os jovens brasileiros.

O ProJovem Integrado apresenta quatro modalidades de atuação: o Adolescente, o Urbano, o Rural e o Trabalhador⁴.

- ProJovem Adolescente: Tem como público adolescentes de 15 a 17 anos e consiste na reestruturação do programa Agente Jovem. Apresenta como objetivo a proteção social básica à família, oferecendo mecanismos para garantir a convivência familiar e comunitária e criar condições para a inserção, re-inserção e permanência do jovem no sistema educacional.

⁴ Disponível em: <http://www.projovemurbano.gov.br/site/interna.php?p=material&tipo=Conteudos&cod=726>
Acesso em 20/04/2009.

- ProJovem Urbano: Tem como finalidade elevar o grau de escolaridade visando ao desenvolvimento humano, o exercício da cidadania e a qualificação profissional. Constitui uma reformulação do ProJovem – Programa Nacional de Inclusão de Jovens.

- ProJovem Campo: Busca fortalecer e ampliar o acesso e a permanência dos jovens agricultores familiares no sistema educacional, promovendo elevação da escolaridade - com a conclusão do ensino fundamental - qualificação e formação profissional, visando o a participação cidadã e o desenvolvimento humano.

- ProJovem Trabalhador: Tem como objetivo unificar os programas Consórcio Social da Juventude, Juventude Cidadã e Escola de Fábrica, visando à preparação dos jovens para o mercado de trabalho e ocupações alternativas geradoras de renda.

O foco deste estudo será no ProJovem Urbano como um Programa de Política Pública de/para/com as Juventudes na cidade de Fortaleza.

2.2.1 - Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem Urbano)

Em outubro de 2009, criou-se o ProJovem Urbano que tem como objetivo possibilitar a inclusão social dos jovens brasileiros de 18 a 29 anos que, apesar de alfabetizados, não concluíram o ensino fundamental, buscando sua re-inserção na escola, na comunidade e a qualificação profissional.⁵ Estes jovens, geralmente, estão fora do mercado de trabalho formal e são provenientes de família de baixa renda. Apresentaram repetências, expulsão ou abandono durante o período escolar em função de diversos fatores, como, por exemplo, gravidez, uso de drogas, violência doméstica.

Este programa foi criado para trabalhar com jovens excluídos da rede de ensino regular, tentando propiciar o processo de socialização e inserção no âmbito do ensino e aprendizagem. É uma forma de resgatar a autoestima e propiciar a sua aceitação por parte da sociedade, da comunidade, da família, dos professores e dos próprios alunos. Tem, portanto, um caráter emergencial e de re-integração do jovem de forma integral. De acordo com SILVA (2008, p. 37),

O perfil dos estudantes do ProJovem, previsto pelo programa, contempla uma parcela da juventude de Fortaleza, que em sua maioria, mora na periferia da Cidade, um lugar particularmente marcado pela negação dos direitos. Não têm direito: a escola, a trabalho, a saúde, a lazer, a segurança... a ter direitos. Jovens que não “couberam” na escola, que desde a infância tiveram que enfrentar o desafio de lutar pela sobrevivência; muitos, vivendo em situações de risco social: usuários de drogas

⁵ Disponível em: <http://www.projovemurbano.gov.br/site/interna.php?p=material&tipo=Conteudos&cod=13>
Acesso em: 20/04/2009.

ou envolvendo-se em atividades ligadas ao tráfico, em situação de prostituição e outras formas de contravenção ou criminalidade. [...]

Isto demonstra a diversidade e a pluralidade de jovens que o Programa contempla e que estão marcados por formas diferenciadas de exclusão social. De acordo com Sousa & Carvalho *et all.* (2008), este Programa tem como objetivo trabalhar com os três problemas centrais dos jovens, como a exclusão promovida pelo sistema de ensino, a qualificação profissional e a crise da “vida comunitária”.

Percebemos que para superar esta crise é necessário concebermos os jovens como seres de direitos e construtores de sua história e da sua comunidade, que é uma proposta presente no Programa. Silva (2008, p. 43) complementa este posicionamento ressaltando que, “somente na relação com a comunidade, temos alguma possibilidade de criar as condições de ser dessa escola como lugar do presente, onde educadores e jovens vivem parte significativa de suas existências.”

Em relação à rede de ensino, a escola é uma instituição que sofre influências e reflete a realidade em que está inserida, deve ser capaz de formar cidadãos capazes de transformar o contexto que vivenciam. Portanto, não deve gerar a exclusão e as desigualdades sociais, mas sim o empoderamento e a libertação.

A qualificação profissional também é essencial, pois ajuda o jovem a ingressar no mercado de trabalho, a se sentir capaz de realizar atividades, ajudar financeiramente em família e de garantir a sua autonomia. Segundo Sousa & Carvalho *et all.* (2008, p 18),

O ProJovem conseguiu definir uma focalização inteligente, quando se direcionou para uma parcela “vulnerável” da juventude e, ao mesmo tempo, teve um caráter universalizante, democrático e de massas. Outro acerto foi o método como escolheu seu público alvo, sabendo encontrar critérios relevantes para a seleção: jovens de 18 a 29 anos, que tenham passado pela 4ª série, mas não tenham concluído o Ensino Fundamental e estejam formalmente desempregados, ou seja, pessoas recém-saídas da proteção do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que de alguma forma foram excluídas do sistema de educação e não conseguiram entrar ou se estabelecer no mercado de trabalho. [...]

Estes jovens não estão mais incluídos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), necessitando de políticas públicas (como o ProJovem Urbano) que garantam e promovam o seu ingresso no mercado de trabalho, o direito à educação, à cidadania e à convivência familiar e comunitária.

Portanto, no ProJovem Urbano há o Projeto de Orientação Profissional – POP – que implica em um trabalho interdisciplinar permite a integração da dimensão Qualificação Profissional com a Formação Básica e a Participação Cidadã. É uma reflexão sobre as

atividades curriculares: aprendizagens práticas e sociais, vivências, organização de conteúdos na relação teoria e prática. Neste âmbito, promove o conhecimento da cidade e suas oportunidades empregatícias. Tendo como o objetivo principal a inserção e re-inserção dos jovens no mercado de trabalho através do crescimento pessoal e formação profissional.⁶

Outro aspecto relevante do ProJovem Urbano é a ação comunitária, que é coordenada pelo assistente social que facilita os processos educativos, a atuação solidária e a presença de metodologias adequadas para os jovens. Assim, promove-se o conhecimento das organizações comunitárias, políticas e atividades culturais da sua comunidade (CAMPOS & BRITO *et. all.* 2008).

Esta ação possibilita aos jovens a participação social, o reconhecimento dos seus direitos e deveres, a socialização com os outros jovens, a construção da cidadania e o estabelecimento das relações familiares e comunitárias.

Desta forma, o Plano de Ação Comunitária – PLA – é um plano a ser elaborado, desenvolvido, avaliado e sistematizado ao longo do curso, no componente curricular da Participação Cidadã. Tem como referência a ideia de que participar e exercer cidadania são ações que se aprendem no cotidiano da sala de aula. Inicia-se pela construção de um mapa de desafios da comunidade, que exige o conhecimento da cidade, especialmente da realidade social (ou local) em que os jovens estão inseridos, de maneira que, são usados conhecimentos desenvolvidos nos diversos componentes do currículo, quer os de Formação Básica, quer os de Qualificação Profissional e de Participação Cidadã. Além disso, o PLA implica uma experiência de trabalho cooperativo e responsabilidade solidária com o grupo, essenciais para a formação de um jovem que se interessa em participar de alguma mudança na sociedade em que vive.⁷

Isto demonstra a efetividade desta ação e a sua organização, pois os jovens interagem com a sua comunidade, levantam as problemáticas, planejam formas de resolver estas dificuldades, socializam com a comunidade como possibilidade de atuarem conjuntamente e entre outros.

Há também a formação dos professores que lecionam neste programa, com a formação inicial e a formação continuada, que acontece no decorrer do programa.

⁶ Disponível em: <http://www.projovemurbano.gov.br/site/interna.php?p=material&tipo=Conteudos&cod=27>
Acesso em 20/04/2009.

⁷ Disponível em: <http://www.projovemurbano.gov.br/site/interna.php?p=material&tipo=Conteudos&cod=726>
Acesso em 20/04/2009.

O conteúdo do curso, para Sousa & Carvalho *et all.* (2008), baseia-se nas seguintes unidades formativas: Juventude e Cidade (as práticas de ocupação do espaço urbano pelos jovens), Juventude e Trabalho (as práticas de inserção dos jovens, as dinâmicas de inclusão e exclusão no trabalho e na escola), Juventude e Cultura (reconhecimento social de distintas culturas), Juventude e Comunicação (as dinâmicas de inclusão e exclusão no acesso à informação e à comunicação), Juventude e Cidadania (diferenças sócio-culturais que atingem a juventude brasileira: preconceitos e discriminações intra e intergeracionais, entre outros), Juventude e Tecnologia (as dinâmicas de inclusão e exclusão social no acesso às novas tecnologias). Também há a presença de disciplinas que se relacionam com a qualificação profissional, ação comunitária, matemática, língua portuguesa, ciências humanas e ciências da natureza.

Os alunos do ProJovem Urbano recebem uma bolsa mensal no valor de 100 reais com duração de dezoito meses, para os que frequentam o curso e tem 75% (setenta e cinco por cento) de presença nas disciplinas. Estas têm carga horária de 2.000 horas (sendo 1.560 presenciais e 440 não presenciais), organizadas nas seis unidades formativas citadas acima, com a duração de três meses cada uma. Isto pressupõe aos jovens 26 horas semanais de dedicação ao programa, sendo que 20 horas em sala de aula, com visitas, caminhadas comunitárias e demais atividades presenciais; e 6 horas não presenciais, focalizadas no estudo em casa, leituras, elaboração de tarefas e outros. No final, são avaliados pela Secretaria de Juventude (Brasília) que garante a conclusão do ensino básico. (MATOS, 2008).

As sedes das estações, para Silva (2008) são colocadas em lugares que tenham o perfil do programa, que apresentem esta necessidade, que são os centros da cidadania ou os centros sociais ou em escolas, que tenham uma infraestrutura e atividades que promovam a integração com os jovens, como as esportivas e as artísticas.

Em Fortaleza, existem 14 estações juventudes, cada um destes constituídos de 8 núcleos, formado por 5 salas, com 30 alunos. As estações são: Maranguapinho I, Maranguapinho II, Lagamar, Pantanal, Dendê, Vila Velha, Serviluz, Pici, Antônio Bezerra, Jangurussu, Vila União, Parangaba, Bela Vista e Quadras. (MATOS, 2008, p. 25)

Neste capítulo, retratamos o ProJovem Urbano e a Juventude, no próximo abordaremos as metodologias participativas na psicologia comunitária e na psicologia ambiental, especificamente, o mapeamento psicossocial participativo e as trilhas urbanas.

3. MAPEAMENTO PSICOSSOCIAL PARTICIPATIVO E TRILHAS URBANAS: METODOLOGIAS DE FACILITAÇÃO NA PSICOLOGIA COMUNITÁRIA E NA PSICOLOGIA AMBIENTAL.

Ressaltamos inicialmente a importância da terminologia *facilitação*, ao invés da intervenção no âmbito social. Pois a sua adoção nesta pesquisa justifica-se por ser uma proposta baseada nos processos grupais dialógicos e vivenciais que visam transformação da realidade e o posicionamento horizontal de saberes populares e científicos. Estes processos facilitam a interação social, o desenvolvimento humano, o cuidado ambiental e a construção do conhecimento crítico (GÓIS, 2008).

Assim percebemos as implicações que esta mudança promove na postura do profissional, no seu comprometimento e na forma que a comunidade relaciona-se, age e dialoga. Isto possibilita um encontro afetivo e um posicionamento crítico sobre a realidade.

A atuação do psicólogo comunitário é fundamentada no método de “facilitação do modo de vida comunitário”. Isto implica uma práxis cooperativa, dialógica e comprometida com a realidade social (GÓIS, 2005).

Para a análise e a vivência da atividade comunitária é necessário metodologias de facilitação que promovam um olhar diferenciado e crítico sobre a realidade. Existem algumas estratégias de pesquisa, como a observação participante, ação-participante, pesquisa ação-participante, e entre outras; e de facilitação, como o círculo de cultura, a roda de quarteirão, a roda de histórias de vida, o mapeamento psicossocial participativo, o mutirão, o sarau literário, a caminhada comunitária, o grupo de criatividade, a alfabetização de adultos, a biodança, a terapia familiar e dentre outras. Estas estratégias ajudam na compreensão da práxis do Método Dialógico Vivencial (MDV), um dos métodos da psicologia comunitária.

Por sua vez, a psicologia ambiental recebe a influência em relação à pesquisa e atuação de outras áreas do conhecimento, como a geografia, a arquitetura e de outros saberes ambientais.

Assim, segundo Tassara & Rabinovich (2003, p. 2), “na medida em que o objeto de estudo é necessariamente interdisciplinar, a metodologia utilizada deve ser a *facilitação* quer devido à complexidade do objeto quer ao caráter de aspiração a mudanças dos movimentos sociais sobre a relação sujeito-ambiente” (grifo nosso).

Ressaltamos as metodologias na Psicologia Ambiental, que exemplificam esta interdisciplinariedade, que são: os mapas afetivos, a autobiografia ambiental, os questionários, a observação, as trilhas urbanas, as trilhas ecológicas, entre outras.

Neste estudo, aprofundaremos as trilhas urbanas e o mapeamento psicossocial participativo como metodologia de facilitação na psicologia ambiental e psicologia comunitária.

3.1 - A Psicologia Comunitária

A psicologia comunitária, na América Latina, iniciou-se pela luta popular, nos movimentos sociais, ressaltando-se principalmente o movimento de saúde mental comunitária, em que se destaca a mudança da concepção de saúde e a participação da comunidade.

Isto foi propiciado por uma mudança de visão da saúde de meramente curativa para uma ação preventiva, a luta anti-manicomial e a ênfase na comunidade como agente e construtora de sua própria saúde mental, facilitada pelas relações sociais. São exemplos desta mudança, que integra prevenção, tratamento e promoção de saúde. Este processo é denominado por Góis (2005), de saúde mental comunitária com um enfoque participativo e democrático.

Assim, é necessário “compreender a saúde mental como um processo dinâmico que se desenvolve na relação interativa do indivíduo com os aspectos sócio-ambientais, implica na utilização de outra metodologia de *facilitação* para o sofrimento mental” (grifo nosso) (CASTRO & CAVALVANTE, 2007, p. 65).

A “construção” da psicologia comunitária foi gerada também pela crise da psicologia social tradicional, que estudava a conduta, o ajustamento social, o estereótipo, as atitudes sem relação com a realidade social. Estes conceitos legitimavam o fortalecimento das desigualdades sociais e das relações classistas.

A psicologia comunitária, com influência da psicologia social libertadora, volta-se para os conhecimentos científicos e os saberes populares, preconiza na sua práxis o diálogo (FREIRE, 1983) como prática de liberdade, como forma de tensionar a opressão e a exclusão existentes nas classes populares.

O diálogo é possível a partir de uma práxis que parta do contexto dos sujeitos comunitários, da reflexão de suas problemáticas, da implicação por suas questões sociais culturais.

Martín-Baró (1996) propõe uma postura política de transformação da realidade social, uma práxis historicizada e contextualizada com a realidade, além de uma análise crítica do homem e da sociedade. Ao manter esta postura, entendemos que a neutralidade científica é

ilusória, pois o psicólogo se implica de forma crítica nas relações, nas problemáticas e potenciais da comunidade.

Diante disto, há à construção na América Latina de uma psicologia social crítica comprometida com as questões sociais em que estão inseridas em seu contexto histórico-cultural. Nesta noção está presente à concepção da psicologia histórico-cultural desenvolvido por Vygotsky, Leontiev e Luria, e apresenta como método o materialismo histórico dialético (XIMENES & NEPOMUCEMO *et all.*, 2008a).

A psicologia comunitária cearense tem como influências epistemológicas a Educação Libertadora de Paulo Freire, a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) de Carl Rogers, da Biodança de Rolando Toro, a Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky e a Psicologia da Libertação de Martín-Baró.

Na Psicologia Comunitária Cearense, a teoria rogeriana (GÓIS, 2003) é essencial para engrandecer a práxis do psicólogo comunitário, por acreditar no potencial das pessoas para se transformarem e se desenvolverem com os outros.

Isto reflete no papel do profissional de psicologia, que deve ter uma postura “facilitadora” e propiciar transformações pessoais e sociais. Promovendo a relação empática entre os moradores da comunidade, a aceitação incondicional dos seus valores, a livre expressão, o diálogo problematizador, entre outros fatores.

Outro aspecto importante é que a psicologia comunitária, segundo Ximenes & Nepomucemo *et all.* (2007, p. 31),

Tem como paradigma o Princípio Biocêntrico (Toro), que dá suporte à estrutura teórica da Biodança, que consiste na ampliação da vida instintiva tendo como referência a vida em toda a sua plenitude. A Educação Biocêntrica não tem como foco somente o homem, mas todos os elementos e seres que compõem a vida. Por isso, necessita de uma reeducação da vida e do estilo de viver, fortalecendo a identidade pessoal, coletiva e do lugar, resgatando na afetividade um dos componentes deste reeducar. Permite, desta forma, que ambos os atores da *facilitação (grifo nosso)* sejam transversalizados pela vivência, enquanto elemento central e potencializador de nossa atuação.

De acordo com Ximenes & Nepomucemo *et all.* (2008a, p. 65), “a psicologia comunitária e as teorias apresentadas possuem conceitos e concepções que visam à libertação do homem e da sociedade em que ele está inserido”. Esta libertação ressalta o compromisso do profissional de psicologia na luta contra as desigualdades sociais e manutenção do sistema por meio da desnaturalização da realidade, do olhar crítico sobre as problemáticas da realidade em que atua. Então, demonstra a relevância do tripé: teoria, prática e compromisso social.

A Psicologia Comunitária, para Góis (2008, p. 82),

[...] é uma disciplina que se orienta por uma práxis libertadora, a partir das próprias condições (atuais e potenciais) de desenvolvimento da comunidade e de seus moradores. O fundamental é a compreensão do modo de vida da comunidade e a realização de seus potenciais de desenvolvimento pessoal e social.

Neste sentido, esta psicologia preocupa-se com a realidade local, a articulação entre morador-comunidade-municipalidade, com a participação social, as mudanças sócio-políticas, a co-construção de sujeitos comunitários, a vivência e a análise da atividade comunitária, o desenvolvimento comunitário e entre outros.

A atividade comunitária é considerada um processo interativo (LEONTIEV, 1978; VYGOTSKI, 2004), dialógico e cooperativo (FREIRE, 1983) realizado pelos moradores enquanto sujeitos comunitários, em prol da satisfação das necessidades pessoais e coletivas, do desenvolvimento da comunidade e do significado da vida comunitária. Relaciona-se também com as ações comunicativas e instrumentais condizentes com o modo de vida dos moradores, propiciando mudanças pessoais e sociais (GÓIS, 2005).

Esta atividade além de visar o diálogo e à reflexão sobre as questões levantadas pela comunidade proporciona uma ação transformadora e a construção coletiva nesta realidade. É “orientada por ela mesma e pelo significado (sentido coletivo) e sentido (significado pessoal) que a própria atividade e a vida comunitária têm para os moradores da comunidade” (GÓIS, 2005, p.89).

Por sua vez, a consciência relaciona-se ao mundo de forma dialética, histórica, social e crítica a partir da atividade humana. Neste sentido, observamos que a atividade e a consciência estão vinculadas, pois se baseia na ação e no diálogo dos sujeitos, que possibilita o processo de conscientização. Fazem parte do mesmo sistema ativo de apreensão da realidade e de interação homem-mundo. Góis (2005, p. 318) reflete que,

[...] compreendemos a consciência como a propriedade da mente que dá sentido, tanto à vida psíquica, como à própria atividade externa dos indivíduos, e que esta atividade, por sua vez, orienta e dá a substância da própria consciência. Portanto, esta é formada, sob determinadas condições da atividade prática social e da própria mente. [...].

A conscientização é um processo dialético de historicização, um método de aprendizagem: o homem exerce e efetiva a sua liberdade, luta para “Ser Mais”, insere-se no seu contexto histórico e busca sua afirmação no mundo com os outros. Possibilita a expressão das insatisfações pelas problemáticas sociais e da situação de opressão (FREIRE, 1983).

Esta concepção é similar à apreendida pela psicologia comunitária, pois, ao partir da atividade desenvolvida pelos moradores da comunidade, é possível promover a

transitividade da consciência destes em relação ao seu modo de vida, à cooperação e à participação social.

Diante disto, Martín-Baró (1996, p. 17) afirma que,

Ao assumir a conscientização como horizonte do *quefazer* psicológico, reconhece-se a necessária centralização da psicologia no âmbito do pessoal, mas não como terreno oposto ou alheio ao social, mas como seu correlato dialético e, portanto, incompreensível sem a sua referência constitutiva. Não há pessoa sem família, aprendizagem sem cultura, loucura sem ordem social; portanto, não pode tampouco haver um eu sem um nós, um saber sem um sistema simbólico, uma desordem que não se remeta a normas morais e a uma normalidade social.

No próximo tópico, exploraremos a comunidade com base na psicologia comunitária, focalizando assim nos processos de inserção e desenvolvimento social.

3.1.1 - Comunidade: Processo de Inserção com a Comunidade

O conceito de comunidade é fundamental para compreender a práxis da psicologia comunitária. No entanto, é necessário que possamos conhecer qual a concepção de comunidade que abordamos, pois esta é investigada em outros saberes.

Este conceito começou a ser estudado na psicologia social por volta dos anos 70, com a construção da psicologia comunitária. Isto foi relevante epistemologicamente, pois demonstra um olhar crítico sobre a realidade e a possibilidade de transformação (SAWAIA, 1994).

A comunidade não é uma instância isolada da realidade, constrói-se e relaciona-se com a sociedade em que está inserida. Reflete a sociedade e a sua dinamicidade. É uma representação micro de um tecido social maior.

Buber (1987) ressalta também que a comunidade não é um espaço vinculado somente à ordem natural, aos laços sanguíneos e aos contrastes com a sociedade. Pois, aponta que “[...] a sociedade, regulada pelo princípio utilitário e por relacionamentos externalizados, dê lugar a uma nova comunidade, baseada na ‘lei intrínseca da vida’, no ‘princípio criativo’, e em relações emanadas da livre escolha das pessoas e não de ligações consanguíneas.” (p.17).

É um espaço mediado pela sociedade, a afetividade, os laços familiares, o município, a sociedade e as relações interpessoais. Desta forma, permite a construção da identidade dos seus moradores e é um lugar de reconhecimento de si, do outro e do contexto.

Esta mediação está presente no estudo de Sánchez Vidal (1991) sobre a comunidade, em que esta é caracterizada como uma forma de interação entre os seus moradores e a sociedade, é uma expressão das instituições sociais que a compõe, podendo assim satisfazer as necessidades mútuas.

Esta comunidade possibilita transformações na sociedade por meio da cooperação e por uma perspectiva preventiva e educativa. Ao trabalharmos com a comunidade, os moradores podem desenvolver-se individualmente e coletivamente.

A comunidade, para Góis (2005), é um espaço físico, social e ambiental em que seus moradores estabelecem laços afetivos e um sentimento de pertencimento. Estes vivenciam as mesmas dificuldades, necessidades, problemas e representações sociais, num território que é compartilhado e delimitado geograficamente.

Há também um compartilhamento do modo de vida comunitário, da mesma história, da mesma cultura. No entanto, a comunidade não é um lugar homogêneo, sem conflitos, pois estão presentes contradições que promovem através do diálogo problematizador, a transformação dos moradores e da própria comunidade. (GÓIS, 2005).

A constituição deste sentido de comunidade para um determinado grupo pode promover a mobilização, a participação nas atividades (comunitárias ou não), o apoio e a confiança entre os seus moradores. O desenvolvimento comunitário preconiza a valorização da cooperação, da solidariedade, da vinculação afetiva com as pessoas e com o lugar, o sentimento de pertença e entre outras necessidades. Além disto, o desenvolvimento comunitário pode integrar-se ao desenvolvimento local e municipal, que envolve a participação e a mobilização social (XIMENES, 2008b).

Pode-se compreender que este desenvolvimento comunitário relaciona-se diretamente com o desenvolvimento do sujeito comunitário, por meio do processo de conscientização como possibilidade do não ajustamento social e ideológico à estrutura classista de uma sociedade opressora. O processo de conscientização, segundo Freire (1980, p. 26), é entendido como o “desenvolvimento crítico da tomada de consciência”. Através dele, o sujeito desvela a realidade, apreende de forma crítica e a percebe como possível de transformação.

O aprofundamento da consciência dos moradores em relação ao seu modo de vida deflagra o desenvolvimento do sujeito comunitário. Dessa forma, a participação dos moradores por um lado pode facilitar a transitividade da consciência; mas, por outro, a manutenção da situação de controle e ajuste social. (BORDENAVE, 2002; GÓIS, 2005).

Assim, podemos destacar que,

O que distingue o sujeito da comunidade do indivíduo dependente, rebelde ou submisso que ali vive, é que o primeiro tem uma consciência transitiva que lhe permite compreender o modo de vida de sua comunidade e de si mesma, além de reconhecer seu valor e poder para desenvolvê-la e desenvolver-se numa perspectiva dialógica e solidária. [...] (GÓIS, 2005, p. 53).

Os sujeitos comunitários são protagonistas do contexto em que estão inseridos, são atores de construção deste processo, à medida que também se percebem como transformadores da sua comunidade, promovendo o crescimento pessoal, social e comunitário.

É também co-responsável pela realidade histórico-social em que vive (participante de uma sociedade) e possui potencial para desenvolvê-la e transformá-la à medida que se transforma, como sujeito desta realidade (GÓIS, 2008).

Ao realizarmos uma facilitação com a comunidade, é fundamental a inserção do psicólogo comunitário nesta realidade. Segundo Montero (2006), pois ao entrar em contato com esta o psicólogo comunitário como agente externo conhece a realidade e realiza seu trabalho. Este profissional também pode ser reconhecido pela comunidade, isto promove a sensibilização de ambos e o estabelecimento da confiança e do respeito mútuo.

Quando o psicólogo insere-se na comunidade isto gera curiosidade, questionamentos e certo estranhamento por parte dos moradores, pois este profissional é inicialmente alheio a sua realidade.

Com base nisto, Freitas (1998) afirma que a relação deve acontecer dos dois lados, o psicólogo tem seus conhecimentos científicos, seus estudos, sua práxis, sua visão de mundo e de homem; e a comunidade com sua dinâmica que lhe é inerente, a sua complexidade, o seu contexto, a sua forma de interagir, seus valores e concepções.

Este mútuo reconhecimento propicia a relação horizontal e a relevância do saber popular e do saber científico. Portanto, Góis (2005, p. 66), ressalta esta postura do psicólogo comunitário como agente externo:

O importante, a nosso ver, é que haja uma integração e relação pedagógica entre agente externo e comunidade, na qual se reconheça o papel e a importância de cada interlocutor na definição do rumo e do modo de desenvolvimento apropriados à realidade sócio ambiental do lugar. O sentido do desenvolvimento e o controle da ação devem ser da comunidade (D'Ávila, 1996) ou, pelo menos, definidos e compartilhados de comum acordo. Isso implica um desenvolvimento participativo, auto-sustentável, de busca de autonomia local, de interdependência, e não de dependência ao exterior da comunidade.

Montero (2006) considera que o processo de familiarização é contínuo, que ocorre do início até o final das facilitações, pois sempre estamos nos familiarizando com a comunidade e conhecendo-a cada vez mais. Da mesma forma a comunidade em relação aos profissionais que lá estão atuando.

É imprescindível a inserção do psicólogo no modo de vida do lugar para que este possa desvelar a realidade, se apropriar desta e junto com a comunidade levantar as suas necessidades e possibilidades. (XIMENES & NEPOMUCEMO *et all.*, 2008a)

Isto promove relações solidárias e éticas entre o profissional e a comunidade, demonstrando também a práxis do psicólogo comunitário no trabalho com a comunidade.

Freitas (1998) nos alerta sobre o desafio e as incertezas deste processo de inserção, pois há um momento de aceitação, de entrada e também de permanência na comunidade. É essencial saber como atuar, como superar as dificuldades e minimizar os preconceitos. Conforme Montero (2006, p. 83),

El lenguaje estereotipado, o formal y cauteloso, los rodeos y, peor aún, las expresiones inadecuadas, usadas por desconocimiento de la cultura y de los modos específicos de una comunidad, son productos de la ausencia de familiarización y tienen consecuencias que dificultan lo que introducen desviaciones en el trabajo psicológico comunitario.

A aceitação deste profissional no âmbito comunitário possibilita a realização do seu trabalho e promove reflexões sobre a comunidade. Esta pode identificar os problemas, buscar ações para resolver as dificuldades e promover mudanças sociais significativas. Havendo assim o desenvolvimento da autonomia e da criticidade.

Freitas (1998) cita alguns instrumentos utilizados na inserção com a comunidade, como entrevistas (individuais ou coletivas), registros em diários de campo, pesquisa sobre documentos que abordem a comunidade, recuperação da história do lugar, conversas informais (bares, pessoas na calçada, padarias...), caminhadas pela rua, participação em reuniões comunitárias, visitas a casa, a uma festa ou algum evento da comunidade.

Na psicologia comunitária a presença de metodologias participativas facilita e potencializa a atuação do profissional da área, isto ocorre por meio de instrumentos construídos de acordo com a necessidade de cada local e de fatores políticos, históricos, pessoais, materiais, ambientais, temporais que interferem nesta atuação (XIMENES & NEPOMUCEMO *et all.*, 2007).

Uma destas metodologias participativas é o mapeamento psicossocial participativo, que é um dos focos deste estudo. Este mapeamento facilita a compreensão dos saberes e assuntos predominantes na comunidade e suas influências nos processos sociais da mesma.

3.1.2 - Mapeamento Psicossocial Participativo

O que seriam mapas, o mapear? O que significa o mapeamento?

Mapas são representações gráficas de fenômenos geográficos, referentes a um espaço determinado. Mapeamento significa ato ou efeito de mapear (executar a representação gráfica da dimensão espacial de um dado fenômeno). “Mapear é representar a realidade de

modo a organizar as informações que tornem possível o reconhecimento e a orientação de quem venha a utilizar este instrumento, o mapa, que é uma das mais antigas formas de comunicação. [...]”. (OLIVEIRA & DIOGO, 2002, p. 190).

Neste sentido, ao realizar o mapeamento no contexto comunitário, tenta-se utilizar um instrumento que traga o máximo possível de elementos relacionados a este lugar, a suas pessoas, como estas vivenciam, como é seu modo de vida.

Este é psicossocial por envolver aspectos subjetivos e sociais. Isto não acontece de maneira dicotômica e diferenciada, mas sim percebendo estes aspectos sociais e psicológicos na sua totalidade, como, por exemplo, a afetividade, as desigualdades sociais, a exclusão social.

Rodrigues (2007, p.13) afirma que “de acordo com a perspectiva da Psicologia Comunitária Cearense, um mapeamento comunitário deve enfatizar a dimensão sócio-psicológica do lugar e não apenas quantitativa, demográfica e econômica.”

Nesta perspectiva, é relevante acrescentarmos o elemento da participação, pois o mapeamento deve ser feito de forma conjunta e co-construída com ênfase no social, psicológico e ambiental. Para Bordenave (2002, p. 16) a participação “é uma necessidade fundamental do ser humano”, que se refere a uma intervenção ativa na construção da sociedade, na interação com os outros, na expressão de sentimentos e o desenvolvimento pessoal e social.

A participação não deve ser atribuída apenas a fazer parte do consumo, dos bens materiais, culturais da nossa sociedade atual, mas também como afirma Bodernave (2002), a participação fortalece o poder reivindicatório do homem, que adquire mais poder na sociedade, pois é possível questionar o que está sendo realizado, fiscalizar os serviços públicos, dentre outras funções.

Além de reivindicar os seus direitos, a participação também envolve o desenvolvimento das políticas públicas, constitui e transforma o homem, a sociedade e a política. Portanto, é interessante contextualizar a democracia participativa defendida por Dagnino & Oliveira *et all.* (2006) em que ocorre a ampliação da política através da participação cidadã e da deliberação de espaços públicos, promovendo assim a fiscalização e a intervenção nas decisões pelos cidadãos. Em resumo, a participação não é algo em que o Estado autoriza a Sociedade Civil, não é a recepção passiva dos seus direitos e benefícios e, portanto, não deve ter uma óptica assistencialista e nem compensatória.

É relevante a presença de espaços públicos permeados pelos interesses individuais e coletivos; e pelos trabalhos conjuntos e cooperativos, que são presenciados na participação

comunitária (GÓIS, 2005). Esta participação é um processo de luta pela cidadania dos atores locais, sujeitos de direitos e da sua história e não apenas usuários do serviço público.

Estes atores sociais, de acordo com Braga (2006), estão inseridos em sindicatos, pastorais, associações de moradores e movimentos sociais presentes no seu contexto, que é uma forma de expressar a participação comunitária no tecido local e regional.

A participação comunitária é uma forma dos moradores da comunidade manifestarem-se político-socialmente a partir da sua própria realidade, compreendendo-a como integrante da sociedade.

É possível, de acordo com Bodernave (2002), que a participação no âmbito comunitário, promova o engajamento dos seus moradores na sociedade como cidadãos participativos.

Esta breve discussão sobre a participação nos faz refletir sobre o papel do psicólogo na inserção da comunidade e no mapeamento psicossocial participativo, pois é fundamental que a comunidade se responsabilize, aproprie-se do processo e possa construir junto com o profissional.

Para isso, efetuamos nesta pesquisa este mapeamento que se refere ao levantamento de dados pelo psicólogo no contexto comunitário de forma cooperativa e dialógica. É uma forma de vivenciar a comunidade, conhecer as atividades comunitárias, perceber os significados, os sentidos e os sentimentos dos moradores em relação ao lugar em que vivem. Isso ocorre através da caminhada pela comunidade e por conversas com os moradores e os líderes comunitários. O mapeamento ao ser realizado com a comunidade, conforme Góis (2008) promove a análise dos aspectos sociais, psicológicos e ambientais da comunidade. É uma forma de vivenciar a comunidade tanto pelo psicólogo comunitário quanto pela comunidade, facilitando a interação entre estes.

Para que fique mais claro, Oliveira & Diogo *et all.* (2002, p. 190) afirmam que,

O processo de mapeamento se divide em dois: o mapeamento interno e o externo. O mapeamento interno consiste na investigação e organização dos dados fornecidos pela documentação de segmentos fundamentais da administração municipal, a saber, as Secretarias de Infra-Estrutura, Educação, Cultura e Desporto e Saúde e Ação Social. Esta ação *resulta (grifo nosso)* numa maior valorização da sistematização do conhecimento que estes setores possuem sobre o município.

Sobre este mapeamento interno, Montero (2006, p. 79) complementa que,

Antes de entrar a una comunidad es necesario informarse de la manera más completa posible sobre ella. Si existen registros públicos en los cuales se puedan obtener datos demográficos, ellos deben ser consultados, al igual que su historia a través de crónicas y noticias de prensa. Otros datos de interés también pueden encontrarse em los archivos de instituciones públicas que hayan tenido que ver con la comunidad objeto de estudio.

Já, o mapeamento externo, segundo Oliveira & Diogo *et all.* (2002, p. 190), “é realizado através de visitas às localidades, onde se procura conhecer a realidade local através dos moradores”. Além disto, é possível reconhecer as atividades de produção e de lazer, os estilos de vida, os hábitos, os potenciais e os problemas do cotidiano vividos pelos moradores que convivem em uma comunidade.

Destacamos, então, que o mapeamento não é só uma visita a comunidade na busca somente de seus equipamentos, monumentos, estruturas e as organizações sociais. Mas, sim uma forma de apreensão daquela realidade, a forma como os moradores estão inseridos nesta, como pensam, sentem e vivenciam. Pode-se observar a maneira como os moradores vinculam-se ao lugar e às pessoas, o fortalecimento dos laços afetivos, entre outros aspectos.

Para a comunidade, é uma forma de reconhecimento de seu próprio contexto e de efetivação de mudanças através de momentos de definição conjunta entre profissional e moradores, pois o objetivo não seria a transmissão de informações, nem a palestra, mas a problematização da realidade, sua re-construção a partir do diálogo e ação coletiva.

Então, ressaltamos, que de acordo com Montero (2006), não é interessante que as pessoas digam somente o que o pesquisador/profissional quer escutar, pois isto apresenta somente as aparências e referem-se às expectativas dos moradores em relação a estes.

Assim, é essencial que os moradores possam verbalizar o que realmente acontece na sua comunidade. E o psicólogo possa entrar em contato com isto através da caminhada pela comunidade e por conversas com os moradores e os líderes comunitários. É interessante que estas visitas sejam orientadas por pessoas que morem no lugar, para torná-las mais proveitosas e agregar outras informações, além de possibilitar novas parcerias.

Assim, segundo Góis (2008) “andar pela comunidade é muito mais do que simplesmente passar pelos lugares, é olhar para cada ponto, cada lugar, cada morador, cada situação que se apresenta no local de andança, com um olhar sensível e perceptivo. [...]”.

É possível perceber os sentimentos dos moradores envolvidos neste lugar, os seus valores, as estórias, os momentos peculiares, como, por exemplo, o melhor horário para as crianças brincarem, sentar na calçada e conversar. É buscar vivenciar o imprevisto, a complexidade das relações e experimentar na realidade o que ela tem para nos mostrar. (MENDONÇA, 2007).

Portanto, o mapeamento psicossocial participativo é uma metodologia participativa que promove a inserção e a re-inserção com a comunidade dos participantes do processo. Este mapeamento inclui o levantamento de dados de ordem documental, que se

refere aos dados já escritos sobre a comunidade, a caminhada comunitária e a problematização da comunidade pelos moradores deste lugar.

Desta forma, de acordo com Castro (2009, p. 38),

Falar em convivência significa um compromisso e envolvimento ético e amoroso do psicólogo comunitário com a comunidade com a qual trabalha. Não se pode falar em atuação comunitária sem que esta seja precedida de inserção, ou seja, de um mergulho profundo no modo de vida da comunidade, suas histórias, angústias, cultura, significados, equipamentos sociais, relações, lideranças, entre muitos outros aspectos que a realização do mapeamento psicossocial participativo permite compreender e vivenciar.

A comunidade é um espaço mediado pela sociedade, a afetividade, os laços familiares, o município, a sociedade e as relações interpessoais, que desta forma, permite a construção da identidade dos seus moradores e é um lugar de reconhecimento de si, do outro e do contexto.

Esta mediação está presente no estudo de Sánchez Vidal (1991) sobre a comunidade, em que esta é caracterizada como uma forma de interação entre os seus moradores e a sociedade, é uma expressão das instituições sociais que a compõe, podendo assim satisfazer as necessidades mútuas.

No próximo item, vamos explicar sobre as especificidades da psicologia ambiental como uma abordagem que envolve também a utilização de metodologias participativas de facilitação.

3.2 - Psicologia Ambiental

Na década de 60, na Europa e na América Latina, a psicologia ambiental tem sua principal força teórica e metodológica advinda de contribuições da psicologia social em interface com outras áreas do conhecimento, tais como a sociologia urbana, a arquitetura e a geografia.

A psicologia Ambiental, de acordo com Moser (1998, p. 122), “estuda a pessoa em seu contexto, tendo como tema central as inter-relações – e não somente as relações – entre a pessoa e o ambiente físico e social”. Assim, são enfatizados os processos afetivos e cognitivos envolvidos neste ambiente.

Esta disciplina, área de conhecimento e campo de atuação tem como objeto de estudo as inter-relações entre pessoa-ambiente. Estuda as relações recíprocas entre o comportamento das pessoas e o ambiente natural e construído (ARAGONÉS & AMÉRIGO, 2000). Nesta inter-relação enfatiza-se o ambiente como social, histórico, cultural e físico. Percebemos, nesta conceituação, o efeito da ação humana sobre o meio, assim como a ação deste no homem. (SUÁREZ, 2000).

Ademais da reciprocidade pessoa-ambiente, esta psicologia pode ser concebida diante dos âmbitos: 1) ontológico: estuda a relação pessoa-ambiente no contexto natural, como totalidade; 2) metodológico: reflete sobre esta relação de forma holística. 3) epistemológico: incorpora várias perspectivas teóricas em seu estudo; 4) interdisciplinar: relaciona-se com outras disciplinas na temática humano-ambiental; 5) social: enfatiza a dimensão social na relação humano ambiental e aplica os conhecimentos obtidos para melhorar a qualidade ambiental e dos usuários do ambiente (WIESENFELD, 2005).

Destacamos o enfoque no social, por considerar o contexto vivenciado por cada pessoa, na sua totalidade de processos, enfatizando a mudança de comportamentos e valores ambientais. De acordo com Moser (1998, p. 122),

[...] estamos estudando uma reciprocidade entre pessoa e ambiente. Essa inter-relação é dinâmica, tanto nos ambientes naturais quanto nos construídos. Ela é dinâmica, por que os indivíduos agem sobre o ambiente (por exemplo, construindo-o), mas esse ambiente, por seu turno, modifica e influencia as condutas humanas. Logo, não estamos estudando nem o indivíduo *per se*, nem o ambiente *per se*.

Desta forma, notamos que a psicologia ambiental relaciona-se como a forma em que as pessoas sentem, pensam e vivenciam o ambiente em que estão implicadas. Pautando-se não somente na compreensão dos problemas ambientais, mas também na sustentabilidade como responsabilidade do homem e sua preocupação com o seu entorno.

Então, o que seria sustentabilidade? Qual a sua compreensão na psicologia ambiental? Este conceito pode ser definido, por (MOSER, 2001, p. 190), como,

[...] capaz de satisfazer as necessidades da geração presente sem comprometer a possibilidade de as futuras gerações também realizarem suas próprias necessidades. A referência à necessidade leva em conta a inclusão do reconhecimento do próprio bem estar do indivíduo, e não apenas da necessidade do desenvolvimento harmonioso e respeitoso com o ambiente. Essa preocupação lança um claro apelo à psicologia ambiental, particularmente na medida em que os modos de se relacionar ao meio constituem um importante elemento contribuinte do bem-estar físico e mental do indivíduo. E a psicologia ambiental é apta a analisar, explicar e fornecer informações capazes de identificar as condições envolvidas no bem-estar e, portanto, ajudar a formular decisões em questões ambientais.

Em relação aos comportamentos ecologicamente responsáveis, os comportamentos pró-ambientais, podem promover uma diminuição no desperdício da água, da energia, dos alimentos, uma vez que, estas ações são consideradas “simples”, mas minimizam a agressão ao meio.

A dimensão temporal é outro conceito fundamental na psicologia ambiental, pois segundo Moser (1998), seria vivenciar o presente, perceber a relação com o futuro, sem perder a referência ao passado. Este autor relaciona esta dimensão com os comportamentos pró-ambientais, que reflete a preocupação consigo mesmo (individualidade), seu entorno, a

comunidade, a sociedade (a coletividade), as gerações futuras e a humanidade de forma geral. Para este estudo, destacamos a compreensão na dimensão temporal na psicologia ambiental, pois o ambiente modifica-se com as condições históricas, sociais e culturais.

O comportamento ecologicamente responsável atua na preservação do ambiente. É uma atividade humana que influencia positivamente ou negativamente o ambiente, pois pode fomentar a proteção dos recursos naturais, a redução dos resíduos sólidos e entre outras ações (CORRAL-VERDUGO & PINHEIRO, 1999).

A psicologia ambiental demonstra também seu compromisso com a sociedade, a partir do contínuo desenvolvimento de conhecimentos e metodologias aplicadas que geram transformações no ambiente condizentes aos desafios de cada momento histórico.

O que seria Ambiente, na psicologia ambiental? O ambiente pode ser natural, social e/ou construído pelas pessoas no processo interativo. Este pode ser diversificado, como, por exemplo, hospitais, escolas, ambientes de lazer, esportivos, bairros, e inclusive este pode ser a própria comunidade. Desta forma, a comunidade também é um objeto de estudo e de interesse destes psicólogos assim como dos psicólogos comunitários.

O ambiente apresenta níveis sócio-ambientais, para Moser (2001), como: nível I (microambiente – espaço privado, casa, moradia...), nível II (comunidade – ambientes próximos, o bairro, a vizinhança, os parques...), nível III (ambientes públicos – as aldeias, as cidades, o campo, o vilarejo...) e o nível IV (societal – o ambiente global, os recursos naturais).

É interessante compreendermos estes níveis e sua interação entre si, pois como, por exemplo, a comunidade (nível II), foco deste estudo, relaciona-se com outros níveis, assim seus moradores relacionam-se com o nível I, com as pessoas de sua família que habitam sua casa. E também com outros lugares fora do contexto comunitário, outros ambientes públicos, a sua cidade e a sociedade.

Para Moser (2005, p. 3), “esta distinção é importante porque ela permite analisar a relação indivíduo-ambiente em termos da relação com o ambiente em suas dimensões físicas e precisar a relação com o outro que cada um dos diferentes níveis implica. [...]”

A comunidade seria uma construção social, um processo interativo e com muitas significações, que vai além da perspectiva do lugar apenas como um cenário. Portanto, conforme Tassara (2005, p. 3),

Consideramos que a Psicologia Ambiental deve contemplar a concretude da experiência humana no ambiente para, desenvolvendo explicações apoiadas sobre uma dialética entre as teses do psicologismo e do sociologismo, propiciar, por meio de seus programas de investigação, conhecimentos sobre como se adapta o homem

ao sistema-mundo e como este sistema-mundo se interioriza na subjetividade deste homem. [...]

Em relação à atuação do psicólogo ambiental, é necessário que o profissional utilize metodologias participativas, que permitem a vivência dos espaços pelos sujeitos envolvidos, a construção da identidade, a percepção, o sentimento de pertencimento e a vinculação afetiva pessoa-ambiente, segundo aponta Pinheiro & Günther (2008). Nesta perspectiva, uma destas metodologias em psicologia ambiental seriam as trilhas urbanas, que será abordada no próximo item.

3.2.1 - Trilhas Urbanas

O que seria trilhar, realizar trilhas? É percorrer um caminho, seguir uma direção. Esta breve concepção ajuda-nos a entender como consideramos as trilhas neste estudo, já que demonstra um processo ativo e construído pelos participantes deste processo.

A trilha é uma metodologia utilizada geralmente na área de geografia, também, adaptada pela arquitetura, pela história, pela educação física, pela educação ambiental, pela psicologia ambiental e por outras áreas do conhecimento.

Menghini (2005) afirma que existem vários tipos de trilhas, com diversas finalidades, como, por exemplo, as trilhas religiosas, as turísticas, as de aventura, as educativas, as interpretativas, em suma, a tipologia das trilhas é diversificada. Assim, de forma geral, “um sistema de trilhas é formado por um conjunto de caminhos e percursos construídos com diversas funções, desde a vigilância até o turismo.” (p. 45).

São realizadas com o auxílio de um instrutor a alguns ambientes. Este instrutor fornece informações históricas, econômicas, sócio-políticas e geográficas a respeito da região, de acordo com o tipo de trilha.

Menghini (2005) preconiza que a visita guiada possibilita uma interação pessoal entre os participantes e o instrutor, a solução de questionamentos e o repasse das informações necessários neste percurso, que podem ser modificadas de acordo com o grupo e o seu contexto.

Nas trilhas trabalhamos temáticas da educação ambiental e da psicologia ambiental, como: a preservação do patrimônio histórico, a ecologia, a apropriação do espaço, a percepção ambiental, bem-estar do homem no seu ambiente, qualidade de vida urbana, apego ao lugar, afetividade, segurança, e entre outros conteúdos. Sendo assim,

Inicia com observações de como se dão as interações humanas entre si e com o ambiente físico onde vai ocorrer o estudo. Viabiliza visitas monitoradas a locais previamente escolhidos afins com o tema a ser desenvolvido. Prossegue-se com

registros fotográficos, depoimentos e gravações das diversas situações que o grupo em questão está exposto, finalizando esta etapa com desenhos, mapas e maquetes dos locais. O produto é então trabalhado como objeto evocador em entrevistas/debates coletivos. Representam-se aspectos cognitivos e simbólicos sob forma de desenhos, pinturas, montagens, colagens e dramatizações. Documentários, exposições fotográficas e de trabalhos são organizados com o grupo e expostas para a comunidade mais ampla. [...] (HIGUCHI & KUHNEN, 2004; ANAIS ANPEPP, p. 128).

Na psicologia ambiental é relevante o estudo sobre a trilha como uma forma de sentir a natureza, de experimentar o ambiente, de vivenciar fenomenologicamente este meio. A partir disto é possível ressignificarmos o nosso olhar, a nossa forma de perceber este lugar e a nossa vida. A experiência ambiental é essencial para o homem, pois facilita a construção da sua identidade e a apropriação do espaço.

A apropriação seria uma forma de tornar algo próprio. No que se refere à apropriação do espaço, esta definição condiz com a realidade, já que para Mourão & Cavalcante (2006), não seria adaptação, nem acomodação. Mas, sim um processo ativo e dinâmico, em que o sujeito envolvido interage com o entorno transformando-o, deixando sua marca, da mesma forma que é também transformado e marcado por este. Neste processo, o sujeito sente-se identificado e/ou pertencente a este lugar, pois pode construir, arrumar e reestruturar o espaço da forma que mais lhe agrade. Há uma recriação do espaço, dotamos-lhe sentido e ocorre a sua transformação em lugar, e conseqüente familiaridade com este.

Podemos dizer, que os processos de apropriação do espaço, identificação e transformação de espaços em lugares, propiciam a construção da identidade dos sujeitos, criando laços de pertencimento e redes de significação no espaço vivido. Esta identificação pode ocorrer por questões individuais, dentro de uma realidade dialética, social, histórica e cultural. É interessante destacarmos que, segundo Mourão & Cavalcante (2006, p. 5),

Segundo Proshansky et al. (1983), identidade de lugar é uma subestrutura da identidade profunda da pessoa e é constituída por cognições sobre o mundo físico, relativas à variedade e complexidade dos lugares nos quais ela vive e satisfaz suas necessidades biológicas, psicológicas, sociais e culturais. As cognições são formadas pelas memórias, idéias, sentimentos, atitudes, valores, preferências, significados relacionados com o ambiente e que formam o que Proshansky et al. (1983) chamam de *passado ambiental* de uma pessoa. Os vínculos emocionais com o entorno são igualmente importantes na formação da identidade de lugar do sujeito. [...]

Outro aspecto relevante nas trilhas da psicologia ambiental, é que esta tem uma óptica voltada para a vivência, à experiência e à percepção dos ambientes dos sujeitos que participam desta metodologia. Havendo assim aproximação com a psicologia fenomenológica existencial, com base na vivência.

A vivência, para Forghieri (1993), só pode ser alcançada pelo próprio sujeito e possui um significado em si mesma, mas através da reflexão é possível obter um sentido para

quem a experiência, que se relaciona com sua forma de ser no mundo e o que já foi vivenciado em outros momentos por estes sujeitos.

Isto remete a uma forma de retornar e descrever o que foi vivenciado pelos sujeitos, uma maneira de compreender como estes podem sentir e perceber algumas situações cotidianamente. Assim, não seria apenas recordar o que foi vivenciado, mas reviver este momento de forma intensa e profunda, promovendo uma maior compreensão do que foi experienciado (FORGUIERI, 1993).

As trilhas possibilitam experienciar o espaço, perceber o que não havia sido percebido, experimentá-lo em sua dinamicidade, interagir com este. É possível que isto ocorra, pois as trilhas acontecem no caminhar do sujeito, a cada passo e pode promover a construção bem como a desconstrução de sua concepção de mundo.

Lugar e Espaço são conceitos poucos estudados na psicologia de forma geral, porém é fundamental neste estudo e na concepção de psicologia ambiental que nos baseamos, pois demonstra como o sujeito se comporta ou se relaciona de acordo com ambiente que está implicado. Lugar é aquele ambiente ao qual atribuímos uma significação, é referência para os sujeitos e também é ponto de identificação. Lugar é mais abstrato do que espaço, é movimento e sua transformação ocorre a partir da nossa experiência naquele ambiente, de um processo de apropriação deste espaço. (TUAM, 1983).

As trilhas possibilitam esta transformação de espaço em lugares. A partir da vivência neste ambiente o sujeito imprime sua marca, cria e recria novos significados e passa a identificar-se e reconhecer este ambiente. Através do processo de apropriação do espaço, as trilhas possibilitam a valorização do aqui e agora, o contato e viabilizam o encontro entre as pessoas e o ambiente.

Menghini (2005) afirma que as trilhas propiciam a sensibilização e a vivência dos participantes na integração entre o homem e o ambiente, e na consciência da problemática ambiental. Há dois tipos de trilhas, que vale a pena diferenciar neste estudo: a ecológica e a urbana. 1) A trilha ecológica visa a re-integração e sensibilização da inter-relação entre o homem e natureza, para que os indivíduos busquem mudança de valores e de aprendizagem de comportamentos ecologicamente responsáveis. Estas trilhas podem ser percorridas em parques, manguezais, serras e áreas de preservação ambiental.

Há assim um resgate de valores e afetos em relação ao outro, o respeito à vida e ao meio, é possível também conhecermos os potenciais do ambiente percorrido e as suas necessidades de preservação, como, por exemplo, pode-se entrar em contato com a natureza, sentir o seu cheiro, perceber os animais que vivem neste lugar e impulsionando assim a

realização de comportamentos ecologicamente responsáveis. Neste momento, enfatiza-se o afeto, o compromisso e a ética ambiental em relação aos lugares.

A psicologia ambiental sob esta óptica introduz um elemento diferenciado, a questão da vinculação afetiva da pessoa ao ambiente (GIULIANI, 2004). Isto pode facilitar uma postura comprometida com a transformação da realidade social, a percepção de sua responsabilidade e da sua ação sobre o meio.

Neste sentido, a Psicologia Social Histórico Cultural concebe a afetividade como ato ético-político, isto é, transformador das questões psicossociais, de forma que tanto o Estado, como a sociedade e os indivíduos apresentem o compromisso social e a possibilidade de transformar a si mesmos e a sua realidade. Na psicologia ambiental, segundo Ferreira (2006, p. 51),

Ao se pensar na relação dialética entre o sujeito e o mundo sócio-físico, ao se pensar na relação dialética inclusão/exclusão social, deve-se também estar atento as condições geográficas e ambientais do entorno, pois o meio físico tem grande importância no comportamento, na medida em que influencia as formas como o homem vai se relacionar com o mundo. Deve-se estar também atento à dialética entre o homem e o meio, buscando verificar como o sujeito percebe o ambiente no qual está inserido e como este o influencia em seu modo de vida e suas atitudes. [...]

2) A trilha urbana é uma visita à cidade e aos lugares que a compõe, promovendo um novo olhar, a percepção do que não havia percebido, seria então o seu re-conhecimento.

Nesta trilha, há uma explicação dos fenômenos históricos, sociais e culturais que permeavam e construíram estes espaços, pois são fatos importantes que não são conhecidos pelos jovens, o que pode gerar uma sensação de alheamento. É interessante que as trilhas não sejam somente a visita a estes lugares, mas que possam propiciar o despertar da curiosidade dos participantes sobre os recursos naturais e culturais, conforme Menghini (2005).

A percepção que o sujeito tem do espaço onde vive influencia a forma em que atua e interage com este. Assim, a percepção ambiental seria o reconhecimento que os sujeitos têm das condições ambientais por meio dos seus processos perceptivos (CASTELLO, 2004).

A forma como cada sujeito percebe a si mesmo e o seu entorno reflete na cultura, nas condições sociais, históricas e econômicas em que está inserido. A percepção, de acordo com Cavalcante (2008) é uma forma de apreensão da realidade externa e interna do sujeito.

Neste estudo, enfatizamos a percepção ambiental, a apreensão da realidade externa, a percepção do entorno espacial. É fundamental o conhecimento deste processo perceptivo para entendermos a relação deste sujeito com o ambiente por intermédio deste ocorre à construção pessoal deste sobre a realidade externa.

De forma geral, a metodologia das trilhas pode ser utilizada como forma de facilitação, pesquisa e outros objetivos. Na pesquisa, possibilita a coleta de dados e captação de informações de acordo com a temática estudada. Na facilitação, pode propiciar a sensibilização, o fortalecimento grupal, a apropriação do espaço, o bem-estar das pessoas, a qualidade de vida, o aprendizado e outras questões didáticas que podem ser trabalhadas, tanto em seminários, capacitações e cursos. Para Menghini (2005, p. 51),

Assim, tornando a trilha como uma ferramenta para um maior conhecimento e um maior valor, esta não teria sentido se não transformasse a consciência e a cultura dos indivíduos voltando-os à formação de novos valores, a uma nova consciência ambiental e a uma nova relação com o meio ambiente.

É uma maneira de ampliar a percepção dos pesquisadores, pesquisados, profissionais, comunidade e pessoas que habitam em determinado lugar. Existem três etapas relevantes para a realização das trilhas:

A primeira etapa é a sua preparação, a explicação dos objetivos, o tempo de duração, o caminho a ser percorrido e outras informações relevantes neste processo. É uma forma de despertar o interesse e a atenção dos participantes.

A segunda etapa refere-se ao percurso permeado de informações e sensibilização. Quando se realizam as trilhas, também é importante fazer algumas paradas (de acordo com os seus objetivos) que possam permitir o descanso, a observação e a contemplação por parte dos participantes. Este momento é essencial,

[...] pois a dimensão afetiva, a ética, a sensibilização pelo cuidado e respeito à Terra, à Vida, aos direitos humanos, à justiça econômica e a cultura da paz, também fazem parte do processo educativo, que não se resume, apenas, aos aspectos cognitivos e metodológicos (MENGHINI, 2005, p. 52).

Já, na terceira etapa, após a realização das trilhas pode-se realizar uma discussão sobre o que foi vivenciado, através de entrevista/debate, grupo focal, rodas de conversa, ou outras práticas metodológicas, como forma de propiciar a construção de relações, a transformação da realidade e o desenvolvimento da consciência crítica dos participantes. É interessante este momento, refletir sobre o que foi vivenciado.

Na psicologia ambiental, segundo Bomfim (2003), existem emoções e sentimentos que potencializam a ação humana no mundo e possibilitam a mudança. Esta afetividade propicia a construção da cidadania e está vinculada a transformação social.

É essencial, também nesta psicologia, a integração da dimensão temporal e cultural, pois se deve analisar as percepções, atitudes, comportamentos individuais e/ou coletivos e outras temáticas em relação aos contextos físicos, históricos, culturais e sociais.

Devem-se levar em consideração as transformações referentes ao período de tempo, a cultura vivenciada, ao momento histórico e social, fatores climáticos e psicológicos, assim percebemos que os sujeitos podem vivenciar os lugares de forma diferenciada.

No próximo capítulo, discutiremos nossos procedimentos metodológicos, buscando assim a imersão no campo de estudo e a relação com a teoria estudada sobre o ProJovem Urbano e as Metodologias Participativas na Psicologia Ambiental e na Psicologia Comunitária.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste item, discutiremos os procedimentos metodológicos vinculados aos objetivos da pesquisa. Para isto, retrataremos o caminho que percorremos neste estudo, como uma pesquisa que segue um método essencialmente qualitativo com um enfoque dialógico vivencial. Para a coleta de dados foi realizado o mapeamento psicossocial participativo, as trilhas urbanas e os círculos de cultura. No que diz respeito à análise dos dados, utilizaremos a construção de sentidos.

4.1 - Pesquisa qualitativa

Para Minayo (2007a), a pesquisa qualitativa preocupa-se com o mundo dos significados, motivos, valores e atitudes que se referem ao comportamento humano, suas relações e seus processos, o que requer uma interpretação e um aprofundamento do pesquisador. Corresponde a um nível de realidade que não poderia ser quantificado. Richardson (1999, p. 79) complementa esta afirmativa, pois o pesquisador nesta perspectiva “não pretende numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas.”

Destacamos assim a distinção presente entre as pesquisas qualitativa e quantitativa no tocante a sua natureza. Isto não quer dizer que haja uma hierarquia entre uma e outra.

Na pesquisa qualitativa, para Minayo (2007b), a interação entre os sujeitos, a realidade e o pesquisador é fundamental, isto é possível através do trabalho de campo.

Pela sua importância, o trabalho de campo deve ser realizado a partir de referenciais teóricos e também de aspectos operacionais. Isto é, não se pode pensar num trabalho de campo neutro. A forma de realizá-lo revela as preocupações científicas dos pesquisadores que selecionam tanto os fatos a serem observados, coletados e compreendidos como o modo como vai recolhê-los. Esse cuidado é necessário por que o campo da pesquisa social não é transparente e tanto o pesquisador como os seus interlocutores e observados interferem no conhecimento da realidade. Essa interferência faz parte da própria natureza da pesquisa social que nunca é neutra (MINAYO, 2007b, p. 63).

Neste estudo a pesquisa qualitativa será fundamental pela complexidade e particularidade das relações entre o ambiente e o jovem, a comunidade e o jovem, presentes nos relatos dos participantes do ProJovem Urbano, a partir das metodologias de facilitação na psicologia comunitária e ambiental: mapeamento psicossocial participativo e as trilhas urbanas, especificamente.

4.2 - Método Dialógico Vivencial:

A vivência, para Góis (2002), baseia-se em Rolando Toro (1988), que prioriza em sua teoria o resgate dos gestos espontâneos, integrados e sensíveis inerentes à vida do ser

humano, a partir do encontro consigo, com os outros e com a vida em sua totalidade. É fundamental para a compreensão do método dialógico vivencial a maneira que o homem sente, emociona-se, significa e ressignifica sua existência na vivência.

Complementamos também ressaltando a importância do aspecto afetivo na vivência, pois este é inerente ao homem e na nossa sociedade prioriza-se a razão e a cognição em detrimento da afetividade.

Desta forma, a vivência promove a emergência de uma consciência enraizada no instante vivido, diferente da ideia de uma consciência a priori que conduz o viver. A consciência leva ao conhecimento e dá sentido ao mundo; e a vivência seria o instante vivido, (GÓIS, 2002). Forghieri (1993) complementa essa reflexão, pois afirma que é fundamental que na vivência não se apresente uma postura intelectualizada e racional, pois é pré-reflexiva⁸.

Assim, é possível o surgimento da intuição, da percepção, dos sentimentos, das emoções e das sensações que se presentificam naquele momento.

Câmara & Paula (2007a, p. 93) preconiza que na vivência,

[...] o contato íntimo e pré-reflexivo com o instante vivido, implicando uma aprendizagem que ocorre em outro nível que não seja o reflexivo. Nesse momento, a corporeidade é vivida e sentida, a afetividade, o sentimento e as emoções podem ser vividos com intensidade, fortalecendo assim a identidade pessoal como presença e totalidade do ser no mundo junto à valorização, também, da presença do outro.

O psicólogo e o pesquisador, ao vivenciarem a comunidade, deverão introduzir-se o máximo possível em suas relações cotidianas e conhecer o seu modo de vida comunitário. Esta compreensão enfatiza-se na sua dinâmica, no impacto psicossocial do modo de vida dos moradores e sua relação com o entorno ambiental.

A realidade não seria somente o objeto de pesquisa e de facilitação, mas deve ser concebida como uma obra de arte, que deve ser experimentada, tocada, sentida, percebida, criada e recriada, por meio da nossa percepção e dos nossos sentidos (MENDONÇA, 2007).

Desta maneira, o psicólogo e o pesquisador, ao vivenciar o modo de vida comunitário, compartilham com os moradores da comunidade os sentimentos, os significados e os sentidos envolvidos nesta realidade.

O diálogo, de acordo com Freire (1983, p. 15), é palavra, é reflexão, é ação transformadora, é a expressão do mundo, é autêntico, é conhecimento e reconhecimento de si e do outro. É também “significação produzida pela práxis, palavra cuja discursividade flui da

⁸ É pré-conceitual, não é racional, nem mesmo intelectualizante.

historicidade – palavra viva e dinâmica, não categoria inerte, exâmine. Palavra que diz e transforma o mundo”.

Assim, percebemos o compromisso e a responsabilidade pela construção do mundo em comunhão através do diálogo. A psicologia enquanto práxis deve propiciar também a transformação dos moradores em sujeitos do seu desenvolvimento por meio do desvelamento da realidade, possibilitando assim o despertar da curiosidade, do posicionamento crítico, da autonomia, da relação com o contexto vivido, da resignificação da realidade, das mudanças sociais, dentre outros fatores.

De acordo com Sombra (2009, p. 41-42),

O diálogo é um espaço fértil para o desenvolvimento humano, pois através dele cada um pode experimentar outras formas de compreensão da realidade na medida em que se encontra com outros que têm uma diversidade de opiniões, conhecimentos e pontos de vista, os quais permitem uma revisão ou aprofundamento sobre a sua própria compreensão da realidade. Esse encontro apresenta um matiz amoroso principalmente pelo respeito à diferença, um cuidado com o outro.

Esta concepção está presente na psicologia comunitária principalmente quando se faz referência ao processo de conscientização, ao diálogo problematizador, às metodologias de facilitação, como, por exemplo, os círculos de cultura. Também as formas de superação das relações de dominação e opressão presentes na comunidade e seu reflexo na sociedade.

Além disto, é possível facilitar relações solidárias e amorosas entre os moradores da comunidade provenientes de uma ação coletiva transformadora. Portanto, destaca-se que,

O diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana; ele é relacional e, nele, ninguém tem iniciativa absoluta. Os dialogantes “admiram” um mesmo mundo; afastam-se dele e com ele coincidem; nele põem-se e opõem-se. [...] O diálogo não é um produto histórico, é a própria historicização. É ele, pois, o movimento constitutivo da consciência que, abrindo-se para a infinitude, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca reencontrar-se além de si mesma. Consciência do mundo, buscar-se ela a si mesma num mundo que é comum: porque é comum esse mundo, buscar-se a si mesma é comunicar-se com o outro [...] (FREIRE, 1983, p. 10-11).

Neste sentido, o diálogo é participativo, possibilita a resignificação da realidade, o crescimento pessoal e a expressão autêntica. É propulsor de humanização, do processo histórico-cultural e ético afetivo de tornar-se e de ser humano (OLIVEIRA, 2004).

Isto demonstra que o diálogo possibilita, além do desenvolvimento pessoal, também o comunitário, pois é possível perceber o outro na construção do mundo, e poder compartilhar sonhos, olhares, atitudes e objetivos. Sendo este processo permeado pelo respeito a si e ao outro.

Podemos relacionar esse processo com a análise e a vivência da atividade comunitária, em que o morador da comunidade apropria-se do espaço, conhece a realidade e

identifica-se com as questões do lugar em que vive. E, conseqüentemente, verbaliza suas dificuldades, seus interesses e sua potência de ação em busca de soluções.

Desta forma, é possível a transitividade da consciência juntamente com os outros, caracterizado no método dialógico vivencial, o método da psicologia comunitária cearense. De acordo com Ximenes & Amaral *et all.* (2008b, p. 92),

A partir da necessidade desse processo de transformação sujeito-comunidade, a psicologia comunitária utiliza o método dialógico-vivencial (GÓIS, 2008) para conhecer e aprofundar a leitura dessa realidade concreta da comunidade. Como o nome indica, esse método tem como premissas básicas a vivência da comunidade e o diálogo com seus atores, seus grupos e suas instituições. Entende-se por diálogo (FREIRE, 1988) um encontro amoroso em que indivíduos partilham saberes, conhecimentos, formas de compreender e sentir a realidade, respeitando um ao outro, suas formas de expressão autênticas. Vivenciar o modo de vida comunitário significa compartilhar junto a pessoas da comunidade sentimentos, sentidos, significados que surgem a partir do seu dia-a-dia naquele lugar. Nesse momento vivencial, o psicólogo comunitário, mesmo enquanto agente externo que assume um papel diferenciado e reconhecido pelos moradores, se presentifica, ao abrir-se para vivenciar e compartilhar dramas, lutas, alegrias e conquistas.

Segundo Ximenes & Nepomuceno *et all.* (2008a), este método compreende a atividade comunitária por meio da observação e reflexão sobre a vivência. Este método visa à apropriação e à transformação da comunidade/lugar por seus moradores e a transitividade da consciência destes.

Permite assim a *re*-leitura e a transformação da realidade, demonstra a práxis do psicólogo comunitário e a interação com a comunidade. Então, é fundamental ressaltarmos que, de acordo com Góis (2005, p. 90),

Analisando e vivenciando a atividade, chegaremos a conhecer não só o processo social e econômico do lugar, como também (e para o Psicólogo é o principal), o que pensam os moradores, o que sentem e o que fazem no dia-a-dia com relação a si mesmo e aos outros. Desse modo, podemos compreender as condições externas e internas que fazem ou que impedem o morador de se desenvolver como sujeito de sua própria história e da história de sua comunidade.

Nesta perspectiva, para que ocorra a análise e a vivência da atividade comunitária é fundamental a inserção do psicólogo na comunidade, como forma de conhecer sua dinâmica, a compreensão dos valores compartilhados, as problemáticas, as potencialidades, possibilitando assim a construção de uma prática contextualizada e pautada no tripé teoria-prática e compromisso social (XIMENES & NEPOMUCENO *et all.*, 2007).

Este método possibilita deflagrar processos nos moradores, a percepção dos significados, sentidos e sentimentos referentes ao lugar, uma *re*-leitura da realidade e ações transformadoras da mesma a partir do *facilitar-pesquisando*.

Na psicologia comunitária utiliza-se o método facilitar-pesquisando (GÓIS, 2008), que envolve conjuntamente facilitação e pesquisa em um processo contínuo de

construção de conhecimento, interação sócio-ambiental e desenvolvimento pessoal e coletivo dos profissionais e da comunidade. São estratégias de pesquisa e facilitação que se caracterizam por um maior empoderamento e valorização da comunidade.

Isto implica que ao pesquisarmos estamos modificando aquele entorno e suas pessoas, assim como nos transformamos enquanto profissionais nesta interação. Os moradores da comunidade devem ser atuantes neste processo investigativo. Já na perspectiva da facilitação, a práxis do psicólogo e o seu comprometimento com a comunidade promovem a realização de pesquisas na área e a construção de novos conhecimentos.

4.3 - Definição do *Locus* e Participantes da Pesquisa

Os jovens participantes desta pesquisa estudam no ProJovem Urbano na escola Papa João XXIII, situada na Rua Treze de Abril, 595, no Bairro Vila União. Localiza-se na Regional IV da cidade de Fortaleza. Nas proximidades da comunidade Maravilha, entre o Bairro de Fátima e o Bairro Vila União. Foram investigados jovens entre a faixa etária de 18 a 29 anos, que moram no bairro Vila União e fazem parte do ProJovem Urbano, como está apresentado nas tabelas abaixo:

Tabela I – Caracterização dos Participantes da Pesquisa – Mapeamento Psicossocial Participativo

Estudante	Faixa Etária	Profissão
Aluno 1	26 anos	Estudante
Aluna 2	20 anos	Estudante
Aluna 3	23 anos	Estudante e Vendedora
Aluna 4	24 anos	Estudante
Aluna 5	28 anos	Estudante e Dona de casa
Aluna 6	18 anos	Estudante
Aluna 7	20 anos	Estudante
Aluna 8	26 anos	Estudante e Assistente de telemarketing
Aluna 9	23 anos	Estudante
Aluno 10	27 anos	Estudante

Tabela II – Caracterização dos Participantes da Pesquisa – Trilhas

Aluna 11	21 anos	Estudante
Aluna 12	21 anos	Estudante
Aluna 13	25 anos	Estudante
Aluno 14	24 anos	Estudante e Vendedor
Aluna 15	18 anos	Estudante
Aluna 16	21 anos	Estudante
Aluna 17	20 anos	Estudante e Dona de Casa
Aluna 18	27 anos	Estudante e Assistente
Aluno 19	19 anos	Estudante
Aluno 20	29 anos	Estudante

A escolha por este programa foi realizada por serem jovens excluídos da rede regular de ensino, que foram vítimas de situação de opressão e desigualdade social. Assim, o pesquisador em psicologia deve ter uma postura política de transformação da realidade social e uma análise crítica do homem e seu entorno. Buscamos assim estudar as metodologias participativas da psicologia e a percepção dos jovens sobre este programa de inclusão social.

O *locus* do nosso estudo foi a comunidade Vila União, situada nas proximidades da Avenida Borges de Melo, perto do Bairro de Fátima, na Regional IV, em Fortaleza. Esta comunidade apresenta dificuldades referentes ao saneamento básico, à existência de um canal que corta a sua região, que gera alagamento no período chuvoso e problemas em relação à segurança pública. Porém, seus moradores são muito envolvidos em lutas sociais e participação comunitária, propiciando reivindicações junto à prefeitura.

4.4 - Procedimento: construção de *Corpus* da pesquisa

A primeira fase foi a formação de um grupo de jovens, com alunos com faixa etária de 18 a 29 anos, do ProJovem Urbano da escola Papa João Paulo XXIII, que moravam na comunidade Vila União. Este grupo ocorreu fora do horário de aula, conforme solicitado pela coordenação.

Antes de iniciarmos a pesquisa, conversamos com os jovens sobre o processo e a maioria destes teve interesse em participar e assinaram o Termo de Consentimento. Isto ocorreu em todas as etapas da pesquisa.

Na primeira etapa da pesquisa, formamos o primeiro grupo, no qual havia em média 11 participantes. No primeiro encontro (M1), realizamos a apresentação dos integrantes

do grupo, refletimos sobre o ProJovem Urbano. No segundo encontro (M2), começamos a problematizar o mapeamento psicossocial participativo, fazendo um levantamento dos lugares relacionados à saúde, à educação, ao lazer, ao esporte no bairro. No terceiro encontro (M3), pedimos para que levassem o material sobre o bairro e discutimos sobre isto. Faltou somente a caminha comunitária, para fechar esta etapa. Realizamos três encontros com duração de três horas, em média. Para coletar os dados, utilizamos a observação participante, os círculos de cultura e o registro em diário de campo.

Por alguns problemas presenciados durante a efetuação dos grupos, como falta de espaço físico e evasão dos alunos, decidimos realizar os nossos encontros no mesmo horário das atividades do ProJovem Urbano. Diante disto, não formamos o segundo grupo com o foco nas trilhas urbanas, pois não conseguimos dar continuidade ao primeiro. Para a finalização do mapeamento e a realização das trilhas efetuamos encontros na sala de aula no horário letivo, que denominamos de segunda fase da pesquisa.

Na segunda etapa da pesquisa, no primeiro encontro (M4) com o grupo inicial, realizamos uma problematização da comunidade com os jovens, além de trabalhar questões referentes ao ProJovem, por meio do círculo de cultura, como forma de abordar o levantamento de dados realizado no mapeamento psicossocial participativo. Também foi um momento de sensibilização para as dificuldades e possibilidades presentes na sua comunidade. No outro dia, realizamos a caminhada comunitária e após isto fizemos um círculo de cultura, com o objetivo de promover a reflexão sobre a comunidade e o ProJovem. Desta forma, efetuamos dois encontros com duração de três horas.

Tabela III – Apresentação das Etapas da Pesquisa – Mapeamento Psicossocial Participativo

Codificação do Encontro	Objetivo	Atividade
M1	Apresentação da pesquisa e os integrantes. Percepção do ProJovem Urbano	Dinâmica de apresentação e diálogo sobre o ProJovem Urbano. (Círculo de Cultura)
M2	1) Mapeamento Psicossocial Participativo (Levantamento de dados sobre a comunidade)	Colagens e diálogo (Círculo de Cultura)

	2) ProJovem Urbano	
M3	1) Mapeamento Psicossocial Participativo (Pesquisa documental sobre a comunidade) 2) ProJovem Urbano	Pesquisa sobre matérias sobre a comunidade. (Círculo de Cultura)
M4	1) Mapeamento Psicossocial Participativo (Caminhada Comunitária) 2) ProJovem Urbano	Caminhar na comunidade e Círculo de Cultura

No segundo grupo, promovemos a discussão das questões ambientais vivenciadas pelos jovens na comunidade, por meio do círculo de cultura, tentando assim realizar um momento de sensibilização para as trilhas urbanas pautado na relação que eles têm com o ambiente e o compromisso com o contexto vivenciado (T1). No segundo dia, realizamos uma trilha na escola e, após a sua efetuação, facilitamos um círculo de cultura sobre o que pensaram e sentiram naquele momento, além de relacionar com o ProJovem Urbano (T2). No terceiro dia, para finalizar, fizemos uma trilha pela comunidade e efetuamos um círculo de cultura para que pudessem verbalizar sobre o que perceberam naquele contexto vivido (T3). Desta forma, fizemos mais três encontros com a duração de três horas.

Neste estudo realizamos as trilhas guiadas, pois de acordo com o foco da pesquisa em questão, seria relevante perceber a trilha de forma conjunta com os jovens, promovendo assim a apreensão da realidade pelo público-alvo, permitindo também a interação entre os membros do grupo e o pesquisador.

Tabela IV – Apresentação das Etapas da Pesquisa – Trilhas Urbanas

Codificação do Encontro	Objetivo	Atividade
T1	Apresentação da pesquisa e os integrantes.	Círculo de Cultura
T2	Trilhas Urbanas e o ProJovem Urbano.	Caminhada ambiental pela escola e Círculo de Cultura
T3	Trilhas Urbanas e o ProJovem Urbano.	Caminhada ambiental pela comunidade e Círculo de Cultura

Durante estas etapas, utilizamos a observação participante e o círculo de cultura como formas de investigar a inserção e implicação dos jovens na realização do mapeamento psicossocial participativo em grupos na comunidade.

4.5 - Procedimento: construção dos instrumentos da coleta de dados

Góis (1993) ressalta que a observação participante exige do pesquisador uma presença ativa na comunidade, sendo imprescindível observar os acontecimentos, fazer seus registros, ter a possibilidade de sistematizá-los e tentar explicá-los, além de promover a verbalização dos jovens, perceber seus gestos, suas reações, seu envolvimento ou até o seu desinteresse na realização das trilhas e/ou do mapeamento psicossocial participativo. Por intermédio da observação participante, é possível conhecer a forma como os jovens inserem-se e implicam-se na comunidade. Podemos perceber, entre outros fatores, os grupos e as atividades em que participam e qual a concepção de comunidade para eles.

Por sua vez, o círculo de cultura é um lugar onde a palavra circula de forma horizontal, em que os participantes e facilitadores/pesquisadores constroem coletivamente o conhecimento. Desta forma, reflete a sociedade em que vivem, a comunidade a que pertencem, referem-se à leitura deste mundo, às suas normas, às suas regras, às suas concretudes e aos seus afetos. Possibilita ao grupo se expressar, compartilhar e dialogar sobre o tema na sua própria realidade.

Tal metodologia foi desenvolvida por Freire (1983) na alfabetização de adultos, como forma de reflexão e participação dos membros do grupo por meio de uma educação problematizadora e crítica. Esta metodologia pode ser utilizada em outros grupos de ação popular, baseada em uma educação como prática da libertação, tanto na facilitação como na pesquisa. Desta forma, para Góis (2008, p. 190), “cada indivíduo, no círculo, frente a frente com os outros, vai dizendo sua palavra e ouvindo a dos demais, atento, receptivo e integrado com o que se vive e o que se pretende construir.”

O círculo de cultura, por meio do diálogo problematizador, deflagra a vivência dos jovens em relação às metodologias através de trocas simbólicas e do processo grupal propiciados neste espaço, gerando assim questionamentos e reflexões, além da construção de novos sentidos, novos conhecimentos e novas leituras da realidade. Segundo Góis (2008, p. 2008, p. 188),

O círculo de cultura faz parte do eixo metodológico que parte de uma educação como prática de libertação. Círculo quer dizer a forma como as pessoas estão sentadas fazendo a palavra ‘circular’ por entre todas, estando cada uma em pé de igualdade para falar e ouvir atentamente. Cultura, por que todos ali têm um conhecimento e uma experiência de vida, fazem parte daquele lugar; pensam, agem,

criam e têm algo a dizer para os outros, contribuindo para o conhecimento coletivo e transformação da realidade.

Desta forma, o pesquisador poderá compreender a partir do diálogo o que foi vivenciado pelos jovens participantes das trilhas urbanas e do mapeamento psicossocial participativo, podendo assim entender como se dá a relação entre estas duas metodologias presentes na psicologia ambiental e na psicologia comunitária, além de entender a pertinência da relação entre estes instrumentos de facilitação dos grupos de jovens, bem como a percepção destes sobre o ProJovem Urbano, permitindo assim uma percepção desta política pública de/para/com os jovens. Este momento é relevante, pois os jovens podem relatar o que foi vivenciado, com ênfase nos seus sentimentos, emoções, sensações e percepções sobre o momento.

Vale a pena ressaltar que será efetuada a devolutiva àquele grupo, na concretização da pesquisa. Essa opção pode ser compreendida como um compromisso ético cabível ao pesquisador.

4.6 - Instrumentos de Registro

Este estudo respeita os princípios éticos de sigilo e individualidade dos participantes que aceitaram fazer parte desta pesquisa. Baseia-se na Resolução 196 de 10 de outubro de 1996 (Diretrizes e Normas Reguladoras de Pesquisa envolvendo Seres Humanos), do Conselho Nacional de Saúde, que enfatiza o compromisso ético com os sujeitos da pesquisa (BRASIL, 1996).

Na coleta de dados utilizamos a gravação e a transcrição das falas e dos diálogos, como forma de assegurar o registro preciso. Não foi possível realizar o registro por meio de fotografia como era previsto, pois os jovens não aceitaram a utilização deste recurso. Ao final do trabalho, será colocado em anexo o diário de campo escrito pelo pesquisador (*Ver apêndice A*).

Foi utilizado durante todas as fases desse estudo o diário de campo (em anexo), que consiste para Montero (2006) em registros que fazem um elo entre a prática, o que foi vivenciado na comunidade pelo pesquisador, e a teoria estudada. Dessa forma, são descrições detalhadas do que aconteceu no campo, suas observações, dúvidas, questionamentos, acertos e a maneira utilizada para superar e aprender com seus erros.

Também é relevante a anotação de campo, que são apontamentos realizados como forma de lembrar o investigador sobre fatos que ocorreram no contato com o objeto de pesquisa (MONTERO, 2006).

Nesta pesquisa realizamos o diário de campo de todos os encontros: na realização das trilhas, do mapeamento e dos círculos de cultura.

4.7 - Análise dos “dados”: Compreensão do *Corpus* da Pesquisa.

A partir do estudo dos diários de campo e das transcrições dos encontros, verificamos as categorias de análise. Estas categorias são as unidades de sentido, que são as unidades de significação presentes na verbalização dos participantes da pesquisa (MOREIRA, 2004).

Desta forma, construímos unidades de sentido, que estão contidas nas descrições e que são reveladoras da estrutura do fenômeno estudado. Realizamos o trabalho da análise dos dados na construção de unidades de sentido direcionadas a conhecer o fenômeno estudado a partir dos objetivos específicos da nossa pesquisa.

Assim, na construção do conhecimento, não buscamos a essência do fenômeno a ser estudado, como se esta fosse uma verdade absoluta (MENDONÇA, 2009). Mas sim o compromisso do pesquisador com a experiência do sujeito. Conforme aponta Moreira (*apud* Mendonça, 2009, p. 60),

- a. Leitura geral da descrição [...] para ter um senso geral de tudo o que foi colocado;
- b. Tendo o sentido do todo, o pesquisador volta ao início e lê novamente, com o objetivo de discriminar ‘unidades de sentido’ dentro da perspectiva que lhe interessa [...] e sempre com foco no fenômeno estudado;
- c. Uma vez delineadas as unidades de sentido, o pesquisador corre por todas as unidades de sentido e expressa o que elas contêm (da perspectiva que lhe interessa) de uma forma mais direta; isso vale principalmente para as unidades de sentido mais reveladoras do fenômeno sob consideração;
- d. Por último, o pesquisador sintetiza todas as unidades de sentido transformadas em uma declaração consistente com relação à experiência do sujeito. Essa declaração vai se chamar: ‘estrutura da experiência’.

Desta forma, os campos de sentido são conjuntos de unidades de sentido, ou seja, conjunto de transcrições que possuem semelhanças, que podem ser aglomeradas. Então, averiguamos as unidades iguais e aglutinamos em campos de sentido, percebendo assim as que são comuns e as que se repetem. Realizamos algumas anotações sobre o que interpretamos dos dados, na tentativa de identificar os eixos temáticos adjacentes deste estudo.

Exploramos assim o material escrito e, a partir deste, identificamos dois macrotemas: 1) ProJovem Urbano e 2) Metodologias Participativas de Facilitação na Psicologia Comunitário e Ambiental. Estes foram os temas geradores desta pesquisa que foram abordados nos círculos de cultura. Cada macrotema deu origem aos temas, subtemas e unidades de sentido. Estes foram sistematizados no quadro abaixo:

Tabela V – Estrutura das Unidades de Sentido

MACRO-TEMA	TEMA	SUB-TEMAS
1. ProJovem Urbano	1.1 – Percepção sobre o ProJovem Urbano	1.1.1 – Comentários dos alunos do ProJovem Urbano
2. Metodologias Participativas de Facilitação na Psicologia Comunitária e Ambiental	2.1 – Conhecendo o ProJovem Urbano e a comunidade pelo Mapeamento Psicossocial Participativo	2.1.1 – Comentários dos alunos do ProJovem Urbano
	2.2 – Conhecendo o ProJovem Urbano e a interação pessoa-ambiente pelas trilhas urbanas	2.2.1 – Comentários dos alunos do ProJovem Urbano

Assim, cada subtema irá corresponder a uma unidade de sentido, que será considerada uma fala individual e coletiva ocorrida no círculo de cultura (*Ver apêndice B*). De acordo com isto, realizamos a codificação dos textos por participantes e sexo (aluno 1, aluna 2, aluna 3...), da numeração do mapeamento psicossocial participativo (m1, m2...), da numeração das trilhas urbanas (t1, t2...) e das páginas do documento da transcrição (p.1, p.2...).

Para a melhor compreensão, vamos exemplificar uma fala, em termos da codificação:

Conheço algumas pessoas de vista, outras já falei um bocadinho, é assim que acontece no ProJovem, não tem aquela integração entre as pessoas, cada um é cada um e pronto (aluno1, m1, p. 10).

Este aluno é do sexo masculino, participou do primeiro encontro que envolveu o mapeamento psicossocial participativo e seu relato completo encontra-se na página 10 deste trabalho, bem como a presença de diálogos durante o decorrer da análise, que representam um aluno do sexo masculino e dois do feminino, que participaram do segundo encontro da trilha. A transcrição completa dos seus diálogos está na página 5 do apêndice deste trabalho.

Aluno 1: Foi boa.

Aluna 3: A minha também.

Aluna 4: Também! (diálogo, t2, p.5)

5. PROGRAMA NACIONAL DE INCLUSÃO DE JOVENS (PROJOVEM URBANO):

Neste capítulo, realizamos a análise e discussão dos dados sobre o ProJovem Urbano, um dos focos desta pesquisa. Esta foi uma das temáticas presentes durante os círculos de cultura realizados no Mapeamento Psicossocial Participativo e nas Trilhas Urbanas.

Ressaltando também que esta percepção do ProJovem Urbano faz parte de uma percepção dos alunos presentes nesta realidade e não é uma verdade absoluta em relação ao mesmo, pois existem contextos diferenciados.

5.1 – Percepção sobre o ProJovem Urbano:

Segundo Campos & Brito *et. all.* (2008, p. 83), “os jovens apresentam particularidades quanto ao processo de socialização, construção da identidade, vivência da afetividade/sexualidade, iniciação profissional, dentre outras.” É possível que vivenciem algumas dificuldades em sua vida de ordem financeira, ou gravidez, ou uso de drogas, que podem propiciar um distanciamento da escola, limitar o seu potencial, gerar problemas de autoestima e comprometer o seu desenvolvimento.

Os alunos participantes do ProJovem Urbano trouxeram em suas verbalizações muitos elementos que nos ajudam a compreender este Programa, que é uma política pública de/para/com os jovens. Analisaremos os pontos marcantes citados por estes jovens, como, por exemplo, a bolsa, a estrutura física da escola, o preconceito com os alunos, a vergonha, a falta de respeito, a exclusão da rede regular de ensino, a dificuldade de aprendizagem, o perfil do aluno, a valorização do ProJovem, as perspectivas futuras, o desinteresse, a intolerância, o mal-estar, a indiferença, a falta de limite, entre outros pontos.

Inicialmente, começamos a detalhar o *perfil do aluno*:

Eu acho que a escola exclui, eu, por exemplo, por que eu engravidei meus amigos todos começaram a falar de mim, eu fiquei impressionada. Não consegui voltar à escola normal, tive que esperar um tempo, fazer com que ele ficasse maiorzinho e procurei o ProJovem, foi o jeito, queria terminar os estudos e fazer alguma coisa (aluna 2, 20 anos, estudante, t1, p. 123).

Esta aluna comenta sobre os motivos que a fizeram abandonar a escola regular e procurar o ProJovem. Ela fala que “foi o jeito”, como se não quisesse estar naquele lugar, mas sabe que tem que terminar os estudos, e que esta é uma possibilidade de conseguir concretizar seus planos para o futuro.

Diante disto, de acordo com os alunos do ProJovem Urbano, alguns motivos incentivaram a participar deste Programa, como a elevação do nível educacional, o

reconhecimento familiar, o incentivo da bolsa e a qualificação profissional, que traduzem este perfil do aluno.

Cada um teve o seu motivo para está aqui, teve seus problemas, as pessoas erram muito mesmo (aluna 5, 18 anos, estudante, p. 124).

Tem aluno que é bom, têm outros que são mais ou menos, e outros que são ruins. Os que são bons, estudam, tiram notas boas, ajudam os outros colegas, ficam na sua, não briga, não respondem, ajudam o professor, participam... Os que são ruins, tem alguns aqui no ProJovem, na nossa sala, acho que ninguém, são aqueles que brigam, batem, geram confusão, falação, discussão, não presta atenção na aula, está ali somente pela bolsa, para ter a sua presença, ficam passeando pela sala. O que são mais ou menos, que eu acho que sou eu, fica no meio dos dois, é bom, mas nem tanto, fica na sua, mas dá umas falações, não gera confusão, apenas brinca e se diverte com seus amigos, num é todo mundo, não, tem gente que não gosta de brincadeira (aluno 10, 27 anos, estudante, m4, p. 121).

Faz referência também à escola regular como sendo um lugar excludente. Esta deveria ser um lugar de socialização, inclusão social, ensino e aprendizagem. Com esta intenção foi criado este Programa em uma perspectiva emergencial e inclusiva de atuação com os jovens excluídos da rede regular de ensino.

Segundo Peixoto (2007, p. 56), os jovens participantes do ProJovem Urbano, [...] “não couberam na escola e desde a sua infância tiveram que enfrentar o desafio de lutar pela sobrevivência”.

Na nossa sociedade atual, vivenciamos a problemática do desemprego e da ênfase na qualificação profissional. Estes jovens sentem-se excluídos da escola, que seria um lugar propício para adquirir conhecimentos teóricos e práticos. E, a partir disto, conseguir o primeiro emprego e superar as dificuldades presenciadas no mercado de trabalho.

De acordo com Pires (2005, p. 92), o ProJovem Urbano “[...] é uma proposta de política pública que pretende a inclusão de jovens pela via da educação como uma proposta salvacionista, ou seja, potencialmente redutora dos problemas sociais”.

Na opinião dos seus alunos, este Programa também seria um lugar para *estudar e fazer amizades*. Porém, há estudantes que conseguem crescer no âmbito profissional, pessoal e comunitário com as oportunidades geradas pelo Programa, mas outros já não estudam, nem prestam atenção e atrapalham os outros colegas com discussões e brigas na sala de aula. Isto se reflete no comentário abaixo,

Eu acho que isso aqui devia servir para estudar e fazer amizades. Tem gente que não quer, tentam botar para fora (aluna 6, 18 anos, estudante, m1, p. 118).

Neste posicionamento, há uma frase que diverge com os objetivos do Programa, como “tentam botar para fora” os alunos que provocam desentendimentos. Isto nos faz refletir sobre

a inclusão social, pois se colocassem o aluno para fora também seria uma forma de exclusão social, pois este não se “enquadrou” ao Programa e foi expulso, como na escola regular.

Ressalta-se a relevância de estratégias de ressocialização deste aluno considerado problemático no âmbito escolar, sendo importante para isto conhecer a história de vida do mesmo, a família, o contexto social, a sua percepção da realidade, como forma de promover um trabalho direcionado realmente para a sua reinserção na escola, família, comunidade e sociedade. Iniciando este processo, considerando-o sujeito atuante no âmbito escolar, tendo assim vez e voz, podendo verbalizar a sua opinião, questionamentos e angústias.

No entanto, o que ocorre é uma inclusão disfarçada de exclusão, já que os jovens estão no ProJovem Urbano, mas, como é citado pelo aluno, estão em sala de aula e não prestam atenção ao conteúdo, não se relacionam com os outros colegas (por exemplo, não fazem um cumprimento ao entrarem na sala), realizam outras atividades e promovem discussão e confusão, com o interesse apenas no respaldo financeiro oferecido por sua presença. Não há, desse modo, uma transformação da realidade destes e nem um comprometimento com o contexto comunitário.

De acordo com isto, Silva (2008, p. 38) afirma que “[...] estamos diante de ‘juventudes’ que, embora marcados pela diversidade, compartilham semelhante processo de exclusão social, ou numa outra perspectiva, estão igualmente incluídos na sociedade capitalista, ‘na parte que lhe cabe deste latifúndio’”. Uma das características deste âmbito é a *confusão* proveniente da relação entre os alunos.

Eu acho que o ProJovem tem muita confusão (aluna 2, 20 anos, estudante, m1, p.116).

[...] Tudo o que se faça (no ProJovem) já é o motivo de uma confusão daquelas. Eu acho assim que é uma coisa sem motivo, né, por que às vezes só por que uma pessoa pega na barriga de outra pessoa, sem querer, que já gera uma confusão, sem pé, sem cabeça (aluna 6, 18 anos, estudante, m1, p. 116-117).

Eu percebo esta confusão, esta bagunça também na sala dos outros e nos comentários dos professores. Estes tentam aliviar a situação, mas não conseguem mesmooooo. Chamam a coordenação, fazem outro trabalho, mas no final não dá certo mesmo (aluna 2, 20 anos, estudante, m1, p.116).

A aluna acima faz uma comparação com as outras experiências escolares vivenciadas durante sua vida, os outros colégios em que já estudou e percebe que o ProJovem Urbano é diferente, em relação ao *respeito* e à amizade entre os colegas.

Não tem respeito entre as pessoas, os colegas da sala (aluna 2, 20 anos, estudante, m1, p. 116).

Na nossa sala temos respeito pelo outro. Isto é que faz com que possamos aprender (aluna 8, 26 anos, assistente de telemarketing, p. 121-122).

Como percebemos, há alunos que concordam com esta falta de *respeito*, enquanto que há outros discordam deste pensamento. Assim, estes jovens resolvem as suas diferenças e os problemas vivenciados no cotidiano com violência física e psicológica, entre outras formas de agressão. Demonstram intolerância com os colegas da turma, com a sua orientação sexual, a profissão, entre outros aspectos.

Usa drogas na escola, não respeita a escolha sexual dos outros, fica mangando do jeito dos outros e isto atrapalha a concentração e o ensino dos professores (aluna 6, estudante, 18 anos, m1, p. 118)

A pessoa já chega te olhando com a cara feia. (aluno 1, 26 anos, estudante, m1, p. 124).

Estas brigas frequentes na sala de aula geram *dificuldade de aprendizagem* nos alunos, pois estes não sabem quando acontecerá a próxima briga na classe, o que gera um clima de tensão no espaço de estudo. E após a confusão, como foi relatado, fica impossível continuar o conteúdo com a mesma motivação e interesse, atrapalhando assim a programação do professor.

Fico na minha (aluno 7, 20 anos, estudante m1, p. 117).

Portanto, estes jovens criam formas de apaziguar as discussões, gerando assim *mal-estar* e situações desagradáveis, pois ficam na sala de aula, evitam conversar com os colegas, ficam na sua individualidade, sem contato com os outros por causa do medo, que gera repressão, a violência e a falta de espontaneidade neste contexto.

No caso da violência escolar, para Matos (2006a), uma possível solução para isto seria a discussão e problematização com os alunos neste âmbito, mas também com a sociedade em geral, de forma que os jovens possam ser escutados, reconhecidos e respeitados.

De acordo com isto, a escola como construtora de valores éticos, culturais, sociais, humanos deve educar para a paz, em uma cultura que seja baseada na tolerância, na solidariedade, no compartilhar com os outros, no respeito às diferenças e às diversas opiniões. A educação de paz utiliza o diálogo entre professores, alunos, família e comunidade, em um movimento de cooperação e de percepção das dificuldades, que aparecem para que possam ser superadas em conjunto (ARAÚJO, 2006).

Destacamos também o que o ProJovem Urbano pode propiciar para os seus alunos em relação *a perspectivas futuras*, que seria a possibilidade de transformar a sua realidade por meio da apreensão dos conhecimentos neste Programa.

O ProJovem é uma oportunidade que tenho de seguir uma profissão (aluna 7, 20 anos, estudante, p. 122).

Tem jovem que não quer nada com a vida, quer só viver a custa dos pais, não faz nada, não pensa no seu futuro (aluno 1, 21 anos, estudante, p. 123)

Notamos que estes percebem o Programa com uma possibilidade de melhorar a sua vida e construir planos futuros em relação a sua profissão, à família e à comunidade. Ao participar ativamente do ProJovem, o sujeito pode transformar a sua realidade, o seu contexto familiar e social. Porém, há alunos que não têm consciência de que a participação efetiva no ProJovem pode mudar a sua realidade, como também apresentam dificuldades de aprendizagem, que geralmente não são trabalhadas no Programa. Estas dificuldades são pautadas principalmente no desinteresse, na desmotivação, na dispersão e na falta de concentração dos alunos, conforme aponta a aluna:

Tem gente que chega aqui e não abre o caderno. Fica passeando pela escola (aluna 6, 18 anos, estudante, p. 118).

Uma das temáticas mais abordadas pelos jovens é a *bolsa*, que é um recurso que ajuda financeiramente o retorno à escola, pois com este dinheiro podem pagar a passagem, comprar algum material escolar, ajudar no sustento da família, no aluguel da casa, contratar alguém para cuidar dos filhos... É uma maneira de se sentir fazendo parte da família, tendo responsabilidades e pagando algumas contas de casa, além de adquirir conhecimentos escolares e profissionais, de acordo com as seguintes alunas:

Tem gente que só vem por causa dessa bolsa (aluna 4, 24 anos, estudante, m1, p. 117).

Se não tivesse a bolsa tem gente que não viria para cá (aluna 15, 18 anos estudante, t2, p. 127).

Os 100 reais me ajuda, não me ajuda tipo por que eu pago uma pessoa para ficar com as minhas filhas quanto venho para cá (aluna 16, 21 anos, estudante, t2, p. 127).

Sobre este recurso presente no ProJovem Urbano inicia-se um diálogo, em que os alunos problematizam a presença de estudantes que só “participam” do Programa para receber este dinheiro, como se fosse apenas um benefício, sem demonstrar assim uma efetiva participação, além de prejudicar o desempenho dos outros colegas de turma.

Aluna 9: Tem gente que devia ganhar esta bolsa era em casa, por que no ProJovem não faz nada, só atrapalha os outros, num estuda, só briga e atrapalha o professor. Devia ter isto, o ProJovem seria melhor.

Aluna 11: Se for assim, ninguém vinha, né. Faria outra coisa da vida e não seria ProJovem mais, era outra coisa.

Aluno 10: Eu ganho a bolsa, e venho para cá, estudo. E tem gente que não vem e ganha a bolsa do mesmo jeito. Não concordo mesmo.

Aluna 8: Eu também acho, ó, o que estou dizendo que tem gente que não deveria vir, que sua presença só atrapalha tudo neste lugar, Se não viesse para cá, seria tudo melhor, até o aprendizado dos outros e a tranquilidade do lugar. (diálogo, m4, p. 122).

Desta forma, estes jovens reforçam a opinião de que os alunos que atrapalham não deveriam fazer parte deste meio, assumindo assim uma postura radical. Poderiam até receber

a bolsa, que é do seu interesse, mas não precisariam atrapalhar os outros colegas. É gerado então um assunto polêmico acerca dos alunos desinteressados. Alguns alunos são mais radicais e pensam que os colegas que atrapalham o momento de aprendizagem ou não frequentam as aulas não deveriam ganhar a bolsa, já que não estão presentes e nem participam do Programa de modo efetivo.

Sobre a *duração* do ProJovem Urbano, refletimos quanto o imediatismo de alguns jovens para a conclusão do ensino básico, pois quatro anos é o tempo regular para a sua efetuação, e agora há a possibilidade de ocorrer em menos tempo. Anteriormente, o ProJovem Urbano tinha apenas um ano de duração, atualmente apresenta um ano e meio.

Eu gosto por que é só um ano e meio, e tem a bolsa. Passa rápido (aluna 5, 28 anos, dona de casa, m4, p. 120).

Assim, deve-se levar em consideração o período de cada conteúdo, de cada unidade formativa, sem comprometer o assunto trabalhado durante o ensino fundamental, ou seja, fazer uma síntese sem prejudicar o conteúdo. Cada aluno tem um processo de formação anterior diferenciado, um *nível* específico e ritmo diferente de aprendizagem.

Os professores ensinam bem demais. Acho um nível baixo, tem que atender todo mundo, né (aluno 10, 27 anos, estudante, m4, p. 122).

Percebemos que os jovens apresentam admiração e afetividade em relação aos *professores*, sendo um aspecto relevante para o Programa e a formação dos alunos. Na escola, geralmente, pode-se construir um ambiente de convivência amorosa entre professores e alunos, que facilite o diálogo, as trocas de conhecimento e o processo de ensino e aprendizagem.

Eu gosto muito dos professores, são muito bons, bem dedicados, estudiosos e compreensivos (aluna 9, 23 anos, estudante, m4, p. 120).

Em relação aos *professores*, os alunos do ProJovem Urbano ressaltam que são bons profissionais, que são qualificados, mas em função de brigas e discussões em sala de aula, estes não conseguem ministrar a aula direito, o que acaba gerando *desmotivação* dos docentes. Além disto, estes já foram ameaçados por alguns estudantes recentemente, propiciando assim medo e afastamento do grupo escolar.

Tem dia mesmo que o professor não consegue dá aula, acho que desmotiva os próprios professores e os próprios alunos (aluna 8, 26 anos, estudante, m1, p. 118).

Estes docentes têm momentos de formação durante o semestre, o que é fundamental para o seu posicionamento crítico em relação ao Programa e para tentar criar novas formas de atuação em sala de aula com os alunos. Para estes profissionais, seriam importantes momentos de estudo de caso, grupos de estudo e troca de informações com um enfoque interdisciplinar.

De acordo com Matos (2008, p. 58), este acompanhamento dos professores facilita na “[...] forma de lidar com os jovens, atribuições do educador, interdisciplinariedade, projeto pedagógico integrado, ação comunitária, letramento, registros e organização das práticas educativas (fotos, textos), planejamento e avaliação.” A partir das capacitações, podem repensar a sua prática profissional, levando assim a uma construção de novas metodologias no contexto escolar.

Sempre trazem alguma novidade como, por exemplo, um filme, um passeio e agora vocês (aluna 16, 21 anos, estudante, t2, p. 125).

As metodologias utilizadas pelos professores no ProJovem Urbano necessitam, geralmente, ser reformuladas e questionadas nos momentos de formação docente pautados nos interesses dos jovens e no contexto em que estão inseridos. É necessário inovar e modificar algumas destas práticas pedagógicas, principalmente as pautadas em um ensino bancário meramente expositivo.

Segundo Freire (1983), a escola não deve possuir um ensino bancário, em que o professor apenas deposita (ou transfere) os conteúdos aos alunos, pois não permitem a estes pensar, criticar, refletir, posicionar-se, ou melhor, serem eles mesmos em processo de criação e re-criação. Esse autor afirma que é necessário nas escolas um ensino voltado para uma prática libertadora, na qual os alunos possam ser sujeitos no seu processo de aprendizagem, fazendo assim com que estes e os professores construam juntos os conhecimentos através de uma postura dialógica.

A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, em que o professor expõe ou fala o que estuda ou ensina. Porém, é relevante que professor e alunos reconheçam que sua postura deve ser curiosa, aberta, indagadora e ativa (FREIRE, 1983).

Diante disto, as aulas devem ser flexíveis e criativas, com o intuito de garantir a concentração, a participação dos alunos e a sua permanência em sala de aula, como o incentivo ao estudo e à aprendizagem, pois o aluno comentou que sente dificuldade de concentração e sono durante a aula, geralmente por causa de uma rotina diária de trabalho, ou de outras atividades, necessitando assim de aulas instigantes, criativas e contextualizadas.

A aula é muito chata, às vezes, dá sono, nesta hora do dia depois de fazer tantas coisas, né. Deveria ter mais dinâmica e aulas diferentes, bem assim deste jeito que foi esta daqui, né. E o povo ficar animado, participar e não ter sono como muitos têm [...] (aluna 8, 26 anos, assistente de telemarketing, m4, p.120).

A *coordenação* do ProJovem Urbano está bem presente nas atividades cotidianas do Programa, porém falta a articulação com outras instituições para garantir os seus princípios

básicos como, por exemplo, o contato maior com instituições de nível superior ou de cursos profissionalizantes e técnicos, que ajudam o aluno a conhecer novas formas de atuação.

A coordenação é boa, participa bem, pune quando precisa, dá bronca, aconselha, eu não tenho do que reclamar assim. Só acho que deveria ter mais cursos, tem mais parcerias com os cantos como as universidades, o contato com este povo, nos ajuda a sonhar alto também (pensar no nosso futuro, pensar que dá certo) e a participar mais (aluno 10, 27 anos, estudante, m4, p. 120).

Os alunos sentem necessidade de realizar mais *cursos extracurriculares*. Pautado no perfil do Programa, este já possibilita a criação de cursos com parcerias com instituições profissionalizantes e de ensino. Estes cursos permitem a interação, a troca de conhecimentos entre os alunos, promovendo assim o processo de ensino e aprendizagem e o resgate da autoestima.

Há uma ênfase na interação do sujeito com o meio, seguindo a perspectiva de Vygotsky (1984), que promove o desenvolvimento e aprendizagem, em que há uma zona de desenvolvimento real, o que já conseguiu aprender, o conhecimento adquirido; e a zona de desenvolvimento potencial, o que o sujeito ainda não aprendeu, o conhecimento que não foi alcançado ainda e que pode atingir com ajuda do professor ou de outro colega. Então, a ZDP é a diferença entre a capacidade real e a potencial, ou seja, aquilo que a criança ou adolescente é capaz de realizar sozinho e o que é capaz de realizar com a colaboração e mediação de outra pessoa, sejam professores ou colegas de classe.

Há a existência de cursos para os jovens, para que possam se capacitar em relação ao mercado de trabalho. Os alunos ainda reclamam, pois têm interesse por cursos oferecidos com diversas temáticas, com uma maior frequência, pois muitos não têm condições de pagar uma qualificação fora deste Programa.

O ProJovem deveria fazer sim mais cursos, trabalhos conosco e com a comunidade próximo a escola. Vamos ter um do CEFET, que parece ser bem interessante, mas tem um aqui e outro bem depois, aí não se veem os resultados. Tem que ter mais cursos sim!!!(aluna 2, 20 anos, estudante, m2, p. 119).

A *qualificação profissional* é um dos focos atrativos do Programa para os jovens, pois geralmente têm dificuldade de encontrar o primeiro emprego, principalmente, quando não há escolarização e preparação profissional para isto. Para Adriano (2008, p. 96),

A Qualificação Profissional (grifo nosso) do ProJovem objetiva proporcionar uma formação inicial aos jovens, despertando sobre as questões atuais do mundo do trabalho e acerca de um arco ocupacional. Na concepção do Programa, os estudos profissionais devem embasar o aluno à decisão e reflexão, não doutriná-lo apenas em conhecimentos processuais, promovendo espaços para discussão e formação, não salas de treinamento.

A proposta do ProJovem Urbano alia a proposta educacional ao trabalho e dá visibilidade a outras perspectivas futuras para os seus alunos, abrindo assim um leque de possibilidades, visando à realização pessoal e profissional destes.

Têm jovens que não trabalham, que não têm a oportunidade do primeiro emprego e de qualificação profissional (aluno 1, 26 anos, estudante, m2, p.119).

Nos círculos de cultura, estes *jovens* comentam que ficam ociosos e dispersos durante o dia, sem outras atividades relacionadas ao ProJovem Urbano. Esse tempo livre algumas vezes acaba gerando acontecimentos desastrosos e desocupação. É necessária a promoção de atividades formativas e artísticas (teatro, fanzine, grafite, teatro de bonecos, rap, pintura, cordel, quadrinhos, apresentação musical, entre outras) fora do horário de aula para que estes alunos possam desenvolver-se satisfatoriamente.

Acho os jovens daqui muitos dispersos. Eles ficam nas praças sem fazer nada (aluno 1, 26 anos, estudante, m2, p.127).

Porém, nos cursos realizados pelo programa, há desistência, falta de interesse e dedicação dos alunos, o que dificulta na realização de novas parcerias e promoção de outras atividades formativas neste programa, segundo relato dos jovens.

Nos cursos que tem, o povo daqui não se dedica, não vai, falta demais, aí desestimula a coordenação e os professores (aluna 2, 20 anos, estudante, m2, p. 6-7).

Neste âmbito, seria essencial a presença do profissional de psicologia para promover uma orientação profissional (conhecimento e problematização das profissões), como também realizar processos de formação e capacitação dos mesmos. Isto propicia aos jovens acreditarem no seu potencial intelectual, artístico, profissional e pessoal, além de garantir a sua sobrevivência e a de sua família.

A incursão no campo permitiu também observar *a ação comunitária* no Programa, que promove o conhecimento da realidade local e a sua problematização por parte dos estudantes no contexto escolar, além de possibilitar a procura de soluções para as dificuldades presenciadas e permitir o reconhecimento dos potenciais da comunidade.

Eu gosto muito da ação comunitária, esta parte é massa, pois sempre tem uma atividade diferente, e podemos falar mais sobre a nossa comunidade, nossos amigos e família (aluna 3, 23 anos, vendedora, m2, p.120).

A ação comunitária é desenvolvida atualmente por um profissional de serviço social, porém seria fundamental a participação do psicólogo social nestas ações, pois facilitaria um trabalho diferenciado através de um processo de conscientização dos jovens envolvidos a partir do diálogo problematizador e de atividades grupais, com o foco na

apropriação do lugar (comunidade e escola), a realização de atividades comunitárias, bem como trabalhar temáticas referentes à: afetividade, subjetividade, relação interpessoal, aprendizagem, comunidade, escola, família, violência, entre outras demandas sociais destes jovens. Assim, a escola, além de visar conhecimento e aprendizagem, assume um papel crítico e questionador da realidade social, não visando o ajustamento social, nem à naturalização dos acontecimentos.

Campos & Brito *et. all.* (2008, p. 88) afirmam que,

A ação comunitária do ProJovem em Fortaleza tem como diretriz a realização de trabalhos sócio-educativos que possibilitem aos jovens a compreensão e a intervenção crítica na realidade local. Assim, ao longo da implementação da proposta, optou-se por estimular o envolvimento dos jovens na elaboração do seu protagonismo [...].

O Protagonismo Juvenil é a maneira de encarar o jovem não mais como sujeito de criminalidade, causador de problemas sociais na comunidade, mas como sujeito, elemento transformador no interior da sociedade. O jovem é visto como agente de mudança e sujeito do seu desenvolvimento e da comunidade em que vive e mora.

O Programa busca oferecer oportunidade para que os jovens experimentem novas formas de interação, se apropriem de novos conhecimentos, re-elaborem suas próprias experiências e sua visão de mundo e, ao mesmo tempo, se re-posicionem quanto a sua inserção social e profissional.

Diante disto, a temática que não surgiu nos círculos de cultura foi a participação destes jovens na gestão administrativa, nem pedagógica, nem a formação de grupos no ProJovem Urbano. Quando perguntamos, inicialmente, sobre a existência de grupos religiosos, ou culturais, ou de grêmios, os professores falaram que não era presente isto naquela escola. De acordo com Silva, (2008, p. 47) a participação dos jovens [...] “é outro elemento de fundamental importância para o Programa, que prevê a criação de fóruns deliberativos, com representações de jovens, educadores e coordenação das estações juventude”.

Percebemos durante as observações em sala de aula que a maioria dos alunos não se preocupava com as questões da comunidade, nem mesmo da escola. Havia o discurso de que se cada um cuidar do que é seu não haverá problema em relação ao todo, já que não gostam de se meter na vida dos outros, nem se preocupar com isto.

Portanto, neste momento, notamos a individualidade entre as pessoas na sala e pouco envolvimento com o contexto social, ambiental e comunitário em que estão inseridos cotidianamente.

Outra perspectiva essencial para analisarmos o ProJovem Urbano é a *estrutura física*, já que algumas condições são fundamentais para o processo educativo na escola, como, por exemplo, o espaço (área de lazer, biblioteca, sala de aula, refeitório), os recursos (lúdicos, didáticos), a relação professor-aluno (a afetividade e a amorosidade), a interação entre comunidade-escola, entre outros fatores. Um aluno comenta sobre um espaço da escola:

Eu não gosto por que sempre a biblioteca está fechada. [...] Raro o dia que tem merenda e falta material (aluno 6, t1, p. 123).

O aluno reclama a falta de livros voltados para os alunos do ProJovem Urbano, além de haver dificuldades em relação ao material e à merenda escolar. Portanto, as questões estruturais influenciam diretamente na aprendizagem dos alunos. Porém, ressaltamos que o material didático e os demais recursos são provenientes do Governo Federal. Desta forma, podemos observar que,

[...] os locais que apresentam sinais de abandono e decadência são mais propícios para o surgimento de comportamentos relacionados à falta de cuidado e ao sentimento de insegurança. Neste sentido, em vez de propiciar interações positivas das pessoas que convivem em um espaço, criam-se um ambiente de descuido, propício à proliferação de incivildades e às violências (ABRAMOVAY, 2006, p. 75-76).

Notamos que durante a realização da própria pesquisa na escola, houve dificuldade em relação à disponibilidade de salas em outro horário para o ProJovem Urbano. Isto também deve corresponder na realização de cursos e atividades fora do horário de aula. Outro aspecto relevante observado é o *preconceito* em relação às pessoas que estudam neste Programa pela comunidade e da sociedade de que fazem parte, como afirma a aluna:

É verdade o que o povo fala sobre o ProJovem. Tem muito preconceito também. Eu gosto de ser do ProJovem e não gosto quando falam somente o lado negativo (aluno 9, 23 anos, estudante, m1, p.117).

Olham a gente com cara feia, fazem piadinhas (aluno 15, 18 anos, estudante, t1, p. 24, p. 124).

Este aluno demonstra a sua apreciação em relação ao Programa e afirma que não gosta quando as pessoas se focam somente nas dificuldades presentes no ProJovem Urbano. Já no diálogo abaixo, os jovens comentam sobre a realização da trilha, próximo ao colégio e à praça, demonstrando assim como se sentiram em relação aos moradores da comunidade.

É preconceito desse povo. O povo não quer mais amizade não, só quer saber do que você tem (aluna 12, estudante, 21 anos, t2, p. 125).

Silva (2008) nos alerta que a escola deve se preocupar com as questões sociais da comunidade e promover uma relação entre os jovens e as problemáticas vivenciadas neste contexto.

Percebendo assim como estes sentem em relação à comunidade, o espaço em que vivem, as pessoas que moram neste lugar e a sua atuação neste âmbito, promovendo assim ações coletivas e reflexões críticas sobre esta realidade.

Podemos observar também a *vergonha* dos jovens em fazer parte deste Programa, pois, ao realizarmos a trilha urbana pela comunidade, alguns jovens decidiram tirar a camisa, como se não quisessem ser identificados como estudante do ProJovem Urbano no lugar onde moram, ou na praça que costumam frequentar e se divertir. O uso da camisa para assistir as aulas é obrigatório, caso não compareçam com a blusa eles não têm a presença daquele dia, se o motivo não for justificado.

[...] eu tirei a blusa do ProJovem assim que sai da escola, vim já preparada com uma bonita por baixo, por que sabia que vamos caminhar mesmo por aqui e não queria que me vissem. Acho estranho o povo ficar comentando sobre isto, eu não gosto (aluna 12, 21 anos, estudante, t2, p. 125).

Isto nos faz refletir e gera questionamentos: Por que este jovem não gosta de aparecer com esta blusa na sua comunidade? Como se sentem pertencendo a este programa? Quais as consequências de vestir a blusa e caminhar pela comunidade? Qual a relação que este tem com a sua comunidade? Observamos algumas destas respostas na verbalização no diálogo abaixo:

Eu não gostava da forma que o pessoal olhava para a gente (aluna 17, 21 anos, dona de casa, t2, p. 125).

Eu tirei a camisa, e tiro mesmo (aluna 12, 21 anos, estudante, t2, p. 125).

Quando chegam os professores chamam a atenção, mas é mesmo que nada, tão nem aí. Parece que sente vergonha de ser do ProJovem, e não está nem aí para as atividades daqui mesmo. Mas, não é todo mundo, é boa parte do grupo, aqui nesta sala tem muita gente assim, mas em outras que são melhores, outras piores e assim vai (aluna 17, 21 anos, dona de casa, t2, p. 126).

Porém, este sentimento não está presente em todos os alunos, não podemos generalizar, pois alguns jovens criticam esta postura e valorizam o Programa de que fazem parte.

Eu não me sinto mal de usar a sua camisa, eu vejo gente que chega sempre sem a blusa (aluna 17, 21 anos, dona de casa, t2, p. 126).

Estes jovens criticam as *amizades* presentes neste contexto, pois estas se focalizam pelo interesse financeiro, ou pelo *status* social. Não tem o foco no que eles são, no que pensam e sentem. Estes colegas são mais para se divertir e não para conversar assuntos pessoais e profissionais, por isso têm vergonha de ser o que realmente são, de assumir os seus erros e de comentar sobre as perspectivas futuras.

Eles são daqueles amigos que mangam, e eu não gosto. São daqueles que você só é o que você tem, não valoriza as outras coisas, mas são os amigos que eu tenho, né!

E são os amigos que eu gosto de sair para farrear, não conto as coisas de casa para eles, nem dos estudos, é mais para as brincadeiras mesmo (aluna 12, estudante, 21 anos, t2, p. 126).

Durante as observações na escola, notamos que os alunos do ProJovem Urbano frequentam o espaço escolar da forma que se sentem bem. Usam bermudas, shorts, saias, chinelos; outros já se ajeitam mais, colocam uma calça. Cada jovem entra na escola da forma que se sente melhor, ou que pode comprar, não é excluído por causa de suas vestimentas, como ocorre na escola convencional, porém devem ir com a camisa do Programa. Também há a presença de crianças na aula, já que alguns pais não têm com quem deixá-los em casa. Porém, neste Programa, coloca-se a disciplina em relação a estes fatos, por exemplo, pode ir de saia, mas esta não pode ser muito curta.

Os alunos gostaram muito dos encontros realizados na pesquisa, o que mostra a necessidade de verbalização sobre suas necessidades, dúvidas, anseios, avanços presentes no seu cotidiano escolar, profissional e comunitário. Os relatos demonstram a importância de ter um espaço para trabalhar as questões subjetivas, afetivas, relacionais e sociais referentes ao Programa, à comunidade, à família, aos colegas, a si mesmo e às outras demandas dos jovens. Sobre a *participação no grupo*, os alunos comentam que:

Foi muito bom falar do que acontece com a gente no ProJovem no dia a dia e também foi bom conhecer mais pessoas daqui. Na sala de aula não temos espaço para falar sobre este assunto (aluna 6, 18 anos, estudante, p. 118).

Não sei quando teremos um momento assim de novo, espero que logo (aluna 16, 21 anos, estudante, t1, p. 124).

Os alunos sentiram-se bem durante o desenvolvimento das atividades, pois foram momentos de troca e de repensar a realidade em que estão inseridos. Como cita o aluno, as discussões grupais fizeram com que ele gostasse mais do Programa de que faz parte e conhecer o contexto social, havendo assim identificação.

Depois desta discussão, eu passei a gostar mais do ProJovem e a conhecer mais a realidade daqui, conhecer mais a escola e me sentir como um membro dela realmente, e não só uma pessoa que vem para cá e pronto (aluno 15, 18 anos, estudante, t1, p. 124).

Desta forma, percebemos a identificação e a realização de atividades contextualizadas com os jovens, que são considerados problemáticos e estão excluídos da sociedade, sem que seja necessária a sua expulsão, mas a possibilidade de trazer realmente este aluno para o contexto escolar de forma crítica, compreensiva e criativa.

A escola é um lugar de socialização, aprendizagem e desenvolvimento da autonomia, da criticidade, da emancipação e da construção da identidade dos jovens em relação com os outros jovens. A escola facilita no desenvolvimento de potencialidades, da

cidadania, da sensibilidade e na compreensão da criança, do adolescente e do jovem como ser histórico, espiritual, afetivo, social, biológico, cognitivo e cultural (KHOELER, 2006).

Portanto, há “necessidade de ultrapassar os limites dos muros da escola, integrando-se a vida pulsante da comunidade, rompendo com uma concepção que se foi formando ao longo da história, de uma escola apartada da vida” (SILVA, 2008, p. 43).

Este é um dos desafios do Programa, promover esta re-inserção dos jovens em relação à comunidade em que moram, torná-los reconhecidos neste contexto, resgatar a autoestima, promover o desenvolvimento dos seus potenciais e a preparação para o mercado de trabalho.

Portanto, ressaltamos que o foco seria na conclusão do ensino fundamental em apenas 18 meses é baseado em uma postura emergencial de elevação da escolaridade dos jovens que participam do Programa. Desta forma, os alunos que eram indesejáveis para algumas escolas e foram expulsos destas, têm a possibilidade de serem incluídos no âmbito escolar, familiar e comunitário, propiciando o desenvolvimento das capacidades cognitivas, afetivas, lúdicas, sociais e físicas dos seus alunos (MATOS, 2008).

Quem faz o ProJovem são os alunos (aluno 7, 20 anos, estudante, m4, p. 121).

De acordo com o aluno, há uma consciência por parte de alguns jovens que têm uma responsabilidade na sua construção e na participação. Para os jovens é um Programa em que ganham uma bolsa, há uma preparação profissional, um compromisso com a comunidade, o acesso a conhecimentos teóricos e práticos, existência de cursos, entre outros. Alguns têm vergonha e se sentem alvo de preconceito da comunidade por integrar o Programa. Há confusão e indisciplina para alguns alunos, mas compreensão e afetividade em relação aos professores.

O ProJovem Urbano tem como uma função social, política e comunitária bem como o compromisso com os seus alunos. Este Programa ainda precisa ser repensado, reformulado e reestruturado, com as necessidades e demandas da escola em que está inserido, porém temos que reconhecer que já ocorreram grandes avanços e transformações sociais alcançadas.

6. A COMUNIDADE SOB A ÓTICA DOS ALUNOS DO PROJovem

Este capítulo tem o objetivo de apresentar os dados coletados sobre o mapeamento psicossocial participativo e as trilhas urbanas sob a ótica dos jovens através da realização dos mesmos, da observação participante, do diário de campo e dos círculos de cultura. Para finalizar, iremos efetuar uma relação entre as duas metodologias na perspectiva da psicologia comunitária e ambiental, percebendo assim semelhanças e especificidades de cada área.

6.1 - Percepções dos jovens sobre a comunidade a partir do Mapeamento Psicossocial Participativo:

O mapeamento psicossocial participativo é uma forma de conhecer a comunidade sob a perspectiva dos seus moradores. Assim, o profissional de psicologia insere-se no contexto, se familiariza, conhece as necessidades e percebe os potenciais, demonstrando assim o seu compromisso social. À medida que a comunidade também conhece o profissional que atua neste âmbito, conhece seus objetivos e interage com este, gerando assim uma confiança mútua entre estes sujeitos e um reconhecimento do saber popular e científico (MONTERO, 2006).

Esta metodologia permite uma visão bem ampla da realidade, pois concebe os aspectos demográficos, sociais, culturais, econômicos, históricos e afetivos, buscando os conhecimentos objetivos e os subjetivos da comunidade. Neste processo de inserção, utilizamos o método dialógico-vivencial, o método da psicologia comunitária, compreendendo assim o modo de vida comunitário e as relações neste contexto.

O mapeamento psicossocial participativo compreende a pesquisa documental, o levantamento de dados, a reflexão sobre a comunidade e a caminhada comunitária. Não seria, portanto, somente conhecer a comunidade sem perceber a realidade dos seus moradores, o seu modo de vida comunitário, a sua subjetividade e as relações estabelecidas. Diante disto, podemos conhecer a comunidade da Vila União sob a ótica dos estudantes do ProJovem Urbano e observar a percepção destes sobre a metodologia de facilitação.

A comunidade Vila União é calma e tranquila, temos praças, hospital de criança que é o Albert Sabin (aluno 1, 26 anos, estudante, m2, p. 127).

A partir da discussão e da problematização da comunidade, podemos perceber que é possível captar aspectos relevantes da realidade, como foi citado acima, pois o aluno comenta que onde mora é *tranquilo*.

Há opiniões diferenciadas sobre a tranquilidade do bairro, pois alguns participantes do grupo acreditam que é um bairro perigoso, já que presenciaram alguns fatos de *violência*,

assaltos em suas casas, ou nas de sua vizinhança. Este diálogo faz com que estes possam refletir sobre o contexto e acolher o comentário do colega, respeitando o seu posicionamento sobre a realidade, propiciando assim novas significações sobre o lugar.

Não acho que o Vila União seja um bairro calmo (aluna 2, 20 anos, estudante, m2, p. 128).

É interessante como comparam a sua comunidade com outros lugares, para que a partir disto consigam perceber o lugar onde moram de forma ainda mais pacífica e positiva, afirmando que podem andar pela rua tranquilamente, ir a uma festa, pedir informação, sem que ocorra violência, como ocorre em outros lugares. Refletem também os estereótipos que são apresentados na televisão e nos jornais sobre a comunidade do Lagamar

O Lagamar é muito mais violento e perigoso (aluna 4, 24 anos, estudante, m2, p.128).

Retratam as *dificuldades* na comunidade e demonstram uma postura individualista, conforme o diálogo em que cada um cuida da sua vida e dos seus problemas, sem se preocupar com o contexto comunitário e com o grupo social em que está inserido.

Problema no Vila União tem, mas ninguém pode resolver o problema de todo mundo. Cada um tenta resolver o seu problema, a sua dificuldade... (aluna 4, 24 anos, estudante, m2, p.129).

Agora o Vila União está melhor, mas é preciso mais trabalho da prefeitura (aluna 7, 26 anos, estudante, m2, p.130).

Esta *reflexão sobre a comunidade* também faz parte do mapeamento psicossocial participativo, pois consiste em levantamento de dados sobre este contexto e um reconhecimento da realidade comunitária sob a óptica dos seus moradores, além de observar a percepção que apresentam em relação ao lugar e a que podem passar a ter, a partir das reflexões sobre a comunidade.

A comunidade é um lugar de integração, afetividade, aprendizado e socialização entre os moradores. Possui uma dimensão física, o território, o lugar, que a retrata geograficamente, além de ter uma dimensão sócio-psicológica, uma interação das pessoas com o lugar (GÓIS, 2005).

A comunidade do Vila União é *um lugar bom de morar*, há assim uma apropriação dos moradores em relação ao lugar, além do sentimento de pertença e a afetividade em relação às pessoas e à comunidade.

Acho que é um lugar que tudo que nós queremos nós conseguimos, é um lugar que tudo é perto (aluno 6, 18 anos, estudante, m2, p. 130).

Percebi que a praça é muito bem localizada (aluno 13, m4, p. 130).

Passamos então para o próximo item, a *saúde* na comunidade do Vila União, como comenta a aluna:

Percebi que a praça é muito bem localizada, mas se envolvem com coisas estranhas, como drogas, não fazem sexo com camisinha, aí pode pegar alguma doença, alguma coisa ruim... (aluna 6, 18 anos, estudante, m2, p.137).

Diante disto, percebemos que os jovens, geralmente, não se protegem contra as doenças e a gravidez de forma consciente e que usam drogas. No decorrer da vida do jovem, os comportamentos de risco incluem a atividade sexual arriscada, o uso de álcool, drogas ilegais, a violência, o abandono da vida escolar, a pouca interação social e o desemprego.

Há bons hospitais no bairro, segundo a verbalização dos alunos, pois alguns já têm filhos e sentem-se seguros em relação à saúde dos mesmos. Sobre os hospitais do bairro, o aluno comenta a sua percepção,

O Hospital é maior do que imaginava (aluno 10, 27 anos, estudante, m4, p.136).

Em relação à *educação*, os jovens percebem as diferenças sociais e verbalizam os seus sonhos em relação aos seus filhos.

Tem o colégio dos ricos da região bem perto, dava pra ver direito. Sonho em colocar meus filhos lá, até liguei uma vez, mas foi complicado, sabia. É muito caro, né e ainda tem o material, o lanche, que é por minha conta (aluna 6, 18 anos, estudante, m4, p. 137).

Sobre a *religião*, notamos que a maioria é católica, mas há pessoas evangélicas e que praticam religiões africanas. Há ainda preconceito com as religiões “não católicas”, como a Umbanda.

A maioria é católica, né, mas tem muita gente evangélica. Há preconceito com as pessoas evangélicas aqui, o povo não gosta muito, mas é claro que tem gente que é muito exagerado, mas não sou assim (aluno 1, 26 anos, estudante, m2, p.132).

O lugar que mais chama atenção dos jovens é a praça. É o lugar mais frequentado por estes, pois encontram os colegas, namoram e dançam. Associa-se a praça a um lugar de passear e ter diversão com os amigos e outros grupos sociais, pois na juventude há a construção de novos interesses além da família.

Nós desenhamos a praça, que é um lugar que nós frequentamos bastante, é bem animado todos os dias (aluno 1, 26 anos, estudante, m2, p.129).

É lá (praça) aonde os amigos se encontram. Tem muitas opções para os moradores da comunidade (aluna 6, 18 anos, estudante, m2, p. 133).

Tem parquinho, lugar para correr, para passear, tem árvores (aluna 7, 20 anos, estudante, m4, p. 137).

Os jovens refletem que neste ambiente há diversos tipos de pessoas que moram na comunidade, que participam daquele meio por vários motivos, para caminhar, namorar, divertir-se, entre outros. Percebem novamente as diferenças sociais presentes neste momento nas casas próximas à praça, enfatizando assim a *moradia*.

Quando andei senti diferença nas casas, de um lado, tinha casas muito finas, arrumadas, não tinha muito movimento na rua, bem diferente do que acontece normalmente no Vila União (aluno 7, 20 anos, estudante, m4, p. 138).

Apreendemos assim a relevância atribuída aos serviços, aos equipamentos sociais e aos transportes, como, por exemplo, os colégios, os postos de saúde, o hospital, as praças, além de compreender a questão da saúde, da religião, da educação, dos pontos de lazer e esporte.

Conhecemos também a *localização* da Vila União, ou seja, onde começa e termina o bairro sob a perspectiva dos jovens. Além disto, é relevante conhecer a *história do bairro*, a sua criação e construção.

Começa lá na Borges de Melo, passa pela escola, e termina lá na lagoa perto do aeroporto velho, onde tem a praça do boi (que não lembro o nome certo, mas todo mundo aqui chama assim), tem uma delegacia também (aluno 1, 18 anos, estudante, m2, p. 133).

Veio de investimento do povo, que foi comprando terreno, construindo casas por aqui, eu acho. Com o surgimento da ferrovia na região, eu acho que foi assim, eu ouvi falar nisto, mas não tenho certeza se é verdade (aluno 8, 26 anos, estudante, m2, p. 134).

Pelo relato dos estudantes, há um conhecimento da comunidade, da percepção espacial e geográfica destes jovens. Porém, estes poucos sabem sobre a história do lugar, como este surgiu, por quais dificuldades passou, como conseguiu superá-las.

Ressaltamos que para o mapeamento é relevante saber onde começa a comunidade para os seus moradores, qual a percepção deste lugar, como o representa e o delimita, além de conhecer a história do local. A partir dos questionamentos do profissional de psicologia: Onde começa e termina a comunidade? Há quanto tempo existe a comunidade? Como foi a sua construção? Foi coletiva?

Esta atividade propiciou o *interesse* dos mesmos para procurar os dados, que finalizou com a atividade de casa, que seria procurar matérias sobre o Vila União e trazer para o próximo encontro, mostrando elementos do bairro, tais como a percepção do lugar que moram, presentificando-se assim um sentimento de comunidade, de pertencimento àquele contexto social, pois seria este bairro, esta realidade maior, que reflete a comunidade em que vivem, mostrando assim valores e condições sociais. No dia da leitura das matérias, apenas dois alunos trouxeram a pesquisa.

Aluna 6: Achei massa este texto, por que relembro as histórias do meu avô sobre a nossa comunidade. Apesar de não em lembrar direito. Ele me contava muito sobre este Zé do Buzo.

Aluna 2: Não conhecia esta história. Que legal! Massa!

Aluna 9: Nem eu.

Aluna 2: Foi interessante para conhecer, vou perguntar para o meu avô. Acho que ele vai saber me explicar melhor, qualquer coisa posso trazer mais informações para vocês no próximo encontro (diálogo, m3, p.135).

Assim, os jovens leram o que pesquisaram em casa sobre a comunidade, conheceram um pouco da história do seu bairro, promovendo momentos de surpresa, lembranças das histórias do avô, entre outros.

Eu vi esta matéria na televisão, é muito bom ter o nosso bairro valorizado e divulgado para a cidade (aluna 6, estudante, 18 anos, estudante, m3, p. 136).

Eu vi esta matéria na televisão União na televisão (aluna 2, 20 anos, estudante, m3, p. 136).

Neste sentido, jovens se reconheceram e se sentiram valorizados em relação ao seu bairro, quando é apresentado na televisão na nossa cidade. Os jovens concordaram com o material que foi coletado para apresentarem no dia do encontro, pois havia identificação com o conteúdo proposto e mostraram vários lugares que já comentaram no nosso encontro anterior, além de relatar a própria história do bairro, que até o momento da pesquisa não conheciam bem.

Desta forma, compreendemos que o mapeamento psicossocial participativo não se resume somente à *caminhada comunitária*, mas também ao material e ao conteúdo já produzido sobre o local. É importante realizar a pesquisa documental, como por exemplo, buscar relatórios, documentos, matérias de jornais, documentários, escritos da comunidade, entre outros. Estes devem ser lidos pela comunidade e pelos profissionais que atuam nela, gerando assim um posicionamento crítico.

Além de discutir, levantar os dados e pesquisar em documentos é relevante para o mapeamento psicossocial participativo a caminhada comunitária, pois possibilita vivenciar a realidade pelos moradores e pelo psicólogo, propiciando assim um maior conhecimento do contexto social em sua práxis. A partir da caminhada, trouxeram os lugares que discutimos anteriormente, mas com um elemento diferencial: a presença da vivência em relação a este lugar. Demonstravam uma sensibilidade, uma afetividade e uma breve mudança da percepção. Observaram que a praça era mais bem localizada, os colégios, as diferenças sociais presentes, a comparação entre as praças, o hospital que era maior do que pensavam, em suma, a percepção foi ampliada. Então, de acordo com Góis (2008, p. 197),

Andar pela comunidade é muito mais do que simplesmente passar pelos lugares, é olhar para cada ponto, cada lugar, cada morador, cada situação que se apresenta no

local de andança, com olhar sensível e perceptivo. Um olhar que une o etnográfico ao psicológico, um olhar etnopsicológico alicerçado no compromisso social, um olhar amigo que busca compreender a comunidade do ponto de vista científico, vivencial e solidário.

É possível experienciar o cotidiano dos seus moradores, os lugares a que gostam de ir, o horário em que as crianças saem para brincar, os idosos na calçada, os casais namorando, constituindo-se assim a convivência comunitária.

A caminhada comunitária é um andar realizado em grupo, no qual se juntam para caminhar pelas ruas da comunidade profissionais de saúde e moradores, com o fim de conhecer os locais, as pessoas, as situações, ouvir histórias, saber da história do lugar, dar-se a conhecer e estabelecer laços de convivência, estar mais dentro e por dentro do cotidiano do lugar. A caminhada comunitária quer dizer um andar coletivo, visando olhar junto, compreender junto e atuar junto (Góis, 2008, p. 197).

Quando caminham juntos, fica mais fácil a interação entre os jovens ou outros participantes, que se surpreendem com o lugar, com as pessoas que estão presentes neste, podem perguntar, conversar com os outros moradores e trocar impressões. É na comunidade que ocorre a formação de grupos, o estabelecimento de vínculos, a expressão de sentimentos e a convivência. Assim, de acordo com Castro (2009, p. 38),

Falar em convivência significa um compromisso e envolvimento ético e amoroso do psicólogo comunitário com a comunidade com a qual trabalha. Não se pode falar em atuação comunitária sem que esta seja precedida de inserção, ou seja, de um mergulho profundo no modo de vida da comunidade, suas histórias, angústias, cultura, significados, equipamentos sociais, relações, lideranças, entre muitos outros aspectos que a realização do mapeamento psicossocial participativo permite compreender e vivenciar.

Portanto, enfatiza-se neste âmbito a participação efetiva dos jovens na caminhada comunitária, bem como na tomada de decisões e a responsabilidade pelo processo.

A tomada de atitude que me refiro representa a participação na construção e melhoria do seu lugar de vida. Entendo que esta só acontece, de fato, quando existem sentimentos de implicação entre os indivíduos e destes com seu lugar. A participação comunitária fornece a base para o fenômeno do aprofundamento da consciência (RODRIGUES, 2007, p. 62-63).

Além disto, notamos as pessoas que frequentam o lugar, a identificação com as casas, a diferença social entre um lugar do bairro e de outro, o movimento e o silêncio nas ruas, ou então a opção por não observar sendo consciente ou não. Sentiram diferença das ruas perto da escola, em comparação ao lugar onde vivem e habitam. Não queriam ir para a praça que mais frequentavam, gostariam de ir à outra, próxima à escola, em que pouco passeavam.

Outro ponto relevante é que quando realizam caminhadas no ProJovem Urbano com os professores, estes não caminham, pegam seus carros e chegam no ponto marcado com os jovens anteriormente, como aponta a fala do estudante:

Foi boa a caminhada, vocês foram com a gente, é diferente das que acontecem no ProJovem, que vamos caminhando e os professores vão de carro, eles não

acompanham a gente, podemos ir brincando, conversando, tem gente que vai embora depois da presença e pronto. Isto desmotiva os alunos, sabe. Vocês foram com a gente, conversando com a gente, perguntando algumas coisas... foi bem diferente (aluno 1, 18 anos, estudante, m4, p. 139).

Acreditamos que a postura de distanciamento do professor/educador pode deixar os jovens dispersos, alguns podem ir para a casa, sem participar da atividade, bem como não permite a vinculação com os professores neste momento, a troca de informações, a construção do processo, entre outros.

Em relação aos estudantes do ProJovem Urbano, estes já conhecem aquela comunidade, já faz parte do seu cotidiano, mas geralmente não ocorre a sua inserção nesta, a interação com os seus moradores e a realização de atividades comunitárias. Os relatos dos estudantes confirmam que são essenciais atividades que permitam a sua aproximação, a re-inserção, a vinculação dos jovens com a comunidade para que estes possam problematizar a sua realidade:

Quando caminhamos é que realmente conhecemos o lugar, quando ando de ônibus pelos cantos é tão rápido que não dá para notar nada, né. Mas, caminhando é diferente, você passa por cada lugar e ele fica marcado em você de alguma forma. Eu já havia passado diversas vezes por esta praça, desta foi diferente, consegui passar com calma e perceber a importância para a nossa comunidade e sua boa localização, num precisa andar muito para ir ao médico, comprar alguma coisa, ir ao colégio... (aluno 1, 18 anos, estudante, m4, p. 139).

Para o mapeamento psicossocial participativo, é importante que a caminhada aconteça em vários momentos (fins de semana e durante a semana) e horários (manhã, tarde e noite), para compreender realmente o cotidiano da comunidade e os modos de experienciar cada momento. À noite, por exemplo, há mais agitação na praça, as calçadas estão mais movimentadas que durante o dia, entre outros fatores que corroboram para mudar a percepção sobre o lugar (GÓIS, 2008).

Nesta pesquisa, realizamos somente uma caminhada comunitária com os jovens e foi realizada a noite. É necessário para o processo de mapeamento que ocorra mais encontros com a comunidade, com duração em torno de quatro a seis meses, ou mais tempo de acordo com a necessidade. Porém, para os fins de pesquisa, foram realizados cinco encontros na tentativa de contemplar o mapeamento psicossocial participativo com alunos do ProJovem Urbano.

Eu gostei, porque a caminhada fez com que a conversa toda chegasse na nossa discussão sobre o ProJovem daqui mesmo, nem sei como isto aconteceu, né. Foi assim que foi... (aluno 10, 27 anos, estudante, m4, p. 139).

Ao realizarmos o diálogo sobre a comunidade, o levantamento de dados, a pesquisa com documentos e a caminhada, percebemos que os jovens comentaram sobre como

percebem o ProJovem Urbano. Foi um instrumento que permitiu que estes pudessem verbalizar o que sentiam em relação ao Programa, sendo um campo fértil para a facilitação de encontros neste âmbito, bem como realização de pesquisas na área da psicologia, da educação e da saúde.

O mapeamento psicossocial participativo tem um viés de facilitação, de inserção e re-inserção com a comunidade, de conhecimento e reconhecimento dos jovens participantes do processo. É uma forma de trabalhar temáticas com a comunidade, a partir de suas demandas sociais, como um viés de pesquisa, pois, para o pesquisador compreender certa realidade que será investigada, é necessário conviver, conhecer e interagir neste contexto. Sobre *a participação no grupo*, os jovens comentaram:

[...] Caminhamos, conhecemos mais a nossa comunidade, o nosso bairro, e também pudemos falar algumas coisas que estavam engasgados sobre o ProJovem (aluno 1, 18 anos, estudante, m4, p. 140).

De acordo com os relatos, foi um momento de desvelamento da realidade pelos jovens. Reconhecimento como parte integrante da comunidade e capaz de transformar a realidade, fortalecendo o trabalho comunitário e desvinculando assim as situações de opressão e exclusão social. Eles já conheciam a realidade, mas puderam olhar de forma diferenciada, podendo assim sentir-se identificados e pertencentes ao grupo, realizando assim a sua re-inserção, ou seja, que é a re-socialização e reintegração do jovem com a comunidade. É também o resgate das redes sociais e o exercício da cidadania, pela diminuição dos preconceitos existentes e pela superação dos sentimentos de rejeição, de insegurança, de vergonha e de culpa.

Para a psicologia comunitária, esta inserção possibilitaria o conhecimento de equipamentos sociais locais, que poderia efetivar uma parceria de trabalho durante o percurso, buscando, entre outros processos, a potencialização das atividades comunitárias presentes, a discussão das problemáticas encontradas e a busca de soluções conjuntas. Assim, diante da realidade vivenciada, é possível reconhecer os objetivos e focos em comuns com os parceiros e a comunidade, que levem ao desenvolvimento comunitário, pautado no compromisso social a serviço das maiorias oprimidas e exploradas. Desta forma, segundo Góis (2008, p. 198),

Tanto para o profissional de saúde como para o morador que participa da caminhada comunitária, esta gera um pertencer e um sentido maior da vida da comunidade, um conhecimento impossível de se obter ficando dentro de um posto de saúde, de casa, ou andando pelo lugar sem prestar devida e profunda atenção, só possível numa postura vivencial e etnográfica de interesse genuíno, compromisso social e solidariedade.

Então, este momento foi importante tanto para o pesquisador quanto para os jovens, pois possibilitou refletir e sentir a comunidade.

6. 2 - Percepções dos Jovens sobre a comunidade pelas Trilhas Urbanas:

As trilhas visam à apreciação do ambiente em uma caminhada de forma atenta, sensível e contextualizada. É uma maneira de aproveitar o percurso, a sua trajetória e não somente chegar a um determinado lugar. Não só o fim, mas o momento inicial de sensibilização e a caminhada, ou seja, teriam como foco o processo (a sua realização), que é construído entre os seus participantes em interação com a realidade (MENGHINI, 2004).

É uma caminhada ambiental que tem um viés contemplativo, processual, perceptivo e sensível, além de ter uma perspectiva questionadora e reflexiva. Ressalta aspectos relevantes em relação ao ambiente, que visa fortalecer o contato, o compromisso social, o cuidado ambiental e a afetividade direcionados a este meio. Desperta a sensibilidade das pessoas em relação ao lugar em que moram, estudam, trabalham, habitam e atuam cotidianamente. Assim, como relata o estudante sobre a trilha, a *caminhada ambiental na escola*:

Acho que foi bom. Consegui ver das nossas salas a comunidade, não tinha parado ainda para olhar isto. Tem uma vista muito bonita. Vou passar algumas vezes por aqui e vou olhar. Chego aqui, troco a minha roupa e vou logo para a sala. E nem ligo para nada, se faz lua, se o céu está estrelado, se tem movimento na rua, nem aí. Vou começar a perceber isto. Lá parece uma varanda e nunca havia notado direito, é bom para pensar na vida (aluna 12, 21 anos, estudante, t2, p.140).

Este tipo de caminhada também surpreendeu os jovens, pois estavam acostumados a realizar caminhadas pela comunidade, ou a visitar lugares determinados do bairro, mas esta atividade tinha uma proposta específica, que era trabalhar a relação destes jovens com a escola e também trazer elementos para que possamos analisar o ProJovem Urbano.

Achei bem diferente, nunca tinha realizado uma caminhada assim (aluno 15, 18 anos, estudante, t2, p. 141).

Esta caminhada ambiental pela escola propiciou aos alunos reflexões sobre o ProJovem Urbano, fazendo que estes pudessem assumir ações, como, por exemplo: repensar o ambiente escolar e expressar os seus sentimentos e as suas emoções sobre o Programa de que fazem parte, reavaliar a postura dos colegas e a dos professores com quem convivem cotidianamente, bem como buscar soluções, refletir sobre as modificações na sua estrutura e nas possibilidades futuras. Desse modo, a caminhada possibilitou então a vivência do ambiente e o seu reconhecimento por parte dos jovens.

Com a rotina diária e a pressa exigida pelas tarefas, muitas vezes passamos pelos mesmos lugares cotidianamente (trabalho, escola, comunidade...) e não os percebemos. Há assim a tendência de desenvolver relacionamentos apenas funcionalistas (visando somente à exploração dos bens naturais para o seu usufruto) e até uma ausência de apego ao lugar.

A *percepção* foi um dos assuntos mais retratados pelos jovens, pois propiciou que estes notassem o que não havia sido ainda observado, dando assim um novo sentido para aquele ambiente escolar.

Entendi que passamos todo dia no mesmo canto e não percebemos detalhes importantes do cotidiano, sabe. Foi bom!!! (aluna 16, 21 anos, estudante, t2, p.141).

Vi a Horta, nem sabia que aqui tinha (aluno 14, 24 anos, vendedor, t.2, p.140).

Vi um sapato no teto da escola nunca tinha reparado nisso (aluna 13, 25 anos, estudante, t2, p. 141).

Desta maneira, demonstraram surpresa durante a caminhada, pois alguns detalhes da escola estes jovens não notam no seu dia-a-dia, como, por exemplo, a horta e um sapato no teto. Sob a óptica da psicologia ambiental, podemos relacionar este comentário com a topofilia, que, para Tuam (1983), reflete o elo afetivo entre a pessoa e o ambiente, ou seja, a percepção dos sentidos presentes em certo ambiente e sua relação com este.

Além disto, conseguem refletir sobre as *dificuldades* presentes na escola e os sentimentos em relação a este contexto, como cita o estudante “é bom estudar aqui” e comenta os lugares da escola com os quais apresenta afinidade, ou lugares em que não se sente bem, além de refletir sobre os motivos desta aproximação. Muitas vezes, os jovens focam-se somente nos aspectos negativos, sem retratar os potenciais presentes neste ambiente específico, sendo esta uma forma de trabalhar o ambiente escolar com estes jovens e propiciar a *vinculação afetiva pessoa-ambiente*.

Sinto bem aqui, tem dificuldades, mas é bom estudar aqui (aluno 15, t2, p. 23, f. 141).

Esta atividade possibilita aos jovens uma *apropriação do espaço* em relação à escola, após a trilha nesta realidade e dos círculos de cultura. Portanto, segundo Ferreira (2006, p. 52), “a apropriação se dá através de um processo de ação-transformação no qual a pessoa, ou a população atua no entorno transformando-o e sendo por ele transformada, na medida em que o incorpora em seus processos cognitivos e afetivos”.

Desta forma, é possível transformar este espaço escolar em lugar, através da identificação dos sujeitos, da expressão de sentimentos, da atribuição de significados e da personalização deste ambiente, ocorrendo assim um sentimento de pertencimento e harmonia em relação ao mesmo, podendo promover a re-inserção destes jovens no ambiente escolar, pois há possibilidade de trazer novos sentidos e significados para estes.

Além da trilha em ambientes fechados, realizamos a caminhada ambiental pela comunidade com estes jovens. Fizemos um momento de sensibilização, um círculo de cultura com a temática da comunidade, a escola e o ambiente. Depois disto fizemos uma trilha pela

comunidade e outro círculo de cultura trazendo assim reflexões sobre o que perceberam, sentiram e vivenciaram neste contexto.

Esta trilha pela comunidade faz com que eles percebam este contexto, o que já se desenvolveu e o que ainda falta desenvolver. Observaram a comunidade de forma ampliada, notando assim a questão do lixo, as condições de moradia, as casas, as pessoas sentadas na calçada, os entulhos jogados na rua, a praça, entre outros elementos. Por isso é relevante na trilha realizar um momento de sensibilização sobre a temática que será retratada, para que ocorra um direcionamento e um trabalho mais efetivo sobre o assunto que iremos trabalhar com os jovens.

É um lugar que falta muito ainda para melhorar. Mas, já cresceu muito, já melhorou muito em relação ao que era (aluna 12, 21 anos, estudante, t3, p. 142).

Abordaram a temática do “lixo” nas ruas da comunidade, mas falaram passivamente sobre o assunto, já que “alguém tem que tomar uma providência”, colocando assim a responsabilidade nos agentes externos somente. Não apresentaram reflexão, mobilização e nem envolvimento sobre esta dificuldade vivenciada neste contexto social. Uma possível continuidade da trilha seria a realização de outros encontros, nos quais poderia ocorrer o aprofundamento da consciência crítica (FREIRE, 1983) destes jovens em relação às problemáticas presentes neste âmbito.

Percebi entulhos e um colchão no meio da rua e fiquei impressionada (aluno 12, 21 anos, estudante, t3, p. 141).

Alguém tem que tomar uma providência para tirar todos estes entulhos. Quem poderia fazer isto eu não sei mesmo (aluna 15, 18 anos, estudante, t3, p. 142).

Os resíduos sólidos são um grande problema ambiental de várias comunidades cearenses, que acaba gerando diversas doenças, entupimento de esgotos e alagamentos de ruas nos períodos de chuva. Como foi citado pelo aluno, há pessoas que jogam lixo no chão e não se preocupam ou ignoram as consequências deste ato para a sua vida e a de sua comunidade.

A Psicologia Ambiental preocupa-se com as questões relacionadas à interação pessoa e ambiente, com o foco no desenvolvimento sustentável, na conservação e preservação natural. Para isto é necessário o conhecimento dos comportamentos pró-ambientais que, para Corral-Verdugo (2000), são os comportamentos ecologicamente responsáveis que possibilitam a proteção ao meio e a resolução de problemas ambientais, possibilitando uma mudança de comportamento dos sujeitos e uma participação efetiva na busca de superação dos problemas sociais, econômicos e ambientais de sua localidade.

Estes comportamentos relacionam-se com a utilização dos transportes coletivos, com a redução do uso de material descartável (plásticos), a reciclagem, a diminuição do uso abusivo

de água e energia, a coleta seletiva, a votação em políticos que lutem pela questão ambiental, participação em grupos na comunidade (ou outro espaço) sobre a temática, o cuidado ambiental, entre outros.

Na trilha urbana, os jovens perceberam e experimentaram o espaço *moradia* no Vila União, interagindo com este de forma dinâmica e processual. Nas suas falas destacaram principalmente suas semelhanças e diferenças.

Aluna 12: As casas daqui são bem parecidas, e quando chega naquele canto fica ainda mais

Aluna 16: Não concordo, eu achei diferente. Não sei se eu moro é um beco tão pequeno, que as casas são tudo iguais (diálogo, 13, p.142)

Diante disto, refletimos que a moradia reflete a identidade de lugar, um dos conceitos relevantes na psicologia ambiental que, segundo Ponte (2009), é construída de forma pessoal e social, proveniente da interação com o ambiente físico e perpassado por processos cognitivos e afetivos. É um processo dialógico-afetivo, contínuo e multidimensional, refletindo assim a mobilidade, participação e pertencimento dos sujeitos em relação ao lugar.

Esta identidade está presente na moradia das pessoas, pois este lugar faz parte da identidade de cada sujeito, o que nos remete à segurança, à privacidade, à satisfação das necessidades, à afetividade, ao meio familiar, entre outros aspectos. Diante disto, observamos que a praça é um dos lugares com o qual os jovens mais se identificam, pois representa a diversão, o lazer e a interação social, além de ser um local próximo de suas casas.

[A praça] estava bem lotada do jeito que eu gosto, encontrei uns conhecidos por lá, observei a igreja, o pessoal tudo comendo churrasquinho, o pessoal no bar tomando umas, do outro lado o povo preparando o som para mais tarde, as crianças brincando, tomando sorvete, né. É esta a nossa realidade, eu gosto é disto. É uma diversão boa perto de casa (aluno 13, 25 anos, estudante, 13, p.142).

Outro aspecto relevante foi um comentário de um dos estudantes: “quem faz o ambiente é a pessoa”, demonstra a interação entre pessoa e ambiente, pois o cidadão pode construir com este meio, transformando-o de maneira funcional, para atender as suas necessidades físicas e materiais, bem como na sua vinculação afetiva, focalizando-se no que as pessoas sentem, pensam e vivenciam no lugar em que estão implicadas, voltando-se assim não só para os problemas ambientais, mas para a sustentabilidade da vida pautada em uma construção coletiva.

Demonstram assim um apego em relação a este lugar que, de acordo com Giuliani (2004), refere-se à *afetividade entre pessoa e ambiente*, à construção que é realizada cotidianamente com a convivência com os sujeitos que fazem parte deste lugar, lugares que remetem a situações da infância, que lembram momentos da vida, ou situações positivas ou negativas. Fazendo com que este meio atenda as suas necessidades materiais e afetivas.

Quem faz o ambiente é a pessoa (aluna 15, 18 anos estudante, t3, p.143).

Acho que as pessoas que dão vida ao ambiente, as pessoas que colocam o que pensam e suas atitudes modificam sim o ambiente, como já vimos na aula. Se a galera da comunidade joga lixo no chão, não é educada suficiente, a comunidade também será suja e feia, é assim. Se o povo tem consciência das coisas, limpa tudo, preserva as coisas, ela terá uma comunidade de respeito, bem limpa e organizada. E quando alguém passa diz que galera educada, né (aluna 12, 21 anos, estudante, t3, p. 143-144).

De acordo com a aluna, podemos refletir sobre os comportamentos ecologicamente responsáveis, que são ações que visam à preservação do meio e da ação humana sobre este realizada de forma consciente. (CORRAL-VERDUGO, 1999).

Para mim foi ótimo, eu andei pela comunidade, conheci mais das coisas que acontecem lá (aluna 16, 21 anos, estudante, p. 144).

Os jovens gostaram bastante da atividade, pois conheceram um pouco mais a comunidade, promovendo assim a mudança de *percepção* em relação à escola e a sua realidade, bem como foi uma possibilidade de re-pensar e refletir sobre o ProJovem Urbano. Além da possibilidade de re-inserção no contexto escolar e comunitário a partir de possíveis *re-significações*.

As trilhas urbanas em ambientes fechados podem ter amplas aplicações no trabalho de temáticas diferenciadas, como a realização de uma trilha no ambiente de trabalho em uma empresa, para saber como os funcionários se sentem e percebem aquele ambiente profissional. Pode-se fazer uma trilha com estudantes do terceiro ano, que vão realizar o vestibular e sair do meio escolar, para enfrentar a realidade universitária. Fazer assim uma trilha pela escola onde estuda, para que possa promover o desligamento e luto em referência a este ambiente. Realizar uma caminhada ambiental pela universidade, conversando sobre os planos futuros e começando a trazer algumas representações sobre aquele lugar para os jovens, como o interesse, a motivação para o estudo, dentre outras possibilidades de atuação.

Em ambientes abertos, as trilhas urbanas também podem ser feitas para que as pessoas possam vivenciar o ambiente físico e promover a sensibilização destas com o seu meio, como, por exemplo, a caminhada pela comunidade, pelo bairro, pelo centro da cidade, por lugares históricos, por parques, entre outras localidades.

Realizamos duas trilhas, uma em ambiente fechado, na escola, e a outra caminhando pela comunidade. A partir de nossas observações, podemos ressaltar sob a óptica da psicologia ambiental que a trilha urbana é uma caminhada ambiental que se faz em um ambiente urbano (bairro, cidade, comunidade, escola...). Retrata a percepção, desperta a

sensibilidade, o interesse para as questões ambientais urbanas por parte de pessoas de qualquer faixa etária.

A trilha pode retratar assim a apropriação do espaço, a identidade de lugar, a afetividade, o apego ao lugar, entre outros conceitos. Portanto, é uma caminhada que visa à relação entre as pessoas e o ambiente, que se volta para a sensibilização para as questões ambientais, pautada na sustentabilidade e no compromisso com os sujeitos, a comunidade, a sociedade e a humanidade.

As atividades com as trilhas podem ser realizadas de forma pontual, não há um tempo definido para a sua realização, pois depende do seu objetivo e do contexto. Pode ser efetuada em uma disciplina na graduação, em grupos comunitários, em instituições, escolas, entre outros lugares.

6.3 Reflexões sobre o Mapeamento Psicossocial Participativo e as Trilhas Urbanas: Uma possível relação?

O mapeamento psicossocial participativo seria um instrumento que favorece a inserção do profissional (de qualquer área de atuação) na dinâmica da comunidade na qual serão desenvolvidas suas ações. Já a trilha urbana foi desenvolvida na geografia, mas é adaptada em outras áreas do conhecimento, como a psicologia. Nesta perspectiva, tem como foco a sensibilização do homem sobre o contexto ambiental, as problemáticas vivenciadas, a sustentabilidade, entre outras temáticas.

Desta forma, ressalta-se que na psicologia ambiental o foco de atuação e pesquisas é no ambiente em interação com a pessoa, sendo que este meio pode ser hospitais, casas, escolas, inclusive a comunidade. Para a psicologia comunitária, o foco da práxis do profissional e do pesquisador seria com a comunidade. Assim, a comunidade é objeto de estudo principal da psicologia comunitária, mas também da psicologia ambiental.

Esta comunidade sob a óptica da psicologia ambiental, para Giuliani (2004, p. 92), denomina-se como “[...] o sistema de redes sociais destinado a funcionar dentro de fronteiras geográficas bem definidas e inclui como componente essencial um senso de pertencimento ou apego ao lugar”. A comunidade, para a psicologia comunitária, segundo Góis (2008), é um contexto social em que há identificação entre os seus moradores por causa das condições sociais e pelo modo de vida comunitário, além de existir o pertencimento a este lugar e a vinculação afetiva entre os seus moradores.

O mapeamento psicossocial participativo envolve o levantamento de dados da comunidade, busca por materiais já escritos sobre este contexto, a reflexão sobre a realidade e

a caminhada comunitária. Esta caminhada seria as visitas à comunidade, conversas informais com os moradores, conhecimento dos equipamentos sociais e espaços de organização popular, que propiciam a vivência da comunidade por parte do psicólogo e dos moradores que participam deste processo.

Através da investigação do ambiente social, o mapeamento possibilita apreender a história da comunidade, o modo de vida comunitário, a construção dos vínculos afetivos, o conhecimento das atividades comunitárias, a identificação dos problemas da comunidade, a convivência entre os moradores e o reconhecimento dos seus potenciais. Desvela também as atividades de produção e de lazer, os estilos de vida e os hábitos vividos neste contexto.

Na psicologia comunitária, para Góis (2008), é relevante o conhecimento da realidade comunitária para a atuação do profissional de psicologia pautado no tripé teoria, prática e compromisso social. Assim, o mapeamento psicossocial participativo é ponto de partida de todos os processos de conhecimento, integração, inserção, re-inserção, vivência e facilitação comunitária participativa. É um momento de convivência entre os moradores da comunidade e o profissional de psicologia, de conhecimento e reconhecimento, compartilhando acontecimentos cotidianos com a comunidade.

Por sua vez, a trilha urbana refere-se a um momento de sensibilização sobre a temática, uma caminhada ambiental e uma reflexão sobre o que foi experienciado durante sua realização. Retrata a possibilidade de contemplação e a vivência da natureza, novas sensações e percepções, produção de novos sentidos e significados, a afetividade, a identificação com o lugar, o apego e a apropriação do espaço. Focalizando-se também na questão da moradia, nos resíduos sólidos e nas relações de vizinhança.

A psicologia ambiental, segundo Moser (1998), afirma que o homem constrói seu entorno sócio-físico de forma dialética. O homem transforma o ambiente, que também o modifica, na interação entre ambos. Esta psicologia considera os aspectos sensoriais, cognitivos, afetivos e perceptivos desta interação, que estão presentes em uma de suas metodologias de facilitação: a trilha urbana.

A trilha urbana prioriza a dimensão do contato e do encontro entre pessoa e ambiente, valoriza a dimensão vivencial, isto é, a experimentação do fenômeno que se apresenta como ambiente e do desdobramento das suas possibilidades. Podemos inferir que, ao vivenciar o ambiente, este nos afeta de diversas maneiras e, após a realização da trilha, os participantes podem refletir sobre o que foi experienciado neste momento. A partir dessa vivência, há o surgimento de novas perspectivas de atuação neste meio.

Tanto as trilhas como o mapeamento são metodologias participativas, em que tanto o psicólogo quanto a comunidade são ativos na construção e compartilham os conhecimentos adquiridos durante a sua realização e no momento de reflexão. Enfatizamos a apreensão da dinâmica da comunidade pelo facilitador/pesquisador através da sua relação com o morador, que, por sua vez, pode elaborar uma nova compreensão sobre a realidade local. Sob esta óptica, estes jovens são considerados sujeitos históricos, vivenciando a condição de protagonistas, construtores da sua própria realidade, influenciados por esta. São seres de direitos e deveres, assumindo assim a postura de cidadãos.

Em relação ao tempo, as trilhas podem ser realizadas de forma pontual, sem necessitar de uma grande quantidade de tempo, porém a maior frequência deste instrumento pode promover reflexões e mudanças de comportamentos dos participantes. Enquanto que o mapeamento necessita de um período de atuação maior, que pode durar de 4 a 6 meses, ou até mais, de acordo com a necessidade do profissional e da comunidade, pois é necessário que esta parte seja pautada no compromisso social.

Por serem desenvolvidas a pé, enfatiza-se o seu caráter dinâmico, processual, ativo, e construído coletivamente, ampliando a relação com o ambiente por parte dos participantes a cada novo passo durante o caminhar, promovendo assim novas perspectivas sobre o mesmo objeto a cada olhar, gesto, cheiro, toque, fala, interação, conversa, entre outros.

Porém, particularmente no caso das trilhas, estas podem ser realizadas com o uso de um meio de transporte como bicicletas, ônibus, carros, entre outros, dependendo do contexto e do objetivo.

As duas metodologias permitem trabalhar temáticas relevantes para os jovens, como a relação com a comunidade, a vergonha, o preconceito, a afetividade, o ambiente, as perspectivas futuras, as condições profissionais e outros assuntos pertinentes, além de ter sido um bom recurso para a percepção do ProJovem Urbano, as dificuldades encontradas e as possibilidades de atuação.

Assim, a partir destas metodologias foi possível compreender a proposta do ProJovem Urbano sob a óptica dos jovens e trazer novas perspectivas para os seus alunos. Demonstrando dessa forma a relevância destas para a problematização de assuntos em uma comunidade, ou em outro ambiente, gerando o aprofundamento da consciência dos participantes e o compromisso social do psicólogo e pesquisador.

7. CONCLUSÃO

A realização desta pesquisa representou para a autora um grande enriquecimento teórico e prático, pois além de articulações com os conhecimentos e as experiências já adquiridas na formação em psicologia, pudemos aprender na construção da dissertação com a interação com os jovens e com o contexto comunitário, bem como o exercício da pesquisa, da leitura, da escrita, construção da metodologia, as orientações, o contato com os jovens e a superação de desafios

Este trabalho teve como objetivo deste estudo é compreender o significado do ProJovem Urbano da Escola Papa João XXIII do Bairro Vila União por seus alunos, a partir de metodologias participativas da psicologia comunitária e da psicologia ambiental.

Percebemos que estas metodologias participativas presentes na psicologia comunitária e na psicologia ambiental, possibilitam aos jovens o contato com a comunidade, em que estes podem se perceber como autores da realidade, podendo assim superar as dificuldades e focar nos potenciais. Já, em relação aos objetivos específicos:

1) A análise do ProJovem Urbano pelos alunos participantes deste Programa, com a finalidade de promover a percepção destes jovens. Estes trouxeram aspectos positivos em relação ao Programa, como a relação professor-aluno, a formação dos professores, o foco na qualificação profissional e na ação comunitária, a oportunidade de estudar novamente e ter perspectivas futuras. E como aspectos negativos, a estrutura da escola, desestímulo de alguns jovens, a confusão e o desentendimento de alguns alunos, o preconceito e a vergonha de fazer parte deste Programa. Ocorreu uma ênfase nestes aspectos, que retrata a percepção dos alunos desta escola específica, e não da realidade do ProJovem Urbano de forma geral, como uma política de/para/com as juventudes, pois este não foi o objetivo do nosso estudo.

Foi uma etapa relevante, pois fez com que refletissem não apenas sobre as dificuldades encontradas, mas também sobre as possibilidades presentes, propiciando assim uma compreensão do ProJovem Urbano e uma percepção diferenciada por parte dos jovens. Fazendo com que estes transformassem a sua realidade e se identificassem mais com o Programa no qual faz parte.

Identificamos neste processo algumas unidades de sentido sob a perspectiva dos jovens: confusão, respeito, bolsa, cursos extracurriculares, juventude, ação comunitária, a qualificação profissional, preconceito, mal estar, indiferença, dificuldades de aprendizagem, desinteresse, intolerância, participação no grupo, falta de limite, desmotivação dos professores e alunos, dentre outros aspectos.

2) Investigar o alcance do mapeamento psicossocial participativo e das trilhas urbanas na re-inserção comunitária, promovendo assim reflexões sobre o ProJovem Urbano. Para isto, analisamos estas metodologias de facilitação a partir da participação dos jovens.

Em referência ao mapeamento psicossocial participativo, foi interessante perceber esta metodologia como um levantamento de dados, uma pesquisa documental, momentos de diálogo (problematização da realidade) e a caminhada comunitária, o que fez os jovens perceberem e *re*-conhecerem a comunidade em que moram, surgindo, a partir disso, o interesse pela realização de atividades neste âmbito.

Analisamos nesta etapa: a caminhada comunitária, o levantamento de dados, a pesquisa documental, a história da comunidade, a localização da mesma, as dificuldades, a saúde, a educação, a religião, moradia, o lugar bom de morar, dentre outros aspectos.

Em relação às trilhas urbanas, foi relevante observar esta metodologia como um momento de sensibilização do homem em relação ao ambiente, a caminhada ambiental (vivência do ambiente) e o diálogo (percepção do que foi vivenciado e a problematização da realidade). Analisamos nesta etapa: a caminhada ambiental pela escola, a caminhada ambiental pela comunidade, as dificuldades, a percepção, vinculação afetiva pessoa ambiente, interação pessoa ambiente, lixo, moradia, entre outros aspectos.

3) Relacionar e aprofundar o mapeamento psicossocial participativo e as trilhas urbanas com as bases teóricas da psicologia comunitária e da psicologia ambiental nos grupos pesquisados. As trilhas, na psicologia ambiental, têm um enfoque na caminhada ambiental, priorizando assim a sustentabilidade, a apropriação do espaço, a afetividade, o apego ao lugar, entre outros aspectos. O mapeamento psicossocial participativo, na psicologia comunitária, focaliza-se na convivência comunitária, no conhecimento do modo de vida comunitário, na relação entre morador e profissional, na vinculação afetiva, entre outros pontos.

As duas metodologias podem ajudar na discussão de temáticas relevantes para o contexto em que estão inseridos, neste estudo, essas metodologias propiciaram percepção do ProJovem Urbano por seus participantes. É uma forma de diálogo e de problematização da realidade, por meio do conhecimento e da sensibilização em relação ao lugar, que no caso foi a comunidade. Neste sentido, estas podem propiciar a re-inserção e ressocialização dos jovens em relação a sua comunidade.

Notadamente, percebemos uma grande interação dos alunos com a utilização dessa metodologia, bem como uma reação positiva aos temas abordados. Os conteúdos são mais facilmente absorvidos e as discussões são enriquecidas com essas experiências. E promove um contato com a comunidade, novas reflexões e possibilidades de atuação com estes jovens.

Promovermos neste estudo um diálogo entre a psicologia comunitária e a psicologia ambiental, com base em suas metodologias de facilitação, configurou-se como uma tentativa de aprofundar a práxis da psicologia social e dos seus fazeres, possibilitando assim aproximações e distinções entre estes saberes. Diante disto, ressalta-se a grande presença de elementos em comum que constituem estes conceitos, como alguns que o diferenciam, que se referem à especificidade de cada contexto e de cada saber.

Os jovens excluídos da rede de ensino tendem geralmente a se afastar da comunidade, não participando assim das atividades comunitárias e nem se sentindo pertencente aquele meio social. No âmbito comunitário é onde os jovens constroem os primeiros grupos sociais fora do ambiente familiar. Se os jovens estão afastados deste meio, por causa do uso de drogas, ou por vergonha, culpa, violência doméstica, abuso sexual, ou outro motivo, estes podem apresentar alguns comportamentos de risco para si mesmo e para a sociedade, além de anomia, isolamento, depressão e um desenvolvimento insatisfatório. Esses fatores negativos ameaçam a sua saúde física e psicológica, além de não contemplar a qualidade de vida.

Indicamos, assim, a necessidade do trabalho do psicólogo social no ProJovem Urbano junto com os outros profissionais, com o foco na qualidade de vida, na re-inserção com a comunidade, com o cuidado ambiental, na formação dos professores, nas ações comunitárias, na qualificação profissional, na relação professor-aluno e aluno-aluno, entre outras possibilidades. Mesmo por um período curto de investigação que correspondeu ao período do mestrado, já percebemos resultados e formas de atuação deste profissional.

À guisa de conclusões, ressaltamos a importância da vinculação dos jovens a sua comunidade, a promoção de atividades que permitam a sua socialização e integração neste contexto. Também é necessária a participação efetiva e contextualizada destes no ProJovem Urbano, constituindo assim uma política de/para/com as juventudes e a juventude.

Notamos que este estudo foi relevante para a área da psicologia social, principalmente para a psicologia ambiental e para a psicologia comunitária, demonstrando os elos existentes entre seus conceitos e metodologias. Promoveu, assim, novas possibilidades de atuação e de posicionamento deste profissional, com o foco na sua práxis e no contexto social em que está inserido. E por analisar uma política pública de/para/com os jovens, que é o ProJovem Urbano, explicitou também as contribuições e as dificuldades encontradas neste Programa a partir dos seus alunos.

As dificuldades encontradas relacionam-se com a disponibilidade de salas para atuar em grupo com os alunos fora do horário de aula do ProJovem Urbano e da evasão dos alunos na participação das atividades. Esses problemas foram superados durante as orientações, que

propiciaram o esclarecimento dos fatos e a ideia de realizar os encontros no horário de aula, com algumas adaptações.

Além destas problemáticas, conseguimos também perceber os potenciais presentes no contexto do ProJovem Urbano e problematização de um novo campo de atuação do profissional de psicologia, especificamente de psicologia social. Desta forma, pretendemos, em trabalhos posteriores, aprofundar temáticas relacionadas ao ProJovem Urbano, à Psicologia, à Cultura de Paz e à Juventude.

Ressalto ainda nossa satisfação em ter construído este trabalho de forma árdua, compromissada e criativa, pois foi um momento de engrandecimento pessoal e profissional proveniente da nossa inserção no campo e das reflexões levantadas pelos jovens sobre o ProJovem Urbano e a comunidade. Também esperamos que esta pesquisa possa inspirar outros pesquisadores da área a aprofundar estas temáticas e fazer novas relações.

Considerando as pesquisas, observamos que há ainda novas relações entre a psicologia comunitária e a psicologia ambiental que podem ser realizadas em futuros estudos, promovendo assim o engrandecimento de ambos saberes. Que outros conceitos podem ser relacionados? Que metodologias podemos utilizar nesta interação?

Ressaltamos também que em relação ao ProJovem Urbano, há possibilidade de realizar novos estudos e aprofundamentos na área, principalmente no tocante da cultura de paz. Outros questionamentos surgem no final desta pesquisa, como: Como amenizar situações de violência no ProJovem Urbano? Como se dá a relação entre Professor e Aluno? Por que estes jovens reagem de forma agressiva com os outros jovens e ameaçam aos professores? Como promover uma cultura de paz neste espaço de facilitação?

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, A. R. M. “Vitimização” nas escolas: Clima Escolar, Roubos e Agressões Físicas. In: BOMFIM, M. do C. A. & MATOS, K. S. L. de. (Orgs.) **Juventudes, Cultura de Paz e Violências na Escola**. Fortaleza: Editora UFC, 2006, p. 69-104.

ADAD, S. J. H. C. Jovens de Rua: Como se constitui essa subjetividade? In: BOMFIM, M. do C. A.; MATOS, K. S. L. de. (Orgs) **Juventude, Cultura de Paz e Violências na Escola**. Fortaleza: Editora UFC, 2006, p. 125-148.

ADRIANO, C. N. Qualificação Profissional no ProJovem: a Experiência de Fortaleza. In: MATOS, K. S. L. de; SILVA, P. R. de S. (Orgs). **Juventudes e Formação de Professores: O ProJovem em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2008, p. 96-104.

ARAGONÉS, J. I.; AMÉRIGO, M. **Psicologia Ambiental**. Espanha: Ediciones Pirâmide, 2000.

ARAÚJO, J. D’arc S. de A & SILVA, J. da. O Fazer Pedagógico do Professor: Um Caminho da Educação pela Paz. In: BOMFIM, M. do C. A. & MATOS, K. S. L. de. (Orgs.) **Juventudes, Cultura de Paz e Violências na Escola**. Fortaleza: Editora UFC, 2006, p. 178-186.

ARIÉS, P. **A história social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BOMFIM, M. do C. A. do. Agregação de Juventudes: Múltiplos Olhares. In: BOMFIM, M. do C. A.; MATOS, K. S. L. de. (Orgs) **Juventude, Cultura de Paz e Violências na Escola**. Fortaleza: Editora UFC, 2006a, p. 46-68.

BOMFIM, Z. A. C. DOMÍCIO, A. M. B.; PAZ, A. F. C.; Diálogos e Métodos de Intervenção em Psicologia Comunitária e Psicologia Ambiental. **XIV Encontro Nacional da ABRAPSO**. Rio de Janeiro, 2007.

_____. **Cidade e Afetividade: Estima e Construção dos Mapas Afetivos de Barcelona e de São Paulo**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), São Paulo, 2003.

BORDENAVE, J. E. D. **O que é participação**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

BRAGA, E. M. F. Participação de atores locais e ampliação do espaço público: caminhos da experiência do CONSAD de Baturité. In: CARLEIAL, A. N. (Org) **Projetos Nacionais e conflitos na América Latina**. Fortaleza: Edições UFC, UECE, UNAM, 2006.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução N. 196/96. Decreto N. 93.9333 de janeiro de 1987. **Estabelece critérios sobre pesquisa envolvendo seres humanos**. Bioética, v.4, n. 2, supl. 1996.

BUBER, M. **Sobre Comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CÂMARA, C. A. F.; PAULA, L. R. C de. Psicologia Comunitária e Gestão Municipal: Contribuições para o desenvolvimento local – “Pensar Globalmente e agir localmente”. In: CORDEIRO, A. C. F; VIEIRA, E. M.; XIMENES, V. M. (Orgs.) **Psicologia e(m) transformação social: práticas e diálogos**. Fortaleza: Aquarela, 2007a, p. 87-102.

CÂMARA, C. A. F; ARRUDA, D. P; LIMA, M. de B. *et. all.* Serviluz, Juventude e Trabalho. In: CORDEIRO, A. C. F; VIEIRA, E. M.; XIMENES, V. M. (Orgs.) **Psicologia e(m) transformação social: práticas e diálogos**. Fortaleza: Aquarela, 2007b, p. 195-213.

CAMPOS, I. de O.; BRITO, D. C. de.; ANDRADE, A. P. de. A Experiência da Ação Comunitária do ProJovem em Fortaleza. In: MATOS, K. S. L. de; SILVA, P. R. de S. (Orgs.) **Juventudes e Formação de Professores: O ProJovem em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2008, p. 83-95.

CASTELLO, L. Admirável nova urbanidade. In: TASSARA, E. T.; RABINOVICH, E.P.; GUEDES, M.C. (Orgs.) **Psicologia e Ambiente**. São Paulo: Educ, 2004.

CASTRO, G. S. de. **Diálogos e Vivências sobre arte e identidade com jovens do Bom Jardim**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará, 2009.

CASTRO, G. S. de; CAVALCANTE, J. A. M. Psicologia Comunitária e Produção do Espaço Urbano nos Diálogos sobre Saúde Mental Comunitária. In: CORDEIRO, A. C. F; VIEIRA, E. M.; XIMENES, V. M. (Orgs.) **Psicologia e(m) transformação social: práticas e diálogos**. Fortaleza: Aquarela, 2007, p. 57-70.

CAVALCANTE, S; MACIEL, R. H. Métodos de Avaliação da Percepção Ambiental. In: PINHEIRO, J. de QUEIROZ; GÜNTHER, H. (Orgs.) **Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, p. 149-181.

CORRAL-VERDUGO, V; PINHEIRO, J. Q. Condições para o Estudo do Comportamento Pró-ambiental. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 4, n. 1, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1999000100002&lng=&nrm=iso>. Acesso em: 05/10/2008.

DAGNINO, E; OLIVERA, A. J; PANFICHI, A. Para uma outra leitura da disputa pela construção democrática na América Latina. In: DAGNINO, E., OLIVERA, A. J.; PANFICHI, A. (orgs.) **A disputa pela construção democrática na América Latina**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 24, dez. 2003. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 fev. 2009.

DUTRA, E. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v.7, n.2, jul. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000200018&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 maio 2009.

FERREIRA, K. P. M. **Ficar ou Partir?** Afetividade e Migração de Jovens no Sertão Semi-árido Cearense. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará (UFC), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2006.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica: Fundamentos, método e pesquisas.** São Paulo: Pioneira, 1993.

FONSECA, H. & BOMFIM, Z. A. C. **A Cidade e a Escola.** Fortaleza, 2006. Texto não publicado.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação:** uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez e Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREITAS, M. de F. Q. de. Inserção na comunidade e análise de necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo. **Psicol. Reflex. Crit**, Porto Alegre, v.11, n.1, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 jan. 2009.

GÓIS, C.W.L. **Noções de psicologia comunitária.** Fortaleza: Edições UFC, 1993.

_____. **Biodança: Identidade e Vivência.** Fortaleza: Edições Instituto Paulo Freire, 2002.

_____. **Atividade e consciência.** Fortaleza: Instituto Paulo Freire, 2005.

_____. **Saúde comunitária: Pensar e Fazer.** São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

GIULIANI, M. V. O Lugar do Apego nas Relações Pessoa-Ambiente. In: TASSARA, E. T.; RABINOVICH, E. P.; GUEDES, M. C. (Orgs) **Psicologia e Ambiente.** São Paulo: Educ, 2004.

HIGUCHI, M. I. G; KUHLEN, M. Contribuições teórico-metodológicas da Psicologia aos estudos de educação ambiental. IN: X Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico, Aracruz 2004. **Anais da Associação Nacional de Pesquisa e Pós- Graduação em Psicologia**

(ANPEPP). Disponível em:
<http://www.anpepp.org.br/Anais_da_ANPEPP___Lidio_de_Souza.pdf> Acesso em: 10 fev. de 2009.

LANE, S. T. M. A psicologia social e uma nova concepção do homem para a psicologia. IN: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Orgs) **Psicologia Social: O Homem em Movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 10-19.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978

MARTÍN-BARÓ, I. O Papel do Psicólogo. **Estudos de Psicologia**, 2(1), 7-27, 1996.

MATOS, K. S. L. A Formação Docente do ProJovem em Fortaleza: Aprendizados, Vivências e Esperanças. IN: MATOS, K. S. L. de; SILVA, P. R. de S. (Orgs). **Juventudes e Formação de Professores: O ProJovem em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2008, p. 23-35.

_____; MENEZES, H. P; ALVEZ, R. N. Juventude, Escola e Imagens na Mídia. IN: BOMFIM, M. do C. A.; MATOS, K. S. L. de. (Orgs) **Juventude, Cultura de Paz e Violências na Escola**. Fortaleza: Editora UFC, 2006a, p. 33-45.

_____. Juventude, Trabalho e Consumo: O que é presente e futuro? IN: MATOS, K. S. L. de; ADAD, A. J. H; FERREIRA, M. D. M. (Orgs) **Jovens e Crianças: outras imagens**. Fortaleza: Edições UFC, 2006b, p. 15-27.

_____. **Juventude e escola: desvendando teias de significados entre encontros e desencontros - olhares que se entrecruzam**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará, UFC, 2003.

MELLO, S. L. de. A Violência Urbana e a Exclusão dos Jovens. In: SAWAIA, B.B. (Org.). **Artimanhas da Exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 129-139.

MENGHINI, F. B. **As Trilhas Interpretativas como Recurso Pedagógico: Caminhos Traçados para a Educação Ambiental**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), 2005.

MENDONÇA, F. W. **Desvelando uma vivência em psicologia comunitária a partir da coordenação de formação em artes no centro cultural bom jardim**. Monografia da Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

_____. **O Diário de Campo do Bom Jardim**. Fortaleza, 2007. Texto não publicado.

MINAYO, S. C. de S. O desafio da Pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R; MINAYO, S. C. de S. (Orgs). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007a.

_____. Trabalho de Campo: Contexto de observação, interação e descoberta. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R; MINAYO, S. C. de S. (Orgs). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007b.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Thomsom Pioneira, 2004.

MOSER, G. A Psicologia Ambiental: competência e contornos de uma disciplina. Comentários a partir das contribuições. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 16, n. 1-2, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642005000100030&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 fev. 2009.

_____. Psicologia ambiental no novo milênio: integrando a dinâmica cultural e a dimensão temporal. In: E. Tassara (Org.), **Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano**. São Paulo: EDUC / FAPESP, 2001.

_____. Psicologia Ambiental. **Estud. Psicol. (Natal)**, Natal, v. 3, n. 1, 1998. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1413-294x1998000100008&lng=&nrm=iso>. Acesso em: 21 out. 2008.

MONTERO, M. **Hacer para Transformar: el método en la psicología comunitária**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

MOURÃO, A. R. T; CAVALCANTE, S. O processo de construção do lugar e da identidade dos moradores de uma cidade reinventada. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v.11, n.2, ago 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 fev. 2009.

OLIVEIRA, F. P. de. **O diálogo e o desenvolvimento humano na facilitação de grupos. Cadernos Paulo Freire**. Instituto Paulo Freire. Fortaleza, n. 1, p-21-28, 2004.

OLIVEIRA, F. P. de; & DIOGO, N. M. F. Programa Conversando com a cidade uma instância de diálogo e participação comunitária na administração municipal de Maracanaú. In: LUSTOSA, P. R; PINHEIRO, A. de A.; XIMENES, V. M. (Orgs). **Práxis em Psicologia: Contribuições do NUCEPEC, do PET e do NUCOM**. Fortaleza: UFC, 2002.

PINHEIRO, J. Q.; GÜNTHER, H. **Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

PIRES, M. G. L. **A educação dos trabalhadores na sociabilidade do capital: Estudo a partir do ProJovem Fortaleza**. Programa de Pós graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2007.

PEIXOTO, C. M. M. **Análise de Planejamento de aulas de leitura do matéria didático do ProJovem**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

PONTE, A. Q.; BOMFIM, Z, A. C. & PASCUAL, J. G. Considerações teóricas sobre identidade de lugar à luz da abordagem histórico-cultural. **Revista Psicologia Argumento**. Curitiba, v. 27, n. 59, p. 345-354, out./dez. 2009. ISSN 0103-7013

REIS, V. Juventude e Juventudes. IN: MATOS, K. S. L. de; ADAD, A. J. H; FERREIRA, M. D. M. (Orgs) **Jovens e Crianças: outras imagens**. Fortaleza: Edições UFC, 2006.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, D. S. **Conscientização: um estudo sobre os sentidos e sentimentos envolvidos nesse processo**. Monografia da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2007.

SÁNCHEZ VIDAL, A. **Psicología Comunitária: Bases Conceptuales y Operativas Métodos de Intervención**. Barcelona: Ppu, 1991.

SAWAIA, B.B. Dimensão ético-afetiva do adoecer da classe trabalhadora. LANE, S. T; M. SAWAIA, B. B. (Orgs). **Novas Veredas da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 157-168.

_____. **Artimanhas da Exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2004.

SILVA, P. R. de S. O Projeto Pedagógico do ProJovem e os desafios da integração: a arte de equilibrar-se entre o proposto e o imprevisível. IN: MATOS, K. S. L. de; SILVA, P. R. de S. (Orgs). **Juventudes e Formação de Professores: O ProJovem em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2008, p. 36-54.

SOUSA, A. T. N.; CARVALHO, C. E. T. O Projovem e a Política Nacional da Juventude. IN: MATOS, K. S. L. de; SILVA, P. R. de S. (Orgs). **Juventudes e Formação de Professores: O ProJovem em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2008, p. 15-23.

SUÁREZ, E. Problemas ambientales y soluciones conductuales. In: ARAGONÉS, J. I.; AMÉRIGO, M. (Orgs) **Psicología Ambiental**. España: Ediciones Pirâmide, 2000.

TASSARA, E. T. de O. Psicologia Ambiental e futuro: reflexões geopolíticas sobre Política Ambiental. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 16, n. 1-2, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642005000100027&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 fev. 2009.

TORO, R. **Projeto Minotauro: Biodança**. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

TUAM, YI-FU. **Espaço e Lugar: a Perspectiva da Experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

UNESCO. **Políticas públicas de/para/com juventudes**. Brasília: UNESCO, 2004.

VYGOTSKY, L. **A Formação social da mente**. – São Paulo, Martins Fontes, 1984.

XIMENES, V. M.; NEPOMUCENO, B. B.; MOREIRA, A. E. M. R. Cooperação universitária: uma prática comunitária/libertadora a partir da psicologia comunitária. In: CORDEIRO, A. C. F; VIEIRA, E. M.; XIMENES, V. M. (Orgs) **Psicologia e(m) transformação social: práticas e diálogos**. Fortaleza: Aquarela, 2007, p. 16-38.

XIMENES, V. M.; NEPOMUCEMO, B. B.; MOREIRA, A. E. M. M. Cooperação universitária: um caminho dialógico, libertador e crítico construído no Núcleo de Psicologia Comunitária. In: XIMENES, V. M. MENEZES, C. E.; JUNIOR, F. G. R. (Orgs) **Psicologia Comunitária e Educação Popular: vivências de extensão cooperação universitária no Ceará**. Fortaleza: LC Gráfica e Editora, 2008a, p. 63-88.

XIMENES, V. M; AMARAL, C. E. M; REBOUJAS JR, F. G.; & BARROS, J. P. P. Desenvolvimento Local e Desenvolvimento Comunitário: uma visão da Psicologia Comunitária. In: XIMENES, V. M. MENEZES, C. E.; JUNIOR, F. G. R. (Orgs) **Psicologia Comunitária e Educação Popular: vivências de extensão cooperação universitária no Ceará**. Fortaleza: LC Gráfica e Editora, 2008b, p. 89-104.

APÊNDICE A: DIÁRIO DE CAMPO

PRIMEIRA ETAPA: Encontro com os Professores:

Entrei em contato com a coordenação do ProJovem Urbano, que indicou a escola Papa João XXIII para realizar o trabalho, pela ausência de outras atividades com os jovens naquela escola. Uma das condições para a sua realização seria que não fosse no horário de aula, mas se fosse em outro momento não haveria problema, o que me deixou um pouco receosa sobre a disponibilidade dos jovens na efetuação da pesquisa.

No primeiro contato com a escola, conversamos com o coordenador da equipe deste ProJovem e a assistente social, que aceitaram a realização da pesquisa na escola. Estes foram disponíveis desde este primeiro contato. Eles apresentaram todos os professores que atuam no ProJovem, o espaço físico da escola, as salas de aulas, a diretoria, o refeitório, a cantina, a quadra da escola, a biblioteca, a horta, entre outros lugares.

Conversamos com os professores, perguntamos se já haviam algum grupo já formado, que se reunia em outro horário, como um grêmio, ou um grupo religioso. Mas, os professores falaram que não havia no momento, que seus alunos eram bem desarticulados. Também estes achavam difícil que os alunos fossem em outro horário que não fosse o de aula, mas incentivaram que eu tentasse, pois seria muito bom para o ProJovem Urbano um grupo que falasse sobre a sua re-inserção na comunidade e sobre a política pública do Programa.

Para a realização da pesquisa, era necessário formar dois grupos na tentativa de facilitar momentos de reflexão sobre as metodologias participativas (trilha urbana e mapeamento psicossocial participativo), a política pública do ProJovem Urbano e sobre a comunidade. Combinamos com a equipe que iríamos dá um certificado para quem participasse de todos os encontros, que seriam quatro (no mínimo) em cada grupo, para dar um estímulo na participação destes jovens.

Primeiramente, ocorreu a divulgação dos grupos nas quatro salas do Programa, além de incentivo durante as aulas pelos professores para a participação no grupo, falamos da importância de conversar sobre alguns problemas e potenciais da comunidade, além de problematizar o ProJovem Urbano.

Também fui a um encontro em que aconteceria uma caminhada comunitária pela comunidade do Vila União com os professores e alunos do ProJovem, que era um das atividades que estes jovens realizavam na perspectiva da ação comunitária. Esta caminhada

seria um momento rico para o início das minhas observações e da divulgação do grupo, porém estava muito desarticulada em relação aos profissionais e os estudantes, por isso acabou não ocorrendo neste dia, para a minha frustração e para os jovens do Programa.

Depois da divulgação, conversei com a direção da escola para reservarmos uma sala para a realização dos encontros e combinarmos o horário. Estes encontros serão realizados por mim e por outro psicólogo, que irá me ajudar na coleta dos dados e nas formas de facilitação durante a pesquisa.

Diário de Campo – 1º encontro – Grupo Inicial –Mapeamento Psicossocial Participativo – M1:

Eu estava bastante animada neste dia quando chegamos à escola haviam 11 pessoas interessadas esperando para começar o nosso grupo. Fiquei bem feliz com estes acontecimentos, pois pensei que não haveria um número suficiente já no primeiro encontro.

Fizemos uma breve apresentação da proposta de trabalho e apresentamos o termo de consentimento. Lemos o termo, tiramos algumas dúvidas. Todos leram o termo e assinaram. Senti uma dificuldade dos alunos do ProJovem Urbano com a realização das fotos e da gravação das fitas, demonstravam uma certa resistência com esta forma de registro. Decidi tirar fotos somente da lousa, mas não deles mesmo, como havia pensado inicialmente.

O primeiro momento foi de apresentação no grupo, em que cada um falava qual o seu nome, qual a ocupação e o que mais quisesse sobre si. Cada um ao começar a se apresentar teria que lembrar o nome das outras pessoas. Este grupo não se conhecia, somente haviam se visto no Programa, alguns são da mesma sala mas não se conhecem direito. Pedimos para que os jovens se apresentassem, falasse um pouco de si, já que estavam na mesma sala ou em outra, mas não se conheciam, como eles mesmos relataram quando começamos a apresentação.

Em um momento, uma das alunas comenta sobre o que acha sobre o ProJovem Urbano e decidimos modificar um pouco a forma de apresentação que além de conter os dados pessoais dos alunos devem conter informações sobre o que seria este Programa, como seus estudantes o percebem, como se sentem fazendo parte desta política pública, o que pensam sobre os professores, a coordenação, o espaço físico e entre outros.

Foi bem interessante esta relação, pois pudemos além de realizar a apresentação, a vinculação no primeiro momento também começamos a coletar dados com material relevante sobre o ProJovem Urbano, já que é algo comum a todos estes jovens, é um assunto que os instiga bastante e não há abertura para o trabalho sobre a temática na sala de aula, como estes

comentaram. Achei que foram muitos dados e que vão ser importantes para a pesquisa, fiquei bem contente com o resultado do primeiro encontro e da forma como estes falaram e se colocaram sobre o assunto.

Pensei também como seria importante ter este espaço semanalmente com um grupo no Programa fora do horário de aula para que pudessem verbalizar como se sentem e vivenciam cotidianamente aquele projeto, ajudando assim a superar dificuldades e focar no potencial do mesmo.

Hávamos pensando em começar a falar da comunidade neste dia, era um dos planos para o encontro após a apresentação, mas preferimos deixar para o outro encontro e explorar neste a percepção destes estudantes sobre o ProJovem Urbano.

No final, fizemos uma avaliação do encontro, que foi bem positiva por parte destes. Marcamos o próximo encontro e falamos um pouco de como seria, para que isto pudessem estimulá-los a comparecer. Encerramos o encontro com um lanche e com outras conversas informais.

Diário de Campo – 2º encontro – Grupo Inicial – Mapeamento Psicossocial Participativo – M2:

No segundo encontro, começamos perguntando como tinha sido a semana e o grupo estava inicialmente calado. Havia neste encontro sete pessoas somente. As outras pessoas haviam faltado e não comunicaram o motivo neste dia.

Então, pedimos para que eles se dividissem em grupos (duplas ou trios) e pudessem falar um pouco sobre a comunidade que viviam, a Vila União. Já que nas apresentações o que mais apareceu foram às referências a este lugar, como se sentissem bem apropriados e pertencendo aquela comunidade.

Depois disso fariam um desenho em grupo que representasse o que conversaram. Cada grupo apresentaria o seu desenho e comentaria o dos outros. No começo estavam bem tímidos com a proposta, mas com o tempo foram se soltando mais e desempenhando bem a tarefa. Senti que tinham facilidade em falar do lugar em que moram, que o conheciam bem, que tinha afeto pela comunidade em que moram.

O que resultou em muito material já no segundo encontro com este grupo e comecei a pensar que o Mapeamento Psicossocial Participativo não se restringia somente a caminhada comunitária, mas é possível estabelecer outras formas de entrar em contato com esta comunidade, como fazer um levantamento dos lugares que estes jovens perpassam no seu dia a dia, conhecer a importância deste lugar para eles, conhecer a história do lugar, os sentidos e

os significados presentes no cotidiano que podem ser aflorados. Além de observar a percepção que eles já apresentam em relação ao lugar e a que podem passar a ter, a partir das reflexões sobre a comunidade.

Foi interessante também analisar a relação que estes jovens têm com o ProJovem com esta política pública destinada aos jovens de sua comunidade, que sempre estava presente nestes momentos de facilitação.

Diário de Campo – 3º encontro – Grupo Inicial – Mapeamento Psicossocial Participativo – M3:

Neste encontro, tivemos dificuldades em relação à sala de aula, pois não havia nenhuma disponível no dia, como havíamos combinado com a direção da escola, que foi prejudicial para o andamento do grupo. Este problema foi resolvido, porém ficamos em uma sala com péssimas condições em relação à acústica. Havia muito barulho de fora, principalmente no recreio das crianças, que atrapalhou a concentração dos alunos e dos facilitadores.

Foram somente três pessoas neste dia. Duas pessoas disseram que não poderiam mais participar, pois estavam realizando um curso a tarde, não poderiam ir num horário fora da aula. O restante do grupo não justificou a ausência no dia e achamos que também não estariam mais presentes, pelo que o grupo comentou.

Pedimos para que eles lessem a matéria que trouxeram de casa, que pesquisaram na internet. Gostei bastante do material que trouxeram, acho que acabou complementando o que foi discutido nos dois encontros anteriores, foi um bom fechamento deste momento, pois faltaria só a caminhada comunitária para concretizar a primeira parte.

Então, cada jovem leu e comentou na matéria do outro, mas foi bem menor a discussão do que nos outros encontros, que tivemos momentos mais instigantes. Acho que sentiram falta dos outros integrantes do grupo, e ficaram um pouco desestimulados. Eu também como pesquisadora fiquei receosa com a continuidade da pesquisa e com a disponibilidade do grupo.

Em relação à matéria, foi bem interessante este momento, alguns demonstraram surpresa com a história, falaram que não conheciam. E sentiram curiosidade de perguntar para os parentes e conhecidos, em explorar mais os conhecimentos do seu bairro.

Mas, o que me chamou atenção neste momento, foi o fato de se reconhecer e de sentir valorizado quando seu bairro é apresentado na televisão na nossa cidade. Os jovens concordaram com o material que foi coletado por estes para apresentarem no dia do encontro,

havia identificação com o conteúdo proposto, pois mostraram vários lugares que já comentaram no nosso encontro anterior além de relatar a própria história do bairro.

Em relação à pesquisa, o que me chamou atenção é que havia lido anteriormente que o Mapeamento Psicossocial Participativo não se resumia somente a caminhada comunitária, mas também ao material e conteúdo que já havia sido produzido sobre o local. Foi interessante este trabalho de investigação por parte dos jovens, pois puderam procurar o que já havia sido escrito sobre o bairro e colocar o seu posicionamento sobre a temática. Assim, puderam refletir sobre o que já foi escrito e procurar novos materiais sobre a temática. Realizando assim uma etapa fundamental do Mapeamento proposto nesta pesquisa, que cada dia se apresenta mais claro para o pesquisador.

Neste dia havíamos planejado realizar a primeira caminhada pela comunidade, mas por falta de pessoas resolvemos com os jovens que estavam presentes, efetuá-la somente no próximo encontro. Seria um momento que necessitaria de mais integrantes do grupo, pois poderia trazer várias óticas sobre a caminhada.

Diário de Campo – 4º encontro – Grupo inicial – Mapeamento Psicossocial Participativo:

Neste encontro foram somente duas pessoas. Houve uma dificuldade em relação ao espaço, pois novamente não pode ser reservado para nós. Mas, não havia outra possibilidade de realização do grupo, pois não havia mais sala disponível na escola no horário combinado. Nem mesmo a do encontro passado, que não apresentava boas condições. Além de que não havia público para a efetuação dos encontros, com o tempo este foi evadindo, por alguns motivos como cursos no horário e outras prioridades.

Teríamos de procurar outro lugar para a realização dos encontros e fazer uma nova divulgação nas salas de aula do Projeto, ou tentar uma outra alternativa para realizar os encontros.

Perguntamos para os jovens que lugar poderia ser disponibilizado na comunidade para a efetuação da pesquisa. Estes comentaram sobre outra escola que ficava perto da onde estávamos. Quando fomos lá, a diretora comentou que não teria possibilidade de espaço, é uma escola bem grande, mas estava totalmente ocupada. E procuramos, então, a Casa Brasil e o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) desta regional, mas não foi concedido, pois estavam com muitas atividades e não seria possível a realização da pesquisa neste lugar.

Em supervisão, comentei com minha orientadora a dificuldade da realização da parte prática. Esta sugeriu a realização de um encontro na sala de aula para a sensibilização em uma

turma e depois a realização da caminhada comunitária, para finalizar o Mapeamento Psicossocial Participativo. E em outra turma, que eu fizesse um encontro de sensibilização e depois realizasse a Trilha pela comunidade com os jovens. Achei a proposta bem coerente e foi logo acatada. Decidi entrar em contato com a escola e esta aceitou a proposta para a finalização da pesquisa.

SEGUNDA ETAPA: Diário de Campo – 1º encontro – Turma 1 – Mapeamento Psicossocial Participativo:

Neste dia, realizamos uma atividade na sala de aula com o primeiro grupo da pesquisa, o que realizará a caminhada comunitária que é parte integrante do Mapeamento Psicossocial Participativo. Já percebi que contemplei alguns aspectos do Mapeamento faltando somente realizar a caminhada para finalizar esta etapa.

Inicialmente, havia em torno de 12 pessoas, mas até o fim do encontro tinham em média 20 pessoas na sala, pois alguns chegavam mais tarde por causa do trabalho. Tive a ajuda de um psicólogo na realização da pesquisa, que tem um enfoque na psicologia social, principalmente na psicologia comunitária.

Apresentamos-nos, explicamos os objetivos da pesquisa, a relevância desta pra o trabalho de facilitação com jovens e para a psicologia, especialmente a psicologia social. Além de enfatizarmos as questões burocráticas, como a importância de assinar o termo de consentimento, caso tenham interesse em participar da mesma. Todos os jovens assinaram o termo.

Alguns jovens já participaram da parte inicial da pesquisa, porém a maioria não, somente sabiam da existência, pois já havíamos passado nas salas para divulgar as reuniões do grupo em momento anterior.

Decidimos conjuntamente não gravar este encontro, pois estes tiveram um pouco de resistência. Então, ficou combinado com estes, que no encontro posterior, seria possível a gravação da discussão após a caminhada. Não quiseram que fosse realizado registro fotográfico dos encontros, eu acatei a posição deles.

Fizemos um círculo após estas explicações e começamos a atividade de problematização sobre a comunidade, que seria uma forma de sensibilizar o grupo para a caminhada comunitária que deverá acontecer nesta mesma semana.

O grupo estava bem calado e isto me fez lembrar que alguns professores já comentaram que eles, geralmente, não gostam de falar, que “tem preguiça de falar. Assumem assim uma postura passiva no processo de conhecimento, em que o professor conhece e sabe,

e este deverá repassar o conhecimento para eles, sem que haja a problematização e o posicionamento crítico. Isto acontece por causa da acomodação e por cansaço dos estudantes. Também alguns professores, geralmente, não levarem questões instigantes e contextualizadas para a sala de aula, que gere curiosidade e desperte interesse.

Fiquei bem receosa, pois não saberia como reagiriam diante de uma proposta diferenciada de atuação na sala de aula, uma atividade em que eles precisariam verbalizar o que pensam, sentem e vivenciam em relação à comunidade em que vivem, além de trazer elementos sobre o ProJovem Urbano. Fizemos o círculo de cultura, com a proposta de sensibilização sobre as temáticas relevantes para estes sujeitos da comunidade no ambiente escolar, em que o foco não é no professor, mas sim na interação entre facilitador-jovem, em uma relação dialógica e cooperativa. Estava ansiosa com a reação destes com o nosso planejamento, mas muito esperançosa que acontecessem boas trocas e um momento de interação.

Inicialmente, perguntamos quem morava naquela localidade e a maioria disse que morava lá mesmo, outros falaram que não moravam, mas que passeavam, ou freqüentava constantemente este bairro, por estudar naquela escola situada neste contexto, e freqüentar a praça, a igreja, dentre outras atividades. Perguntamos se eles queriam falar primeiramente dos pontos positivos ou negativos, eles reforçaram que seria interessante dizer inicialmente o que é positivo, para depois falar das dificuldades encontradas neste lugar.

Estes jovens consideravam o bairro onde moram calmo, tranqüilo, sem tantos casos de violência em relação aos outros bairros que assistem em alguns programas na televisão. Fizeram sempre a comparação do que eles ouvem falar sobre os outros bairros para falar do seu em relação à violência.

Em relação à saúde, verbalizaram que o bairro tinha um hospital, o Albert Sabin, que era muito bom, apesar da grande lista de espera para o atendimento infantil especializado. Porém, refletiram sobre os postos de saúde da região, que não tem bom atendimento, há certo descaso dos profissionais que atuam neste âmbito. Demora muito para serem atendidos, os postos de saúde precisam ser melhorados na opinião destes em relação aos profissionais, estrutura e medicamentos.

Já, em relação à escola, falaram que há algumas que não são boas, que os professores faltam bastante, e já outras que têm bons profissionais e um ensino de qualidade. Disseram neste meio que o ProJovem Urbano é uma oportunidade para os jovens na comunidade, que muitos destes não a aproveitam, que vão para a instituição somente para receber o dinheiro da bolsa e não para estudar. Colocam assim que é necessário se esforçar para aprender e ser

reconhecido no mercado de trabalho. Percebo assim que estes de alguma forma refletiram sobre o sistema educacional que estão incluídos, mas também notaram o seu papel no processo de ensino e da aprendizagem. Demonstrando assim a sua atuação frente às questões que envolvem o contexto social e escolar.

Além disto, o ProJovem Urbano é uma forma de se sentir incluído na sociedade, de poder fazer parte do sistema educacional do nosso país e de conseguir melhores condições de vida. Mesmo que este programa precise ser modificado e aprimorado. Espero que esta pesquisa possa contribuir com esta reflexão sobre este programa e traga novas possibilidades de atuação com estes.

Diante destes questionamentos, falamos um pouco da juventude do bairro, alguns falaram de forma pessimista que estava realmente perdida, que usava muitas drogas, que não queria nada com a vida, que não trabalhavam, nem estudavam. Já, havia poucas possibilidades, e não aproveitam estas poucas que existiam para se desenvolver e crescer. Observei assim uma visão negativa da juventude naquele bairro a partir desta conversa inicial com o grupo, que pode ser desconstruída, ou não durante a próxima facilitação.

Falaram também da violência, alguns disseram neste momento que era um bairro que tinha sim violência, que havia assaltos, mortes e brigas por causa do tráfico de drogas e por questões “pequenas”, em que não se pode nem olhar para a pessoa que já ocorre agressão. Alguns continuaram a verbalizar que o bairro não é violento, é calmo em comparação com outros bairros. Isto gerou certa polêmica. Até que chegaram a um consenso de que o bairro era às vezes tranquilo e calmo, que poderiam andar na rua até mais tarde, podem caminhar nas calçadas. Há sim violência como em outros lugares da cidade, porém, menos do que em outros bairros que passavam na televisão, sempre enfatizavam isto.

Sobre as possibilidades de lazer e esporte no bairro, eles falaram que haviam poucas, que existia o pólo, mas que este era bem poluído, existia um grande mau cheiro e era freqüentado pelos traficantes da região. Segundo estes jovens, não seria um bom lugar para que eles pudessem levar os seus filhos e se divertir. Mas, deveria ser, se fosse limpo e tivesse condições como uma quadra esportiva, uma praça bem cuidada, lugares para lazer, brinquedos para as crianças, entre outros. Sentiam falta de lugares para a realização de esportes e queriam um Centro Urbano de Cultura e Arte (CUCA) nesta comunidade, para que pudessem freqüentar e colocar os seus filhos.

Finalizamos refletindo sobre todos os pontos colocados no encontro deste dia, fazendo assim um grande resumo sobre o que foi discutido e reiteramos o convite para a participação na caminhada comunitária na mesma semana. Estes jovens ficaram curiosos com a realização

desta caminhada, perguntaram de que forma seria esta, se era da mesma forma realizada pela escola, ou faríamos de outro jeito.

Foi interessante para nós esta experiência, pois sentimos que eles estavam bem a vontade em relação à temática, que falavam livremente, como se precisassem deste momento também de reflexão sobre questões relacionadas à comunidade e a sua vida pessoal, profissional, entre outros.

Ressaltamos ainda que à medida que foram verbalizadas as questões referentes a comunidade, sentia que eles ficavam um pouco mais leves e conseguiam falar o que sentiam e pensavam sobre aquele lugar. Percebia que esta era uma dificuldade grande, pois seria necessário momentos de diálogo e construção coletiva daqueles jovens para que estes possam se re-inserir na comunidade e buscar formas de aprendizagem mais efetivas no contexto escolar.

Um dos erros que pude pensar sobre esta experiência é que poderíamos ter pedido para que estes pudessem verbalizar sobre esta atividade, pudessem nos falar sobre o que acharam, quais foram as limitações e aprendizados presentes neste momento. Pois o que ficou deste momento foram mais minhas observações e reflexões do que o posicionamento destes sobre aquela atividade diferenciada em sala de aula.

Diário de Campo – 2º encontro – Turma 1– Mapeamento Psicossocial Participativo – M4:

Fomos à sala de aula, conversamos com a turma sobre como seria a proposta da caminhada comunitária naquele dia, já comentado no encontro anterior. A turma fez a escolha do lugar que caminharíamos, que seria uma praça próxima a escola situada no bairro Vila União, comentaram que este lugar eles não andavam tanto como na outra praça, mas que preferiam ir a esta naquele dia, para conhecer este lugar e fazer uma comparação com a outra praça.

Pedimos que eles observassem os aspectos da comunidade que comentamos no encontro anterior, que percebessem o lugar que andaríamos, mas conseguisse fazer a relação com o todo.

No caminho para a praça, percebi que muitos ficaram surpresos com as casas que faziam parte daquele entorno, que eram muito finas e que não tinham pessoas na calçada. Eram lugares bem vazios e sem convivência comunitária. Era um lugar bem tranquilo mesmo.

Andamos em uma praça, que está sendo reestruturada atualmente, é uma ambiente que eles passam no dia a dia, mas que eles não reconheciam como fazendo parte de sua realidade, mesmo que fosse tão perto da escola.

Percebi o quanto admiraram aquele lugar, comentaram como era um bom lugar para caminhar, fazer exercícios, conversar com os seus amigos, namorar, paquerar, levar as crianças para brincar, não fazer nada e olhar os carros passando na rua.

Contaram também que não existia aquela praça, que antes aquele espaço era todo repleto de mato. Naquele momento, estão montando a estrutura daquela praça. Além do que comentaram do perigo, já que precisava ter mais estrutura e proteção, pois há um canal que passava por perto, para que nenhuma criança viesse a cair. Era necessário que a prefeitura cuidasse daquele ambiente e que este fosse realmente propício para o uso dos moradores da comunidade.

Na volta, percorremos outro lugar, que existia muito lixo e um terreno baldio, e alguns afirmaram que na comunidade existia bastante isto. Mas, não era tão vazio como aquele lugar, era um pouco mais animado.

Voltamos à escola, e começamos o nosso círculo de cultura em sala de aula. Neste momento, iniciamos a gravação do encontro. Foi interessante pois falaram da caminhada comunitária, mas sempre conseguiam verbalizar sobre ações referentes ao ProJovem Urbano naquele contexto, isto estava bem presente desde o começo das facilitações.

Diário de Campo – 1º encontro – Turma 2 – Trilha Urbana – T1:

Neste dia, realizamos uma atividade na sala de aula com o segundo grupo da pesquisa, o que realizará a trilha urbana pela comunidade da Vila União. Inicialmente, havia em torno de 8 pessoas, mas até o fim do encontro tinham em média 15 pessoas na sala.

Para os professores, esta sala é bem problemática, pois tem jovens que usam drogas e alguns educadores têm medo de alguns alunos desta sala. Segundo os professores, estes são poucos envolvidos com as atividades da escola, por isso me direcionaram para esta sala neste dia. Isto me deixou inicialmente bem receosa e apreensiva, mas decidi encarar a situação.

Nesta sala não havia nenhum jovem que houvesse participado da etapa anterior, somente sabiam da existência, pois já havíamos passado nas salas para a divulgação da proposta de pesquisa. Apresentamo-nos e explicamos os objetivos da pesquisa, além da à relevância desta pra o trabalho de facilitação com jovens e para a psicologia, especialmente a psicologia social. Precisamos neste momento ressaltar mais elementos da pesquisa para que estes pudessem participar da mesma. Enfatizamos as questões burocráticas, como a

importância de assinar o termo de consentimento, caso tenham interesse em participar da mesma.

Neste dia, estava sozinha para facilitar o grupo envolvendo temáticas referentes ao ambiente e a comunidade. Pedi para que fizessem um círculo e comecei a perguntar algumas questões ambientais em relação à comunidade, como por exemplo, como era a relação que eles tinham em relação ao ambiente, o compromisso com a problemática ambiental na comunidade, entre outras.

A maioria da sala afirmou que se preocupava mais com a sua casa, com a sua limpeza e a estrutura física, não com o ambiente de forma geral, nem mesmo com as questões da comunidade. Uma pessoa comentou que se cada um cuidar do que é seu, não terá problema em relação ao todo. Já que não gosta de se meter na vida dos outros, nem se preocupa com isto. Outra aluna comentou que quando ver o lixo no chão ela pegava e tentava colocar em alguma lixeira. Mas, as outras disseram que não faziam isso, nem se interessavam.

Percebi neste momento grande individualidade entre as pessoas daquela sala e pouca preocupação com o contexto social e comunitário em que estão envolvidos cotidianamente.

Diante disto, pedi para que eles verbalizassem um pouco sobre a sua casa, como era a sua moradia, como se sentiam neste espaço, qual a relação entre a sua casa e a comunidade, entre outras.

Eles falaram sobre sua casa, afirmando que era um lugar que se sentiam bem, que apresentavam objetos que eles tinham afinidade e havia pessoas da sua família que gostavam muito. Chegaram à conclusão de que as casas neste lugar eram bem parecidas, pois tinha semelhança quanto à estrutura e o nível social.

Porém, as casas próximas a escola são bem diferentes das quais moram, pois são bem luxuosas e estes não se identificam com este padrão. Apesar de acharem muito bonitas. Afirmam que as ruas nas proximidades a escola são bem mais vazias do que as que ficam perto da casa deles, pois seus moradores sentam na calçada para conversar, comentar assuntos da novela, para as crianças brincarem, para esperar algum filho chegar, entre outras.

Este assunto fez com que pudessem conversar sobre o pólo que ficava perto da casa deles e que se encontrava poluído, que além de não ser um lugar bem freqüentado na região, por ter bastante traficante nesta localidade, não era também cuidado pela prefeitura e nem por seus moradores.

Sobre o lixo, comentaram que este passava com boa frequência na região, mas não se fazia coleta seletiva neste local. Colocavam tudo junto mesmo, pois não tinham tempo para

realizar a separação e não se importavam com o processo de reciclagem. Alguns comentaram de forma pejorativa que não eram “catadores”.

Diante disto, ressaltai a importância da reciclagem de resíduos sólidos para o meio ambiente e do papel do catador em seu trabalho e neste processo de reciclagem destes resíduos. Eles refletiram sobre isto, falando de algumas pessoas que eles conheciam que trabalhavam desta forma, que eram bem dignas e não conheciam a função deste profissional na preservação e proteção ambiental.

Neste encontro, um dos alunos da sala de aula se encontrava “um pouco alterado”, implicava com os outros colegas, saindo da sala para ir ao banheiro, falando besteira, cuspidando no chão, entre outros comportamentos. Isto chamava muito a atenção dos alunos, que às vezes fugia do tema e propiciava algumas conversas paralelas na sala de aula. Fiquei um pouco receosa, pois não sabia como era a sua reação no dia a dia, mas parecia que a turma também estava um pouco assustada sem saber o que fazer com aquela situação. Tentava lidar com brincadeira com ele, quando este se levantava da sala de aula. Fiquei bem tensa neste encontro com medo de que algo ruim pudesse acontecer na sala. Ficava aliviada quando este aluno saía de sala, e a nossa temática poderia fluir livremente.

No final do encontro, o grupo verbalizou que havia gostado bastante do que conversamos naquele dia, que serviu para pensar a comunidade em que moravam, pois muitas vezes não destinavam tempo para isto no seu cotidiano. Porém, algumas pessoas da sala preferiam que eu tivesse dado uma aula “convencional”, estes verbalizaram que não queriam falar em sala de aula, que preferiam está diante da matéria escolar do que falar sobre a sua comunidade.

Neste encontro, não realizei a gravação do encontro, somente iria realizar isto, no encontro que vivenciaríamos a trilha na escola, que seria o próximo. Isto foi acordado com o grupo.

Diário de Campo – 2º encontro – Turma 2 – Trilha Urbana – T2:

Antes de começar o encontro, os professores comentaram que no nosso próximo encontro teria uma caminhada até a praça do bairro Vila União com todos os alunos do ProJovem que fazem parte daquela escola, com a entrega do jornal que foram produzidos por estes durante o semestre. Comentaram sobre o jornal, que denominava o “Papa é Jovem”, fazendo referência ao colégio e ao fato de se considerarem jovens.

Achei bem interessante isto, pois teria uma noção de como seria o envolvimento dos alunos com as questões da sua comunidade de forma mais geral, como também da postura do

professor. Seria desafiadora por outro lado, pois teria que dá alguns direcionamentos na sala de aula, e estes poderiam ficar um pouco dispersos durante a trilha na comunidade, que seria proposto posteriormente à realização da caminhada.

Neste encontro, temos a proposta de realizar uma trilha pela escola e depois realizar o círculo de cultura. Foi um momento de sensibilização em relação ao lugar aonde estudam diariamente, como forma de trazer novas percepções, além de trabalhar questões referentes ao ProJovem Urbano.

Pedimos para que primeiramente fechassem os olhos e percebessem a escola, como ela era, que lugares cada um conhecia e entre outros.

Eles comentaram um pouco sobre o ProJovem principalmente, e trouxeram algumas questões como preconceito, vergonha, dificuldades, potencialidades, entre outros.

Pedimos que pudéssemos caminhar por este lugar silenciosamente, percebessem o que não haviam ainda percebido, ficassem atentos ao lugar, e os sentimentos e emoções que estava presentes.

(20 minutos depois)

Comentaram sobre a experiência da trilha na escola, trouxeram novos sentidos e significados ao ambiente escolar e comentaram sobre o ProJovem e a relação com a escola aonde estudam. Percebi a afetividade que a trilha pode despertar em seus participantes, que no encontro anterior estavam bem isolados do contexto escolar e comunitário, e esta experiência permitiu uma aproximação e um momento de reflexão sobre as problemáticas e as potencialidades.

Diário de Campo – 3º encontro – Turma 2 – Trilha Urbana – T3:

Neste dia, sentamos no começo para conversar com os professores antes de começar a atividade relacionada à trilha. Estes comentaram que ontem ocorreu uma confusão na sala em que eu estava, quando o outro professor assumiu a sala de aula depois que sai. Em que o aluno que comentei no encontro anterior que estava “um pouco alterado” ficou zombando de um colega que era homossexual. Este pegou uma cadeira e o outro colega pegou outra para se defender, depois um saiu correndo com a cadeira atrás do outro pelas escadas do colégio, para o desespero do professor que também foi atrás dos mesmos. Um deles foi embora correndo em sua bicicleta.

Isto me deixou bastante receosa, pois caso ele viesse neste dia não saberia como lidar com ele, nem mesmo como reagir, embora que neste encontro teria a ajuda do outro facilitador.

Os jornais chegam da reprografia e começamos a embrulhá-lo junto com os professores para que fossem entregues pelos alunos do ProJovem durante a caminhada.

Passando alguns instantes o aluno aparece na escola, e o professor coordenador do ProJovem daquela escola conversa com ele. Diz que este deveria ir para a casa neste dia, para que pudesse se acalmar e não provocar mais nenhuma confusão. O aluno diz que não pode ficar também, pois foi operado de fimose, e diz que foi por isto que teve que sair correndo ontem e não reagiu como gostaria. O professor comentar também a atividade que será realizada com o restante dos alunos do ProJovem e solicita que vá para a casa. Este pedido é atendido pelo aluno, que deverá voltar somente na segunda feira.

Após a sua saída, os professores comentam que sentem medo dele, que ele só sairá quando fizer alguma coisa grave com os alunos ou mesmo com algum professor, pois já foi solicitada a sua saída na coordenação geral, mas não foi aceita. Os professores acham estranho ele ter sido operado de fimose com esta idade, e questionam a veracidade dos fatos que comenta.

Fiquei me questionando qual seria a postura com tal aluno, pois não conhecemos o seu contexto familiar, o que acontece no seu dia a dia, as condições de trabalho, se há uso de droga ou mesmo algum transtorno mental. Além do mais importante, se é possível a sua convivência pacífica naquele contexto escolar diariamente, lidando com os seus colegas, os professores e com a aprendizagem.

Antes de começar a caminhada, fomos direcionados a sala de aula para comentarmos com as outras pessoas da sala a proposta para aquele dia, que além da entrega do jornal realizaremos uma trilha pela comunidade, que seria um momento que tentaríamos observar aquilo que não tinha sido percebido ainda e que chamaria a atenção destes. Fiquei receosa neste momento, pois depois de distribuírem o jornal na praça da Vila União, os jovens das outras salas iriam para a casa. Fomos à sala para também pedi a sua permanência no momento de discussão posterior a trilha.

Depois da explicação começamos a caminha pelas ruas da escola, o grupo estava um pouco disperso voltado principalmente para a entrega dos jornais. Observei que algumas pessoas tiravam a camisa do ProJovem Urbano para andar na comunidade. Questionei-me sobre qual a relação que teriam com o Programa? Será que não poderia ser reconhecido como tal pelos outros moradores da comunidade? Como se sentiam vestindo a camisa?

O que achei estranho neste percurso foi que enquanto caminhávamos com os jovens, os professores pegaram o seu carro na escola e foram para a praça. Foram, portanto, os

primeiros a chegar na praça e não acompanharam todo o processo junto com seus alunos. O percurso era em torno de sete a oito quadras, que levaria em torno de uns 20 minutos.

Depois da distribuição dos jornais na praça, somente os alunos da turma que ficamos neste encontro, ficaram lá e pedimos que começassem olhar aquele ambiente, perceber aquele lugar de forma diferenciada.

A praça estava bem animada, era uma sexta feira à noite e havia pessoas conversando na rua, bebendo uma cerveja, comemorando com os amigos, vendo alguma coisa, entre outros. Ficamos em torno de 10 a 15 minutos na praça.

Na volta da escola, fizemos alguns direcionamentos sobre a trilha, que diante do contexto não seria mais guiada, mas sim uma forma de apreciação em relação ao ambiente da comunidade de forma individual e contextualizada.

Portanto, pedimos que pudessem parar em alguns lugares que sentisse a necessidade para observar o ambiente da comunidade e vivenciar de forma diferenciada o que ocorre no seu dia a dia.

Percebemos que eles se envolveram com a atividade, e que começaram a reparar no lixo que estava na rua, nas pessoas sentadas na calçada, nos muros da comunidade, entre outras.

Voltamos à escola e a turma havia voltado totalmente para a minha surpresa, começamos a comentar sobre a trilha na comunidade, mas sem deixar de questionar a relação que eles apresentavam com o ProJovem e a entrega dos jornais.

Comentamos que iríamos gravar aquele encontro, fizemos uma roda e começamos a facilitação daquele momento. Pedimos para que eles tivessem uma visão do todo, mas priorizassem a volta, que foi a realização da trilha para eles.

		<p>BOLSA</p> <p>PRECONCEITO</p> <p>MAL ESTAR</p>	<p><i> pessoa pega na barriga de outra pessoa, sem querer, que já gera uma confusão, sem pé, sem cabeça. (aluna 6, m1)</i></p> <p><i>E as pessoas que estão aqui neste grupo não são pessoas barraqueiras, era preciso um trabalho com as pessoas que arrumam confusão, mas estas não têm interesse de vir para cá conversar com a gente, só vão para a aula por que são obrigadas, por que querem receber o dinheiro da bolsa e pronto, tão nem aí para nada com a vida. (aluna 6, m1, p. 4)</i></p> <p><i>Tem coisa sem pé nem cabeça neste ProJovem, tem gente que só vem por causa dessa bolsa, para dizer que está lá e pronto, acabou. Tem gente que chega na sala e num dá nem um “boa noite”, num diz nem um “obrigado”, nem olha para a cara da gente. Eu gosto de ajudar na minha casa, comprar um pacote de pão, de dá um agrado para a minha mãe. (aluna 4, m1)</i></p> <p><i>É verdade o que o povo fala sobre o ProJovem. Tem muito preconceito também. Eu gosto de ser do ProJovem e não gosto quando falam somente o lado negativo, pois tem bons professores e pessoas interessadas sim. Agora é chato, pois ninguém pode olhar para ninguém que já olha com cara feia e pode gerar uma confusão do tamanho do mundo. Você não pode fazer nada. (aluna 9, m1)</i></p> <p><i>Aluno 1: Você fica sentado olhando para uma coisa e a pessoa já chega te olhando com a cara feia, valha. Como é que pode? Fico na minha e vou sobrevivendo aqui.</i></p> <p><i>Aluna 7: Comigo não acontece</i></p>
--	--	--------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>INDIFERENÇA</p> <p>ESTUDAR E FAZER AMIZADES</p> <p>DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM</p> <p>DESINTERESSE</p> <p>INTOLERÂNCIA</p> <p>FALTA DE LIMITE</p> <p>DESMOTIVAÇÃO (PROFESSORES E ALUNOS)</p> <p>PARTICIPAÇÃO NO GRUPO</p>	<p><i>nada, por que fico na minha também. A dica é esta. Mas, é muito difícil, mulher. Não pode falar, olhar, nem nada. Tudo e mais um pouco é motivo de barraco. (diálogo, m1.)</i></p> <p><i>Aluna 6: Eu acho que isso aqui devia servir para estudar e fazer amizades. Tem gente que não quer, tentam botar para fora, mas é uma outra comédia, os professores não conseguem colocar, a coordenação não deixa. Dizem que não pode, que num sei o que, que não é justo.</i></p> <p><i>Pesquisador: E não seria mesmo para estudar e para aprender? E não seria um clima para amizades?</i></p> <p><i>Aluna 6: Seria sim, mas tem gente que chega aqui e não abre o caderno. Fica passeando pela escola. Usa drogas na escola, não respeita a escolha sexual dos outros, fica mangando do jeito dos outros e isto atrapalha a concentração e o ensino dos professores. Os professores não têm controle, pois tem medo de ameaças, como já aconteceu com a assistente social e com outros daqui. É preciso dá limite para este povo. Até os professores, eles ameaçam? Aonde vamos parar? (diálogo, m1)</i></p> <p><i>Tem dia mesmo que o professor não consegue dá aula, acho que desmotiva os próprios professores e os próprios alunos que não têm as melhores motivações do mundo mesmo, por tudo que já passou e pela dificuldade do dia a dia que alguns passam que eu sei. (aluna 8, m1)</i></p> <p><i>Aluna 6: Foi muito bom falar do que acontece com a gente no ProJovem no dia a dia e também foi bom conhecer mais pessoas</i></p>
--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>JUVENTUDE</p> <p>CURSOS EXTRACURRICULARES</p> <p>JUVENTUDE</p> <p>CURSOS EXTRACURRICULARES</p>	<p><i>daqui. Na sala de aula não temos espaço para falar sobre este assunto.</i></p> <p><i>Aluna 7: Concordo com a aluna 6. Devia ter mais destes momentos em que pudéssemos conversar sobre o ProJovem.</i></p> <p><i>Aluno 1: Concordo com as duas. (diálogo, m1)</i></p> <p><i>[...] Acho os jovens daqui muitos dispersos. Eles ficam nas praças sem fazer nada. Era para existir uma atividade, com cursos e esportes aqui mesmo no Vila União. Aqui mesmo no ProJovem deveria ter cursos extras e trabalhos profissionalizantes... (aluno 1, m2)</i></p> <p><i>Aluno 1: Tem gente que não tem condição de fazer um curso, de pagar um curso de informática. Aí ficamos todos dispersos. Têm jovens que não trabalham, que não tem a oportunidade do primeiro emprego e de qualificação profissional.</i></p> <p><i>Aluna 5: Aí vão atrás de briga, de usar droga, de prostituição, de tudo o que não presta...</i></p> <p><i>Aluna 2: O ProJovem deveria fazer sim mais cursos, trabalhos conosco e com a comunidade próximo a escola. Vamos ter um do CEFET, que parece ser bem interessante, mas tem um aqui e outro bem depois, aí não se ver os resultados. Tem que ter mais cursos sim!!!</i></p> <p><i>(Aluna 6: Devia fazer mais negociação, como é...</i></p> <p><i>Aluna 7: Parcerias, é?</i></p> <p><i>Aluna 6: Devia fazer parcerias com instituições e sempre está promovendo coisas novas para gente, fazer visitas as universidades, tem gente que num sabe nem o que é graduação aqui,</i></p>
--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<p><i>não tem nem está nos seus planos de vida fazer uma, imagina um mestrado. Acho que nisto o ProJovem deveria melhora muito, trazer mais capacitação profissional mesmo e estímulo para o nosso futuro.</i></p> <p>Aluna 2: <i>Mas, também nos cursos que tem, o povo daqui não se dedica, não vai, falta demais, aí desestimula a coordenação e os professores. Acaba sujando o nome dos outros e diminuindo as vagas. (diálogo, m2).</i></p>
		CURSOS EXTRACURRICULARES	
		AÇÃO COMUNITÁRIA	<p><i>Eu gosto muito da ação comunitária, esta parte é massa, pois sempre tem uma atividade diferente, e podemos falar mais sobre a nossa comunidade, nossos amigos e família. (aluna 3, m2)</i></p>
		RELAÇÃO COM OS PROFESSORES	<p><i>Eu gosto muito dos professores, são muito bons, bem dedicados, estudiosos e compreensivos. Neste ponto ai eles pecam muito. Gosto muito da estrutura do ProJovem, tem muita gente que não quer nada, isto desmotiva os professores... (aluna 9, m4)</i></p>
		DURAÇÃO DO PROJOVEM URBANO E BOLSA	<p><i>Eu gosto por que é só um ano e meio, e tem a bolsa. Passa rápido. (aluna 5, m4)</i></p>
		METODOLOGIA	<p><i>A aula é muito chata, às vezes, dá sono, nesta hora do dia depois de fazer tantas coisas, né. Deveria ter mais dinâmica e aulas diferentes, bem assim deste jeito que foi esta daqui, né. E o povo ficar animado, participar e não ter sono como muitos têm. [...]</i> (aluna 8, m4, p.18)</p>
		COORDENAÇÃO CURSOS EXTRACURRICULARES	<p><i>A coordenação é boa, participa bem, pune quando precisa, dá bronca, aconselha eu não tenho do que reclamar assim. Só acho que deveria ter mais cursos, tem</i></p>

		<p>PERFIL DO ALUNO</p> <p>PRECONCEITO</p> <p>PERFIL DO ALUNO</p> <p>PARTICIPAÇÃO NO GRUPO</p> <p>PARTICIPAÇÃO NO GRUPO</p>	<p><i>com que ele ficasse maiorzinho e procurei o ProJovem, foi o jeito, queria terminar os estudos e fazer alguma coisa. (aluno 12, t1, p. 23). O ProJovem é uma coisa boa que aconteceu na minha vida, conheci pessoas legais, tem gente que não é boa, mas tem pessoas que vou levar para o resto da minha vida. Tem bons professores, tem pouca estrutura este daqui, nem tudo nesta vida é como desejamos né. Eu estudo e me esforço, por que quero um futuro melhor para mim. Mas, nós não somos conhecidos na nossa comunidade, estes olham a gente com cara feia, fazem piadinhas, mas eu num tô nem aí, abaixo a cabeça e nem ligo, finjo que nem escutei nada e pronto. Cada um teve o seu motivo para está aqui, teve seus problemas, as pessoas erram muito mesmo, é sempre tempo de modificar as coisas, de agarrar as oportunidades que aparecem. Tenho minhas dificuldades, tenho, de escrever, de fazer um bom texto, de me concentrar, tento falar em sala de aula, ajudar o professor na sua aula, tem gente daqui não gosta quando eu falo, diz que é demais, mas eu gosto de melhorar e explorar aquilo que eu sei mais, e tento escrever, é difícil ainda mais. (aluno 15, t1)</i></p> <p>Depois desta discussão, eu passei a gostar mais do ProJovem e a conhecer mais a realidade daqui, conhecer mais a escola e me sentir como um membro dela realmente, e não só uma pessoa que vem para cá e pronto. (aluno 15, t1)</p> <p>[...] Falamos hoje da escola e do ProJovem de forma bem detalhada, foi muito importante para nós eu acredito. Não sei quando teremos um momento assim de novo,</p>
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>METODOLOGIA</p> <p>VERGONHA</p> <p>VERGONHA</p> <p>PRECONCEITO</p> <p>VERGONHA</p>	<p><i>espero que logo. (aluna 16, t1)</i></p> <p><i>[...] O pessoal aqui do ProJovem, os professores e coordenadores sempre trazem alguma novidade como por exemplo um filme, um passeio e agora vocês. [...] (aluna 16, t2)</i></p> <p><i>[...] eu tirei a blusa do ProJovem assim que sai da escola, vir com já preparada com uma bonita por baixo, por que sabia que vamos caminhar mesmo por aqui e não queria que me vissem. Acho estranho o povo ficar comentando sobre isto, eu não gosto. (aluna 12, t2)</i></p> <p><i>Aluno 17: Eu não gostava da forma que o pessoal olhava para a gente, dava aquela impressão de que dava um vixe, lá vem o povo do ProJovem quando chegamos a pracinha...</i></p> <p><i>Aluno 12: É preconceito desse povo. O povo não quer mais amizade não, só quer saber do que você tem. Eu não gosto de amizade assim não, é amizade da boca para fora, aqui dentro eu sou de um jeito, fora eu sou de outro. (diálogo, t2)</i></p> <p><i>Pesquisador: Eu observei que algumas pessoas ao realizarmos a trilha, retiraram a camisa do ProJovem, principalmente, quando chegamos a praça que estava bem movimentada. O que vocês acham disto?</i></p> <p><i>Aluno 12: Eu tirei a camisa, e tiro mesmo. Eu assumo isto, como já comentei antes no começo da nossa conversa. Aqui sou uma pessoa, em casa eu sou outra e na pracinha eu sou outra. São coisas diferentes. Eu curto mesmo lá (na pracinha), saio no sábado e vou para as festas com meus amigos e paqueras. E tem</i></p>
--	--	---------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>AMIZADE</p> <p>VALORIZAÇÃO</p> <p>VERGONHA</p>	<p><i>meus outros amigos na pracinha, não gosto que me vejam dessa forma, com a blusa do ProJovem. Eles são daqueles amigos que mangam, e eu não gosto. São daqueles que você só é o que você tem, não valoriza as outras coisas, mas são os amigos que eu tenho, né! E são os amigos que eu gosto de sair para farrear, não conto as coisas de casa para eles, nem dos estudos, é mais para as brincadeiras mesmo.</i></p> <p><i>Aluno 17: Mas, o ProJovem é bom. Eu não me sinto mal de usar a sua camisa, eu vejo gente que chega sempre sem a blusa. Trás a blusa em um saco velho para vestir no banheiro, eu acho triste este pessoal, ou coloca no ombro e vem de bicicleta sem blusa, que horrível. Não veste na sua casa, nem mostra para as pessoas da sua rua, nem daqui, somente veste por que é obrigatório mesmo na sala de aula, por que se não fosse não vestiria mesmo, está entendendo.</i></p> <p><i>Quando chegam os professores chamam a atenção, mas é mesmo que nada, tão nem aí. Parece que sente vergonha de ser do ProJovem, e não está nem aí para as atividades aqui mesmo. Mas, não é todo mundo, é boa parte do grupo, aqui nesta sala tem muita gente assim, mas em outras que são melhores, outras piores e assim vai, não conheço muito os outros cantos daqui da cidade, mas só sei que aqui é assim né e as coisas vão levando, não tem um trabalho com estes jovens para que estes possam saber da importância que o ProJovem pode ter na sua vida, um trabalho diferente, sei lá...</i></p> <p><i>Aluno 12: Eu sou assim, levo a blusa na sacola e se alguém me perguntar digo que vou acolá na casa de não sei quem, invento alguma desculpa, tem vizinho que é</i></p>
--	--	---------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		BOLSA	<p><i>muito curioso, se incomoda com a vida de todo mundo, tudo quer saber, né. Eu assumo mesmo, eu sou assim, já disse para os professores e digo para os meus colegas daqui, eles conversam comigo, num tem jeito.</i> (diálogo, t2)</p> <p>Aluno 15: Se não tivesse a bolsa tem gente que não viria para cá, não pensam que é uma oportunidade de ganhar um bom emprego, de ser gente nesta vida tão difícil, de estudar, de dar a volta por cima.</p> <p>Aluna 16: Os 100 reais me ajuda, não me ajuda tipo por que eu pago uma pessoa para ficar com as minhas filhas quanto venho para cá. Eu preciso do dinheiro, é pouco, mas ajuda já. Eu explico para as minhas filhas que tenho que ir estudar, para consegui algo melhor para nós mesmas, mesmo. Para mim é importante este espaço, por mais que tenha suas dificuldades, se não tivesse isto aqui não sei o que seria de mim, pois não tenho condição de pagar outra coisa e no ensino normal não aceitam mais a gente da mesma forma, é estranho. (diálogo, t2, p.28-29, f. 44-45)</p>
2. Metodologias Participativas de Facilitação na Psicologia Comunitária e Ambiental	2.1 – Conhecendo o ProJovem Urbano e comunidade pelo Mapeamento Psicossocial Participativo	2.1.1 – COMUNIDADE CALMO TRANQUILO	<p>A comunidade Vila União é calma e tranqüila, temos praças, hospital de criança que é o Albert Sabin. Tem gente que vem do interior para ser atendido no Albert Sabin, pois é um bom hospital de criança, é referência. Temos também posto de saúde, sentimos falta de dentista nos postos de saúde. Temos supermercados, lotéricas, colégios, bares, praças... Acho os jovens daqui muitos dispersos. Eles ficam nas praças sem fazer nada. Era para existir uma atividade, com</p>

		<p>VIOLÊNCIA</p> <p>COMPARAÇÃO COM OUTROS BAIROS</p>	<p><i> cursos e esportes aqui mesmo no Vila União. Aqui mesmo no ProJovem deveria ter cursos extras e trabalhos profissionalizantes.. Na comunidade do Vila União temos policiamento, agora nas praças que antes não tinha. O Vila União é bem procurado para se morar, por que ele é calmo e tranqüilo, né. Só que as casas aqui não são tão baratas para se comprar nem alugar. (aluno 1, m2)</i></p> <p><i>Aluna 2: Eu não acho que o Vila União seja um bairro calmo, pois ontem assaltaram a casa da minha vizinha, que é um lugar bem movimentado e bem perto da escola. Acho bem perigoso também. (20 anos, estudante)</i></p> <p><i>Aluna 4: Eu já morei no lagamar, e não tem comparação um bairro com o outro. O Lagamar é muito mais violento e perigoso. Não tem comparação mesmo na minha opinião.</i></p> <p><i>Aluno 1: Eu também já morei 7 anos no lagamar. Não tem mesmo comparação uma festa no lagamar e no Vila União. No lagamar, na rua você não pode nem olhar para outra pessoa, que já pergunta o que é, o que está olhando... Aqui estas coisas não acontecem, você pode pedi até informação sem ser roubado logo de cara. Você não pode pedi uma informação na rua, que tem medo de ser roubado.</i></p> <p><i>Aluno 2: No lagamar, tem que correr das balas... (Risos) É muito perigoso e violento demais.</i></p> <p><i>Aluno 1: É mesmo, tem muita bala perdida e violência lá!</i></p> <p><i>Aluno 4: Ter tem em todo canto, é normal a violência hoje em dia.</i></p> <p><i>Aluno 2: A minha rua no Vila União é, a minha rua é um jeito que só nas mãos de Deus. Aqui também no Vila União é assim ninguém pode olhar para ninguém,</i></p>
--	--	------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>LUGAR BOM DE MORAR</p> <p>DIFICULDADES</p>	<p>fica ainda paquerando com as meninas e tal, não faz o seu trabalho direito. (aluno 1, m2))</p> <p>Aluna 6: Acho que é um lugar que tudo que nós queremos nós conseguimos, é um lugar que tudo é perto, que dá para ir a um supermercado, shopping, hospital, padaria, pracinha, farmácia, pizzaria, lanchonete animada na praça, bares, festa, clube)</p> <p>Aluna 5: Tem uma pizza na lenha na praça, que é uma delícia!</p> <p>Aluna 2: Hum... é mesmo! (Risos)</p> <p>Aluna 7: É mesmo. (Risos) Agora o Vila União está melhor, mas é preciso mais trabalho da prefeitura. Melhorar as linhas de ônibus, que é muito lotado e tem uma fila enorme para entrar no busão. Tem o Ronda, que passa bastante na semana, mas no fim de semana passa uma vez aqui e outra acolá. E ainda tem mesmo estas paqueras com as meninas.</p> <p>Aluna 2: Na minha rua, que é muito movimentada, é muito difícil o ronda passar no fim de semana. Na semana eles passam 24hs, e 24hs eles estão passando. Mas, no fim de semana, quando mais se precisa, nos bairros, eles não passam mesmo. Se for para um canto distante, tem que pegar um moto táxi, por que a pé não rola.</p> <p>Aluna 5: É preciso do Ronda, por que na minha rua, o povo quer escutar a música e não quer só para si, mas para a rua toda escutar. E nem sempre o povo quer e gera a maior confusão.</p> <p>Aluna 6: E quando não tem confusão das músicas, um bota pagode, o outro forró, a outra música evangélica... Ninguém sabia o que estava escutando, era tudo misturado mesmo, uma confusão. O Ronda vem o povo baixa, eles saem e colocam alto de</p>
--	--	-----------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>DIFICULDADES</p>	<p>tosse no Vila União. De tudo um pouco.</p> <p>Aluna 8: <i>É mesmo, no período de chuva as crianças tem muita doença, muita gripe e tosse.</i></p> <p>Aluna 6: <i>É muito difícil nos postos de saúde ter o remédio e atendimento quando a pessoa precisa.</i></p> <p>Aluna 7: <i>É um sacrifício, viu, você está doente chega lá e não tem mais ficha. Chega de manhã cedo e sai só a noite, e olhe lá se sair, viu?</i></p> <p>Aluna 2: <i>Precisa de mais funcionários e medicamentos. Melhorar a estrutura também, ter outros atendimentos médicos.</i></p> <p>Aluna 8: <i>Quando não tem que esperar para o outro dia, vixe. (diálogo, m2)</i></p>
		<p>RELIGIÃO</p>	<p>Pesquisador: <i>E a Religião no Vila União?</i></p> <p>Aluno 1: <i>A maioria é católica, né, mas tem muita gente evangélica. Há preconceito com as pessoas evangélicas aqui, o povo não gosta muito, mas é claro que tem gente que é muito exagerado, mas não sou assim.</i></p> <p>Aluno 5: <i>A minha família é da Ubanda. Faz parte das religiões africanas, principalmente o meu pai.</i></p> <p>Aluno 1: <i>Eu não gosto muito destas coisas não.</i></p> <p>Pesquisador: <i>É esta religião faz parte da nossa cultura, é muito importante para todos nós.</i></p> <p>Aluno 6: <i>Aqui na Vila União tem uma Igreja, que eu acho muito bonita. E tem uma estátua próxima, perto da praça, que não sei o nome.</i></p> <p>Pesquisador: <i>Alguém sabe o nome da estátua?</i></p> <p>Aluno 6: <i>Vixe!!!</i></p> <p>Aluno 5: <i>Eu acho que é alguma coisa do Jorge Hélio. (diálogo,</i></p>

		<p>HISTÓRIA DO BAIRO</p>	<p>história deste bairro?</p> <p>Aluna 6: <i>Vixe!!</i></p> <p>Aluna 8: <i>Veio de investimento do povo, que foi comprando terreno, construindo casas por aqui, eu acho. Com o surgimento da ferrovia na região, eu acho que foi assim, eu ouvi falar nisto, mas não tenho certeza se é verdade. 26 anos</i></p> <p>Aluna 2: <i>Já procurei na internet, mas não tem não. Tem pouco conteúdo, lembro de uma matéria da televisão sobre o bairro que eu assisti com a minha família, vou tentar procurar alguma coisa em casa. Acho que foi bem recente, não me lembro agora direitinho. (diálogo, m2)</i></p> <p>Aluno 1: <i>Eu trouxe um texto que achei na internet, aquele da matéria que comentei no encontro passado. Vou ler um pouco do que encontrei para vocês: “José Iran é filho de um personagem ilustre do bairro aqui. Zé do Buzo conhecia todo o lugar e era um informador de endereços. Ele morreu no final de 2007 e deixou de herança para Iran, o dom de contar histórias através de cordéis. Na parede do bar tem uma foto de como era a Praça principal em 1962. Naquela época, a lanchonete da família já fazia sucesso. Se você acha que era muito diferente de hoje, imagine então em 1941. João, tio de Iran, lembra com riqueza de detalhes de como era a praça quando veio morar no bairro. ‘Quando viemos morar aqui, era um roçado. Depois, desse roçado fizeram um campo de futebol: a Vila União. Depois de muito tempo, o campo acabou e virou a praça’, relembra. Iran e João são figuras que representam a Vila União. Em comum, eles guardam o amor e o carinho pelo bairro que viram crescer. ‘A Vila União para mim é tudo. Aqui</i></p>
--	--	--------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>VALORIZAÇÃO DO BAIRRO</p> <p>PESQUISA DOCUMENTAL</p> <p>HISTÓRIA DO BAIRRO</p> <p>SAÚDE PERCEPÇÃO</p>	<p>vivem 17 mil pessoas. Segundo o comerciante, Menezes, gente simples e amiga. O bairro é cortado por uma linha férrea que liga a Parangaba ao Mucuripe, desde 1940. Tem um hospital referência no atendimento infantil. A praça e a igreja foram inauguradas em 1968. A Luciano Carneiro já foi uma das avenidas mais importantes de Fortaleza. Era o principal acesso ao antigo aeroporto Pinto Martins. Pessoas ilustres deixaram sua marca ao passar por lá. Em 1980, o papa João Paulo II circulou pelo Vila União numa visita histórica à Capital. A avenida Luciano Carneiro passa hoje, por uma obra de recuperação. Foi incluída no roteiro do Transfor, um projeto que recupera as vias de maior circulação da Capital.”</p> <p>Aluna 6: <i>Eu vi esta matéria na televisão, é muito bom ter o nosso bairro valorizado e divulgado para a cidade. Assim que não estive aqui ainda pode conhecer mais e que a prefeita possa ver o que precisa melhorar neste lugar. Não só perceber o que é ruim, mas também o que é bom. 18 anos, estudante</i></p> <p>Aluna 2: <i>Eu gostei muito de ver o Vila União na televisão. Foi muito bom! Quando anunciou eu e minha família combinamos de ver juntos e fomos lá. Foi rápido, uma matéria bem curtinha, de alguns minutos, mas deu para senti o gostinho de ser reconhecido na nossa cidade. Foi assim que me senti. (diálogo, m3)</i></p> <p>Aluna 7: <i>Foi muito boa a caminhada pela Vila União, principalmente pela praça. Lá dava para ver tudo, o Hospital que comentamos, o Supermercado, os colégios, os prédios, as casa, o campo de futebol, rua principal do bairro... foi um lugar bem central. Eu gostei muito.</i></p> <p>Aluno 10: <i>O Hospital é maior do</i></p>
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>EDUCAÇÃO</p>	<p><i>que imaginava, consegui ver melhor dali. Já entrei nele muitas vezes, mas tive a sensação de ser pequeno, agora eu me surpreendi (risos). Fiquei impressionado.</i></p> <p>Aluna 6: <i>Tem o colégio dos ricos da região bem perto dava pra ver direito. Sonho em colocar meus filhos lá, até liguei uma vez, mas foi complicado, sabia. É muito caro, né e ainda tem o material, o lanche, que é por minha conta.</i></p> <p>Aluna 7: <i>O canto que eu prestei atenção foi o supermercado, adoro ir com a minha patroa e ela deixa eu colocar umas coisas que eu gosto para mim e para a minha família. Acho um lugar legal daqui tem muita coisa gostosa para comer e para comprar, só falta o principal o dinheiro. Tem gente que tem muito, né, nem se preocupa com isto.</i></p> <p>Aluna 8: <i>Percebi que a praça é muito bem localizada. Dá para olhar para cima e ver todos os lugares da região que conversamos.</i></p> <p>Aluna 6: <i>É mesmo. Aqui tem muita praça, tem a outra que é mais animada, e tem esta agora que também é uma opção de lazer para as pessoas daqui, por que é bem pertinho.</i></p> <p>Aluno 10: <i>Mas, a praça não era assim, era só mato antes, agora é que estão reformando. Agora dá para passear, conversar, namorar, e tudo mais. Fiquei contente em ter ido para lá hoje. (diálogo, m4)</i></p>
		<p>LUGAR MAIS FREQUENTADO (PRAÇA)</p>	<p>Aluna 7: <i>Tem parquinho, lugar para correr, para passear, tem árvores, ficará melhor ainda depois da reforma, eu acredito que sim, a gente espera que venha a melhorar sempre.</i></p> <p>Aluno 1: <i>É um lugar bom para levar os meninos para brincar, mas tem que ter cuidado como está em</i></p>
		<p>LUGAR MAIS FREQUENTADO (PRAÇA)</p>	

		<p>MORADIA</p> <p>CAMINHADA COMUNITÁRIA</p>	<p><i>reforma, tem uns cantos que são mais perigosos que outros, para não cair lá em baixo, no canal. Tem que ter cuidado, não pode deixar as crianças vir brincar aqui só. Os pais tem que ter cuidado com os seus filhos e não deixar fazer o que quer, tem que dá limites.</i></p> <p>Aluno 10: <i>Eu achei muito massa para namorar e passear, eu já havia passado por lá, mas não havia tido tempo para conhecer direito. Foi bom!!!</i> (diálogo, m4)</p> <p>Pesquisador: <i>Que pessoas freqüentavam a praça?</i></p> <p>Aluno 1: <i>Há gente de todo tipo. Pessoas correndo, fazendo exercícios, crianças brincando com os pais, jovens namorando, idosos palestrando... Pessoas assim como nós que moram aqui por perto. Umás mais ricas, outras mais pobres, umas mais ou menos.</i></p> <p>Aluno 10: <i>Vi uma colega minha do trabalho lá caminhando na hora...</i> (diálogo, m4)</p> <p>Quando andei senti diferença nas casas, de um lado, tinha casas muito finas, arrumadas, não tinha muito movimento na rua, bem diferente do que acontece normalmente no Vila União. <i>Somente um catador na calçada recolhendo o lixo. Um silêncio nas ruas. Tudo parado. Só um carro entrando na garagem, nem vi a pessoa entrando nem saindo, tudo muito assim, estranho, né. Sem movimento. Tudo diferente, no mesmo bairro vemos coisas diferentes a cada dia que nos surpreende assim de um jeito estranho, sei nem explicar. (aluna 7, m4)</i></p> <p>Aluno 10: <i>Eu não fiquei reparando</i></p>
--	--	-------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>CAMINHADA COMUNITÁRIA</p> <p>PARTICIPAÇÃO NO GRUPO</p> <p>CAMINHADA COMUNITÁRIA</p>	<p><i>nas casas dos outros, não é da minha pessoa estas coisa.</i></p> <p><i>Aluna 5: Eu gosto.</i></p> <p><i>Aluna 7: Eu fiz por que num era para olhar as coisas da comunidade, quando estávamos andando por ela, então? (diálogo, m4)</i></p> <p><i>Quando caminhamos é que realmente conhecemos o lugar, quando ando de ônibus pelos cantos é tão rápido que não dá para notar nada, né. Mas, caminhando é diferente, você passa por cada lugar e ele fica marcado em você de alguma forma. Eu já havia passado diversas vezes por esta praça, desta foi diferente, consegui passar com calma e perceber a importância para a nossa comunidade e sua boa localização, num precisa andar muito para ir ao médico, comprar alguma coisa, ir ao colégio... (aluno 1, m4)</i></p> <p><i>Acho que escolhemos por ser um lugar que dá para ver tudo na região, um lugar que representa o que comentamos ontem, os lugares que tem na Vila União, como a saúde, a educação, o transporte, a cultura, a arte... Foi boa a caminhada, vocês foram com a gente, é diferente das que acontecem no ProJovem, que vamos caminhando e os professores vão de carro, eles não acompanham a gente, podemos ir brincando, conversando, tem gente que vai embora depois da presença e pronto. Isto desmotiva os alunos, sabe. Vocês foram com a gente, conversando com a gente, perguntando algumas coisas... foi bem diferente. (aluno 1, m4)</i></p> <p><i>Eu gostei, por que a caminhada fez com que a conversa toda</i></p>
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>PROJOVEM URBANO</p> <p>CAMINHADA COMUNITÁRIA PROJOVEM URBANO</p>	<p><i>chegasse na nossa discussão sobre o ProJovem daqui mesmo, nem sei como isto aconteceu né. Foi assim que foi... (aluno 10, m4)</i></p> <p><i>Foi um dia super produtivo, caminhamos, conhecemos mais a nossa comunidade, o nosso bairro, e também pudemos falar algumas coisas que estavam engasgados sobre o ProJovem, foi um bom desabafo de todos nós, acredito. Uns ficaram mais calados, outros falaram mais, foi muito bom, por que mesmo os mais calados também parecem que estavam dizendo e concordando com o que estávamos comentando, não sei, tudo muito bom e confuso também. (aluno 1, m4)</i></p> <p><i>Eu gostei bastante. Foi bom, divertido até esta forma de ensinar, né. Não entendia por que tinha caminhada no ProJovem agora fica mais claro para mim o que é, por que é, e assim tudo ficou mais tranquilo. (aluno 6, m4)</i></p>
	<p>2.2 – Conhecendo o ProJovem Urbano e a interação pessoa-ambiente pelas Trilhas Urbanas</p>	<p>2.2.1 – CAMINHADA AMBIENTAL PELA ESCOLA</p> <p>PERCEPÇÃO</p>	<p><i>Acho que foi bom. Consegui vê das nossas salas a comunidade, não tinha parado ainda para olhar isto. Tem uma vista muito bonita. Vou passar algumas vezes por aqui e vou olhar. Chego aqui, troco a minha roupa e vou logo para a sala. E nem ligo para nada, se faz lua, se o céu está estrelado, se tem movimento na rua, nem aí. Vou começar a perceber isto. Lá parece uma varanda e nunca havia notado direito, é bom para pensar na vida. (aluna 12, t2)</i></p> <p><i>Vi a Horta, nem sabia que aqui tinha, sabiam, mulher? Achei muito bonita, deveríamos fazer um trabalho lá em alguma aula, né. Quem sabe agente aprende mais.</i></p>

		<p>PERCEPÇÃO</p> <p>VINCULAÇÃO PESSOA AMBIENTE</p> <p>CAMINHADA AMBIENTAL PELA ESCOLA</p> <p>PERCEPÇÃO LIXO</p>	<p><i>Tem coisa aqui que nunca nem vi direito, mas sou nova, né. (aluno 14, t2)</i></p> <p><i>Foi interessante! Eu vi um sapato no teto da escola nunca tinha reparado nisso, foi legal. (aluno 13, t2)</i></p> <p><i>Foi bom! Eu me senti bem em passear pelo colégio, me sinto bem aqui, tem dificuldades, mas é bom estudar aqui, fica perto de casa e tem um espaço bom. O lugar que eu mais gostei foi a quadra, deu aquela sensação de liberdade, é um espaço amplo, bem arejado e bem localizado no colégio. (aluna 15, t2)</i></p> <p><i>A quadra é muito boa! (aluno 14, 24 anos, vendedor, t2)</i></p> <p><i>Achei bem diferente, nunca tinha realizado uma caminhada assim, sempre pela comunidade, mas na escola foi à primeira vez, me senti diferente em relação a ela. Foi melhor, eu gostei. (aluna 15, t2)</i></p> <p><i>Pesquisador: O que falta para melhorar?</i></p> <p><i>Aluno 15: Melhorar a questão do lixo, colocar no dia certo para que venham fazer a coleta. Colocar em sacos, pois tem gente que coloca sem nada no meio da rua, nem em um saco, tudo espalhado. (18 anos, estudante)</i></p> <p><i>Aluno 12: Na minha opinião, eu percebi que tem pessoas que colocam muito lixo nas ruas por aqui. Percebi entulhos e um colchão no meio da rua e fiquei impressionada. Não havia notado isto na ida, somente na volta. E nem havia percebido quando vim de casa, fico abismada com estas coisas. Tem muita gente que não tem consciência disto mesmo,</i></p>
--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>RESPONSABILIDADE NOS AGENTES EXTERNOS</p> <p>MORADIA</p> <p>DINÂMICA DA COMUNIDADE</p>	<p><i>precisa ter educação que vem de casa, joga tudo no lixo, ta nem aí, não percebe que está prejudicando o meio ambiente, os outros, a si, a comunidade e o resto. Imagine a casa destas pessoas deve ser uma imundice.</i></p> <p>Aluna 15: <i>Alguém tem que tomar uma providência para tirar todos estes entulhos. Quem poderia fazer isto eu não sei mesmo. E a outra parte da comunidade, que não vimos como num é que é... imagino!</i> (diálogo, t3)</p> <p>Aluna 12: <i>Eu achei normal, as casas daqui são bem parecidas, e quando chega naquele canto fica ainda mais.</i></p> <p>Aluna 16: <i>Não concordo, eu achei diferente. Não sei se eu moro é um beco tão pequeno, que as casas são tudo iguais. Tudo igual mesmo, você olha para um lado é igual, para o outro também, não vê nem parede separada, não. Vê uma parede só e tudo do mesmo jeito.</i></p> <p>Aluna 15: <i>Eu moro perto, é bem assim mesmo. Parece exagero, vocês tem que conhecer, é deste jeito. E eu gosto muito de lá.</i> (Risos)</p> <p>Aluno 14: <i>Vi o pessoal sentado na calçada conversando, o pessoal chega do trabalho, vai assistir a novela e bater papo no meio rua. Fala da vida alheia que é uma beleza. Do outro lado é mais tranqüilo assim é o povo mais rico, não tem muito movimento, eu já fui lá e não gosto mesmo. Prefiro aqui, o povo bagunça, farreia, faz confusão...</i> (diálogo, t3)</p> <p><i>Eu não sou de ficar prestando atenção na casa dos outros. Eu não gosto, vem de mim mesma. Não gosto de ficar reparando nestas</i></p>
--	--	-------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>CAMINHADA AMBIENTAL PELA COMUNIDADE</p> <p>INTERAÇÃO PESSOA E AMBIENTE</p>	<p><i>coisas, não tô dizendo mesmo. Realmente eu não gosto. (aluna 16, t3, p. 27).</i></p> <p><i>(A praça) estava bem lotada do jeito que eu gosto, encontrei uns conhecidos por lá, observei a igreja, o pessoal tudo comendo churrasquinho, o pessoal no bar tomando umas, do outro lado o povo preparando o som para mais tarde, as crianças brincando tomando sorvete, né. É esta a nossa realidade, eu gosto é disto. É uma diversão boa perto de casa. (aluna 13, t3)</i></p> <p><i>Aluna 15: Eu acho assim, né, que quem faz o ambiente é a pessoa. Na rua onde eu moro cada um faz a sua parte, cada um limpa a sua calçada, observa a limpeza da sua rua, quem faz o ambiente é a pessoa. Ninguém joga o lixo no meio da rua assim não, seria horrível. E a gente faz a nossa parte. Quando vê alguém fazendo alguma coisa errada, reclama e diz que você não pode fazer isto, por que está prejudicando a rua e os outros. Tem umas falações, mas isto tem em todo lugar, né. A gente tenta não ligar, mas gente faladeira tem em toda esquina. O que importa mesmo é quando você precisa você saber que tem alguém que pode te ajudar, que pode olhar os meninos, que te empresta um pouco de farinha, que olha a sua casa quando viaja, ou quando vai fazer um passeio. Eu acho assim, que quem faz o ambiente mesmo são as pessoas que moram neste lugar e as amizades mesmo.</i></p> <p><i>Aluna 14: É mesmo, é um povo muito unido, é um canto muito bom de se morar, eu gosto.</i></p> <p><i>Pesquisador: Como assim, quem faz o ambiente é a pessoa? Vocês concordam com a observação da</i></p>
--	--	-------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>INTERAÇÃO PESSOA E AMBIENTE</p> <p>CAMINHADA AMBIENTAL PELA COMUNIDADE</p>	<p>colega?</p> <p>Aluna 12: <i>Acho que as pessoas que dão vida ao ambiente, as pessoas que colocam o que pensam e suas atitudes modificam sim o ambiente, como já vimos na aula. Se a galera da comunidade joga lixo no chão, não é educada suficiente, a comunidade também será suja e feia, é assim. Se o povo tem consciência das coisas, limpa tudo, preserva as coisas, ela terá uma comunidade de respeito, bem limpa e organizada. E quando alguém passa diz que galera educada, né.</i></p> <p>Aluno 15: <i>Eu concordo!</i></p> <p>Aluno 18: <i>Eu também!</i> (diálogo, t3)</p> <p>Pesquisador: <i>Vamos finalizar o encontro fazendo uma breve avaliação de como foi, o que acharam, se gostaram, se não gostaram, o que não gostaram, o que poderia ser melhorado, se foi importante, se não foi, entre outros. Fiquem a vontade para falar o que sentiram neste momento.</i></p> <p>Aluna 16: <i>Para mim foi ótimo, eu andei pela comunidade, conheci mais das coisas que acontecem lá, foi bem proveitoso mesmo que a noite. Mas, é o único horário que nos poderíamos mesmo, então teria que ser este mesmo, né. Foi bom!!!</i></p> <p>Aluno 12: <i>Para mim também, foi bem interessante, pude pensar sobre a moradia, o lixo, as ruas, a comunidade e tudo mais.</i></p> <p>Aluna 17: <i>Para mim foi bom, apesar de ter muita gente na praçinha, que fiquei envergonhada.</i></p> <p>Aluna 18: <i>Foi bom!!!</i> (diálogo, t3, p. 30-31)</p>
--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)

Meu nome é Deyseane Maria Araújo Lima, sou psicóloga e estudante do mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Iniciarei uma pesquisa com o título **“Mapeamento Psicossocial Participativo e Trilhas Urbanas: Discussões sobre as Metodologias de facilitação da Inserção comunitária no ProJovem Urbano”** e gostaria de convidar-lhe a participar desta pesquisa. A sua participação é importante, porém, você não deve aceitar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Na escola em que você estuda, realizarei uma pesquisa com o objetivo de estudar a relação que você tem com a sua comunidade, com o intuito de melhorar a prática do profissional de psicologia e de sua atuação com os jovens.

Desenvolveremos as atividades de campo, com a frequência semanal, com a realização de metodologias que permitem uma visita a comunidade com auxílio do pesquisador. Após a realização destas visitas a comunidade conversaremos um pouco sobre como foi a sua realização, como vocês sentiram e perceberam nossos encontros. Para isto, utilizarei a gravação, as anotações e as fotografias, de acordo com a sua permissão, para que as informações obtidas nesta atividade de campo sejam melhores analisadas.

Gostaria, ainda, de esclarecer que:

- 1) A sua aceitação/autorização deverá ser de livre e espontânea vontade;
- 2) Você não ficará exposto a nenhum risco ou problema ao participar desta pesquisa;
- 3) A identificação de todos os envolvidos na pesquisa será mantida em segredo;
- 4) As informações adquiridas pela sua participação não serão divulgadas fora de ambientes científicos entre estudiosos do assunto, garantindo o sigilo e a sua não-identificação.
- 5) A qualquer momento, você poderá desistir de participar dessa pesquisa, sem que isso traga qualquer problema a você;
- 6) Você não receberá nenhum pagamento para participar dessa pesquisa.

Desta forma, somente depois de ter entendido o que foi explicado, é que você deverá assinar este documento em duas vias, sendo que uma delas ficará com você e a outra ficará comigo.

A sua participação nesta pesquisa promove que novas idéias sobre a psicologia e a criação de novas formas de atuação na área e, conseqüentemente, para a melhoria das atividades educativas realizadas com jovens.

Endereço d(os,as) responsável(eis) pela pesquisa:

Nome: Deyseane Maria Araújo Lima

Instituição: Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Ceará

Endereço: Rua Lauro Maia, 618 – Fátima. Telefone p/contato: 87985126

**ATENÇÃO: Para informar qualquer questionamento durante a sua participação no estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará
Rua Coronel Nunes de Melo, 1127 Rodolfo Teófilo
Telefone: 3366.8338**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)

O abaixo-assinado, _____,
_____ anos, RG nº _____ declara que é de livre e espontânea

vontade que está participando como voluntário da pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura tive oportunidade de fazer perguntas sobre o conteúdo do mesmo, como também sobre a pesquisa e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro ainda estar recebendo uma cópia assinada deste Termo.

Fortaleza, ____ / ____ / ____

Nome do voluntário	Data	Assinatura
Nome do pesquisador	Data	Assinatura
Nome do profissional que aplicou o TCLE	Data	Assinatura

ANEXO B: APROVAÇÃO NO CÔMITE DE ÉTICA



Universidade Federal do Ceará
Comitê de Ética em Pesquisa

Of. Nº 256/09

Fortaleza, 28 de agosto de 2009

Protocolo COMEPE nº 260/ 09

Pesquisador responsável: Deyseane Maria Araújo Lima

Deptº./Serviço: Escola Papa João XXIII

Título do Projeto: "Mapeamento psicossocial participativo e trilhas urbanas: discussões sobre as metodologias de facilitação da inserção comunitária no projoovem urbano"

Levamos ao conhecimento de V.S^a. que o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará – COMEPE, dentro das normas que regulamentam a pesquisa em seres humanos, do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde, Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e complementares, aprovou o projeto supracitado na reunião do dia 27 de agosto de 2009.

Outrossim, informamos, que o pesquisador deverá se comprometer a enviar o relatório final do referido projeto.

Atenciosamente,

Mirian Parente Monteiro

Dra. Mirian Parente Monteiro
Coordenadora Adjunta do Comitê
de Ética em Pesquisa
COMEPE/UFC